



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

MÁRCIA SOCORRO FERREIRA DE ANDRADE

POR UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO DE FRASEOLOGISMOS DO ESPANHOL
BASEADO NA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

FORTALEZA
2007

MÁRCIA SOCORRO FERREIRA DE ANDRADE

POR UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO DE FRASEOLOGISMOS DO ESPANHOL
BASEADO NA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lexicografia, Processamento da Linguagem e Metáfora

Orientadora: Dra. Paula Lenz Costa Lima

FORTALEZA
2007

MÁRCIA SOCORRO FERREIRA DE ANDRADE

POR UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO DE FRASEOLOGISMOS DO ESPANHOL
BASEADO NA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

POR UN GLOSARIO DIDÁCTICO DE FRASEOLOGISMOS DEL ESPAÑOL
BASADO EN LA TEORÍA DE LA METÁFORA CONCEPTUAL

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lexicografia, Processamento da Linguagem e Metáfora

Orientadora: Dra. Paula Lenz Costa Lima

Aprovada em 21/08/07

Nota obtida: 9,5

Banca Examinadora

Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Faria
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará

Dedicatória

Aos meus pais,
Antonio Nonato de Andrade e
Maria Otaciana Ferreira de Andrade

Agradecimentos

- A Deus que, apesar de silencioso, nunca me permitiu sentir-me realmente só;
- À FUNCAP, pelo apoio financeiro que viabilizou a execução deste trabalho;
- À Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima, orientadora desta dissertação, pelas importantes lições intelectuais, pelos empréstimos de materiais de suma importância para a presente pesquisa e pela amizade dispensada;
- Ao Prof. Dr. Luciano Pontes, por sua participação no desenvolvimento e nos avanços deste trabalho, por seus empréstimos de livros e artigos e pelos minutos preciosos de sua atenção;
- À Profa. Ms. Marisa Ferreira Aderaldo, que foi referencial profissional durante a Graduação do Curso de Letras;
- À Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago, pelas importantes considerações na qualificação de meu projeto de pesquisa;
- À estimada amiga Ísis Lopes Aragão, com quem estudei desde o Ensino Médio até a Graduação do Curso de Letras, por ter sido quem despertou em mim o interesse pela pesquisa acadêmica, dispondo-se desde os primeiros instantes a me auxiliar;
- À amiga de todas as horas, Patrícia Moreira Sampaio, pelas vezes (que não foram poucas) em que teve a paciência e a disposição de me escutar;
- À estimada amiga Maria Ailsa, pela amizade e compreensão que me dedicou sempre que a procurei, e pela biblioteca que me disponibilizou quando necessitei;
- Ao meu pai, Antônio Nonato de Andrade, pela maravilhosa herança que me deixou: o amor pelos estudos, também por sua paciência e por sua serenidade, tão importantes na longa escalada de quem opta pela vida acadêmica ;
- À minha mãe, Maria Otaciana Ferreira de Andrade, por cuidar de mim com tanta dedicação e por participar de todos os meus sucessos como se fossem seus, além de estar sempre ao meu lado nos momentos difíceis;
- À professora Dra. Maria Eugênia Olímpio pela amabilidade e ajuda nos assuntos referentes à pesquisa fraseológica, sempre que a procurei via e-mail;

- Aos professores do CMLA que demonstraram amizade, compromisso, interesse pela educação e competência sempre que os consulte;
- À minha irmã Tatiana Ferreira de Andrade e ao meu cunhado Francisco Almeida Barroso, por palavras de ânimo que souberam me dar quando necessitei, e por terem me acolhido em sua casa sempre que necessário foi;
- À minha irmã Nádia Ferreira de Andrade pelas vezes que renunciou usar o computador para que eu pudesse estar avançado na redação deste trabalho;
- Ao excelente profissional Victor Yure Esmeraldo Ferreira, por todas as vezes que corrigiu os problemas de meu computador, evitando que a conclusão deste trabalho fosse ameaçada;
- A todos os meus queridos amigos que não foram nominalmente citados aqui, sintam-se incluídos nos meus agradecimentos, por compreenderem a minha ausência durante os meses de produção acadêmica.

“(...) porque las palabras no las hacen los académicos, sino la gente en la calle. Los autores de los diccionarios las capturan casi siempre demasiado tarde, las embalsaman por orden alfabético, y en muchos casos cuando ya no significan lo que pensaron sus inventores”

Gabriel García Márquez

RESUMO

Esta dissertação apresenta um modelo de macro e de microestrutura para um glossário monolíngüe em espanhol de unidades fraseológicas usadas para expressar raiva. A pesquisa se dá à luz da teoria da metáfora conceitual, que afirma a existência de metáforas conceituais em nosso sistema ordinário conceitual através do qual pensamos e agimos (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Foram analisadas 18 unidades fraseológicas com o objetivo de identificar as suas metáforas conceituais subjacentes para usa-las na composição de nossa proposta de macroestrutura onomasiológica por temas metafóricos. Identificamos duas metáforas, baseadas na experiência humana com a raiva em dois aspectos: uma relacionada a líquidos quentes em recipientes (A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE), e a outra ligada ao fogo (A RAIVA É FOGO). Cada uma dessas metáforas introduz, em nossa proposta, um grupo com nove verbetes, cujas entradas são os fraseologismos licenciados por elas. Propomos, ainda, uma microestrutura constituída pelos elementos: entrada, referência gramatical, referência sintática, definição, além do contexto e de sua fonte. As definições foram elaboradas com base nas imagens metafóricas que licenciam os fraseologismos. Concluimos com algumas sugestões didáticas para a aplicação, em sala de aula, da proposta delineada.

Palavras-chave: fraseologismos, metáforas conceituais, glossário

RESUMEN

Esta disertación presenta un modelo de macro y de microestructura para un glosario monolingüe de unidades fraseológicas usadas para expresar la rabia en español. La investigación se da a la luz de la teoría de la metáfora conceptual, que afirma la existencia de metáforas conceptuales en nuestro sistema ordinario conceptual a través del cual pensamos y agimos (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Fueron analizadas 18 unidades fraseológicas con el objetivo de identificar sus metáforas conceptuales subyacentes para usarlas en la composición de nuestra propuesta de macroestructura onomasiológica por temas metafóricos. Identificamos dos metáforas, basadas en la experiencia humana con la rabia en dos aspectos: una relacionada a fluidos calientes en contenedores (LA RABIA ES UN FLUIDO CALIENTE EN UN CONTENEDOR), y la otra relacionada al fuego (LA RABIA ES FUEGO). Cada una de esas metáforas introduce, en nuestra propuesta, un grupo con nueve artículos, cuyas entradas son los fraseologismos licenciados por ellas. Proponemos, aún, una microestructura constituida por los elementos: entrada, referencia gramatical, referencia sintáctica, definición, además del contexto e de su fuente. Las definiciones fueron elaboradas con base en las imágenes metafóricas que licencian los fraseologismos. Concluimos con algunas sugerencias didácticas para la aplicación, en sala de clase, de la propuesta delineada.

Palabras clave: fraseologismos, metáforas conceptuales, glosario

Lista de Abreviaturas

atrib. - atributo

compl. – complemento

CREA – *corpus* de referência do espanhol atual

DFEM – dicionário fraseológico do espanhol moderno

DLVE – dicionário de locuções verbais para o ensino do espanhol

e.g. – exemplo

GOLVE – glossário onomasiológico de locuções verbais do espanhol

l.v. - locução verbal

o.d. – objeto direto

v. – verbo

Lista de Quadros e Figuras

Quadros

Quadro 1 - Composição textual do CREA.....	66
Quadro 2 - Composição do CREA: critérios geográficos.....	67
Quadro 3 - Ocorrências das unidades fraseológicas em três dicionários impressos, em um geral e em <i>corpus</i> eletrônico.....	72
Quadro 4 - Relação entre unidade fraseológica e metáfora conceitual.....	74
Quadro 5 - Sinopse da distribuição das metáforas e das expressões metafóricas...	81

Figuras

Figura 1 - Metáfora e metonímia.....	32
Figura 2 - <i>Continuum</i> de idiomaticidade e fixação.....	40
Figura 3 - Consulta do CREA: janela principal.....	69
Figura 4 - Resultado da Consulta.....	70
Figura 5 - Concordâncias de <i>hervir la sangre</i> no CREA.....	71
Figura 6 - A imagem da RAIVA em espanhol.....	76

Sumário

Lista de Abreviaturas.....	09
Lista de Quadros e Figuras.....	10
 Introdução.....	 13
Capítulo 1	
O lugar das unidades fraseológicas nos modelos lingüísticos	20
1.1. Modelo clássico.....	20
1.2. Modelo estruturalista.....	22
1.2.1. Modelo componencial.....	25
1.3. Modelo gerativista.....	26
1.4. Modelo da lingüística cognitiva.....	28
1.4.1. Modelo conceitual de Lakoff e Johnson.....	29
1.5. Unidades fraseológicas: definição, delimitação e classificação.....	34
Capítulo 2	
Ensino-aprendizagem de unidades fraseológicas e uso de dicionários.....	45
2.1. Uma “Paleolexicografia” de fraseologismos espanhóis.....	46
2.1.1. Dicionários monolíngües gerais.....	46
2.1.2. Dicionários monolíngües especiais de fraseologismos.....	47
2.1.3. Ordenação fraseológica em dicionários: métodos de agrupamento.....	49
a) Agrupamento alfabético.....	49
b) Agrupamento por palavras-chave.....	50
c) Agrupamento tipo tesouro.....	52
d) Agrupamento baseado em metáforas.....	52
2.2. Um glossário onomasiológico de locuções verbais da RAIVA.....	53
Capítulo 3	
A RAIVA: uma emoção e duas metáforas.....	60
3.1. A coleta.....	60
3.2. Metáforas da RAIVA.....	71
Capítulo 4	
A proposta do glossário.....	80

4.1. A macroestrutura.....	84
4.2. A microestrutura.....	81
4.2.1. A entrada.....	84
4.2.2. A referência gramatical.....	85
4.2.3. A referência sintática.....	85
4.2.4. A definição.....	85
4.2.5. O contexto.....	87
4. 3. Glossário demonstrativo	89
4.4. Aplicação pedagógica para o GOLVE.....	92
Considerações finais.....	98
Referências bibliográficas.....	102
Apêndices.....	106

INTRODUÇÃO

Em nossa práxis como professora de língua espanhola, na cidade de Fortaleza, percebemos a dificuldade que os alunos cearenses possuem com a compreensão e a produção de unidades fraseológicas não especializadas da língua espanhola. A fim de contribuir para amenizar essa problemática, e a partir do conhecimento de que dicionários e demais obras lexicográficas podem ser importantes ferramentas no ensino de fraseologismos, desenvolvemos a presente pesquisa para construir uma proposta de modelo para a macro- e a microestrutura de um glossário fraseológico de espanhol com fins didáticos.

Dentro da categoria genérica unidades fraseológicas, distinguem-se as pertencentes à linguagem especializada (terminologia técnica e profissional) da fraseologia de âmbito não especializado (linguagem comum). Interessa-nos somente a segunda classe. Dentro desse grupo Corpas Pastor (1996) subcategoriza as colocações, as locuções e os enunciados fraseológicos (provérbios e fórmulas situacionais). Além disso, cada uma dessas subcategorias está suscetível de ser subdividida. Por exemplo, as locuções, escolhidas dentre os demais fraseologismos para compor nosso *corpus*, segundo Corpas Pastor (*ibidem*), dividem-se em: nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas e clausais. Nossa coleta para a elaboração dos verbetes, neste trabalho, restringiu-se às locuções do tipo verbal, devido ao alto grau de figuratividade que a maioria apresenta o que nos permitiu organizar os verbetes sob metáforas subjacentes.

O modelo de glossário que sugerimos é monolíngüe, em espanhol, e inclui uma macroestrutura onomasiológica por metáforas conceituais. Sua microestrutura está composta pelos elementos: entrada, referência gramatical, referência sintática, definição, contexto e fonte do contexto. Destina-se a professores de espanhol, a fim de lhes servir como material suplementar para aumentar a capacidade de produção de unidades fraseológicas do espanhol por alunos brasileiros dos níveis intermediário e avançado. Portanto, sua principal utilidade é cumprir com a função de produção, em outras palavras, auxiliar na elaboração de mensagens que incluam unidades fraseológicas em uma língua estrangeira. Para tanto, baseamo-nos na Lingüística Cognitiva, que vê a organização metafórica como um recurso cognitivo

de organização do conhecimento que influencia na forma de armazenagem e recuperação de informações (e.g. fraseologismos).

É de nosso conhecimento a existência de algumas importantes obras lexicográficas espanholas que, apesar de poucas, têm contribuído para o ensino-aprendizagem de unidades fraseológicas. Algumas delas trazem listagens por ordem alfabética, como é o caso de Penadés Martínez (2002), outras, por palavras-chave, ordenadas alfabeticamente, a exemplo de Kubarth e Varela (1994). Entretanto, existem mais formas de se dispor macroestruturalmente essas expressões, como por exemplo, o arranjo baseado em temas metafóricos, sugerido por Kövecses e Szabó (1996) e adotado por nós na presente proposta de glossário.

Para se compreender a lógica da mencionada ordenação lexical por temas metafóricos é importante conhecer a teoria da metáfora conceitual. A metáfora, conforme ressalta Zanotto et al (2002, p.13) na apresentação à edição brasileira de sua tradução de Lakoff e Johnson (1980): “se torna objeto de interesse central nas ciências humanas, mais especificamente, das ciências da linguagem e da Psicologia Cognitiva”, a partir de 1970. Um momento importante para a evolução dos estudos sobre a linguagem metafórica, que culmina com o livro de Lakoff e Johnson (1980), ocorre quando Reddy (1979) analisa enunciados usados por nativos de inglês para falar do fenômeno da comunicação. O autor percebe que a forma como as pessoas entendem a comunicação é resultado de uma estrutura semântica real da língua, conhecida como metáfora do canal. Em outras palavras, Reddy (*ibidem*) demonstra, por meio da análise de algumas expressões lingüísticas, que entendemos a linguagem como um canal, pelo qual transferimos pensamentos de uma pessoa para outra (e.g. vou tentar passar o que tenho na cabeça), através de palavras que, por sua vez, são recipientes nos quais inserimos nossos pensamentos (e.g. não consigo pôr minhas idéias em palavras).

Seguindo a mesma trilha de Reddy (*ibidem*), Lakoff e Johnson (1980) realizam uma ampla análise de expressões lingüísticas cotidianas e inferem que existe um sistema conceitual metafórico subjacente à linguagem, que influencia nosso pensamento e nossa ação. Esses autores verificam que o homem usa sistematicamente metáforas para expressar os mais diversos temas. Por exemplo, fala de discussão como se fosse guerra (e.g. ele está perdendo terreno nessa discussão), de teorias como se fossem edifícios (e.g. a estrutura da teoria fica

totalmente abalada com esta nova descoberta), de idéias como se fossem frutas (e.g. meu pensamento ainda precisa ser amadurecido). Segundo Lima (2003, p.156):

A observação de que a linguagem como um todo é impregnada de metáforas levou vários estudiosos a terem uma nova visão da mente. A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso (LIMA, 2003, p.156).

A partir dessa nova perspectiva, os estudos tradicionais sobre a linguagem figurada e especificamente as unidades fraseológicas, objeto deste estudo, merecem ser revistos, principalmente, os conceitos clássicos sobre a sua arbitrariedade. Nós, conforme a teoria da metáfora conceitual (LAKOFF e JOHNSON, 1980) e com base em Lakoff e Turner¹ (*apud* LIMA, 2003, p.157), acreditamos que várias unidades fraseológicas, das mais diversas línguas, dependem de metáforas conceituais para serem compreendidas. Apesar de algumas críticas que, porventura, possam surgir aos estudos sobre a teoria da metáfora conceitual, devemos ressaltar que ao utilizar a metáfora, adotada por Lakoff e Johnson (1980), na descrição da estrutura subjacente de unidades fraseológicas, é possível ensiná-las de forma não arbitrária, mas motivada, buscando facilitar a sua compreensão e, conseqüentemente, a sua utilização.

Entretanto, a visão clássica das unidades fraseológicas considera a arbitrariedade o aspecto essencial dessas combinações de palavras. Tanto que, o protótipo dessa categoria, principalmente, na tradição norte-americana, são as expressões caracterizadas pela presença de alto grau de idiomaticidade (as conhecidas expressões idiomáticas). No entanto, essa característica não é, necessariamente, absoluta. A fraseologia não admite oposições binárias (e.g. idiomático *versus* não idiomático, fixo *versus* não fixo), mas sim, graduáveis. Ruiz Gurillo (1997, p.82) fala de um *continuum* idiomático. Segundo essa perspectiva, não é adequado polarizar as fraseologias em idiomáticas e não idiomáticas. Na verdade, todas possuem essa característica em níveis graduáveis e, em muitas unidades fraseológicas (tanto nas colocações, como nas locuções, nos provérbios e nas

¹ LAKOFF, G. e TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic language*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

fórmulas situacionais) é possível identificar a base metafórica que licencia o seu significado.

Além da atenção dada à idiomaticidade, a definição para unidade fraseológica também costuma se basear na fixação. Tal demarcação fundamenta-se no princípio de composicionalidade, que, segundo Chierchia (2003, p.39), tem suas primeiras formulações em obras de Frege e é uma das tentativas da Semântica Formal de explicar o significado. Nessa perspectiva, os fraseologismos não são composicionais, posto que seus significados globais não são resultados da soma de suas partes constituintes. Entretanto, a Linguística Cognitiva, através da teoria da metáfora conceitual, aponta uma nova perspectiva para a compreensão dessas estruturas, que supera a idéia de traços mínimos de significação.

Para a Linguística Cognitiva ², o significado não está no mundo, mas na forma como compreendemos o universo e como nos comunicamos. O significado, além de ser produto de nossas experiências sensório-motoras com o meio em que vivemos, é elaborado nas práticas discursivas social e culturalmente situadas, conforme apontam Mondada e Dubois (2003, p. 17). Dessa forma, “categorias e objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos” (MONDADA E DUBOIS: *ibidem*). Por exemplo, falamos da RAIVA (e de outras emoções), baseados em alguns conceitos centrais em termos dos quais nossos corpos funcionam – PARA CIMA / PARA BAIXO (e.g. meu sangue já está subindo à cabeça de tanta raiva), DENTRO – FORA (e.g. senti tanta raiva que soltava fogo pelos ouvidos), QUENTE – FRIO (e.g. estou com a cabeça quente de tanto ouvir suas mentiras).

Com base nesses pressupostos teóricos e em experimentos como os de Boers e Demecheleer (1998) e Boers (2000), em propostas pedagógicas como a de Lazar (2003), em modelos lexicográficos como o do *Collins Cobuild* (1995) e em guias metafóricos como o de Deignan (1997), abordamos, com fins didáticos, o tratamento lexicográfico de unidades fraseológicas do espanhol, especificamente, das locuções verbais, pertencentes ao domínio da RAIVA.

² Centros importantes de linguística cognitiva encontram-se na Universidade da Califórnia, tanto em San Diego como em Berkeley, onde, junto a outros autores, Langacker (1986; 1987) e Lakoff (1986) trabalham a metáfora na perspectiva experiencialista.

Dentre as cinco emoções criteriosamente investigadas em Kövecses (1989), escolhemos apenas a RAIVA, por ser uma emoção considerada exemplo prototípico da categoria (KÖVECSES, *ibidem*). Nosso *corpus*, portanto, compõe-se de locuções verbais sobre o domínio-alvo RAIVA e o obtivemos, inicialmente, de uma filtragem de dicionários fraseológicos impressos. Posteriormente, consultamos o *corpus* eletrônico CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*), que consiste em um banco de dados com textos reais nas modalidades escrita e oral, elaborado pela Real Academia Espanhola, e que nos serviu para a contextualização das locuções verbais coletadas. Seleccionamos 18 locuções sobre RAIVA e identificamos uma metáfora conceitual principal (ou arquimetáforas): A RAIVA É CALOR, que pode apresentar-se em duas versões diferentes: A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE e A RAIVA É FOGO. Vale mencionar que, embora nosso enfoque recaia especificamente sobre o ensino de fraseologismos em espanhol, as análises aqui apresentadas podem estender-se ao ensino de outras línguas estrangeiras. Verifica-se, principalmente, a sua aplicabilidade ao ensino de inglês, posto que, de acordo com as observações de Kövecses (1989), essas metáforas são comuns ao inglês e bastante produtivas para o domínio-alvo mencionado.

É importante salientar que todas as unidades fraseológicas (colocações, locuções, provérbios e fórmulas situacionais) que aparecem nesta dissertação como exemplos estão marcadas em *itálico* na língua estrangeira (e.g. *echar chispas*). Sua tradução literal é fornecida entre aspas simples (e.g. 'soltar faíscas'). A equivalente, em português, de modo geral, aparece no texto, caso contrário, deve-se buscá-la nos Apêndices. Salientamos que no caso em que não encontramos uma equivalente fraseológica em português do Brasil, fornecemos apenas a explicação do sentido (e.g. *listo de manos* significa ter destreza para furtar ou tirar proveito de algo). Vale explicar que a opção por se fazer a tradução ao literal no corpo do texto desta dissertação é para demonstrar que o significado de muitas dessas expressões não é facilmente identificável a partir de suas partes constituintes, ou seja, são, sob a perspectiva tradicional, arbitrárias.

Nosso trabalho compõe-se de 4 capítulos. No **primeiro**, procuramos historiar como as unidades fraseológicas foram tratadas desde os clássicos, passando pelos estruturalistas e gerativistas até a lingüística cognitiva. Esse momento é importante para introduzir o modelo conceitual de Lakoff e Johnson (1980) que fundamenta teoricamente a nossa proposta.

No **segundo capítulo**, realizamos uma resenha sobre o tratamento fraseológico em alguns dicionários monolíngües gerais e especiais de espanhol. Sem ter a menor pretensão de esgotar o assunto, incluímos também uma visão panorâmica dos métodos de arranjo de unidades fraseológicas em dicionários especiais de fraseologismos. Para tanto, fazemos referência a obras existentes nesse campo em língua espanhola (e.g. PENADÉS MARTINEZ, 2002; KUBARTH e VARELA, 1994). Aproveitamos para discutir a importância de se inserir a linguagem figurada das unidades fraseológica no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Para tanto, expomos trabalhos e experimentos já realizados na área de ensino-aprendizagem de vocabulário, ligados à Lingüística Cognitiva (e.g. BOERS, 2000; LAZAR, 2003).

No **terceiro capítulo**, além de fornecemos detalhes da coleta dos dados, tais como delimitar as unidades fraseológicas do *corpus* às locuções verbais do domínio da RAIVA, identificamos as duas metáforas que licenciam os 18 fraseologismos coletados e como se constitui a macroestrutura do glossário que propomos. Para a identificação das metáforas, procuramos ser fiéis ao mesmo modelo adotado por Lakoff e Johnson (1980), além da utilização das análises de Kövecses (1989). Esclarecemos ainda os passos para a escolha dos contextos que adotamos para os verbetes através do já mencionado *corpus* eletrônico CREA.

No **quarto capítulo**, procedemos à proposta do modelo de macro- e microestrutura de nosso glossário fraseológico sobre o domínio-alvo RAIVA. Para a elaboração macroestrutural, adotamos uma ordenação onomasiológica com base na teoria da metáfora conceitual (LAKOFF E JOHNSON, 1980) e nas sugestões de Kövecses (1989) para a identificação das metáforas subjacentes às locuções de nosso *corpus*. Com respeito à microestrutura, cada verbete está constituído por: palavra-entrada, referência gramatical, referência sintática, definição e contexto. Nesse mesmo capítulo, esclarecemos nossa opção pela inclusão de cada um desses elementos e as medidas tomadas para sua elaboração. Concluímos o capítulo com um modelo demonstrativo dos verbetes e algumas sugestões de atividade para a aplicação didática do modelo de glossário na sala de aula.

Nas considerações finais, retomamos os resultados obtidos a partir da análise das estruturas lingüísticas que manifestam as metáforas identificadas no **Capítulo 2**, bem como apontamos perspectivas para estudos complementares ao

aqui desenvolvido. **Na bibliografia** constam todos os artigos e livros utilizados diretamente para esta dissertação, assim como os dicionários, livros e *corpus* eletrônico de onde foram coletados os contextos autênticos de uso das unidades fraseológicas que compõem cada verbete. Finalmente, **nos Apêndices**, todas as unidades fraseológicas que aparecem nesta dissertação estão listadas em ordem alfabética, em espanhol, inglês ou francês, além de, quando possível, estarem acompanhadas de seus sentidos equivalentes em português do Brasil.

CAPÍTULO 1

O LUGAR DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS NOS MODELOS LINGÜÍSTICOS

Dedicamos a primeira parte deste capítulo inicial a um breve relato explicativo sobre a forma como as unidades fraseológicas são, historicamente, concebidas por diferentes concepções lingüísticas (clássica, estruturalista, gerativista e cognitivista). Deve-se mencionar que a forma de se definirem os fraseologismos e o lugar reservado para eles nos estudos lingüísticos são resultados das diferentes maneiras como se entende o significado. Num percurso cronológico que vai desde visões clássicas, alcançando a lingüística moderna, até o advento da lingüística cognitiva (finais dos anos 70 e começo dos 80), procuramos esboçar como essas estruturas são tratadas. Além disso, explicamos alguns conceitos básicos no paradigma cognitivista, como por exemplo, a teoria da metáfora conceitual, que está estreitamente relacionada ao tratamento fraseológico proposto no modelo da lingüística cognitiva (LAKOFF E JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 1989).

Devido ao caráter não discreto das unidades fraseológicas e às divergências entre os autores sobre o tema, reservamos a segunda parte deste capítulo a alguns esclarecimentos sobre a definição, a delimitação e a classificação dessas estruturas. À medida que são mostrados alguns dos temas relevantes e a abrangência das questões fraseológicas, deve ficar claro que, em fraseologia, o problema terminológico é dos mais oscilantes e difíceis de resolver. Tendo isso em vista, apresentamos informações que possibilitem o conhecimento de aspectos considerados importantes sobre as unidades fraseológicas e a identificação de autores e obras que possam ampliar as noções introduzidas.

1.1. Modelo clássico

A concepção clássica, de origem platônica e aristotélica, entende que o signo é triádico, composto por um nome, uma idéia e uma coisa. Até o período renascentista, atribui-se aos signos uma relação de semelhança mais ou menos

evidente com seu objeto de referência. Essa visão considera a língua uma lista de palavras correspondentes a igual número de coisas presentes no mundo real, e cujos significados são as coisas por elas nomeadas, os seus referentes. Dessa forma, o significado de uma palavra ou expressão pode ser explanado em termos de sua relação com o objeto ou objetos a que se refere.

Entretanto, Kempson (1977, p.24) coloca que “há várias razões para acreditar que qualquer teoria do significado que tente explicar todos os aspectos do significado de palavras em termos de referência, estará errada”. Por exemplo, uma das provas evidentes da problemática da referência é que “não há sentido em afirmar que palavras como **e**, **não**, **se** refiram-se a alguma coisa” (KEMPSON, *ibidem*).

Na concepção clássica, considera-se o sentido de uma palavra como sua contribuição para as condições de verdade de uma sentença, que, por sua vez, é verdadeira se tem correspondência com a realidade. Sob essa perspectiva, há uma ligação intrínseca entre significado e verdade. É essa ligação que está no cerne da Semântica Clássica ou Semântica Formal ³. Esta, com efeito, restringe o escopo do termo da Semântica de maneira a abranger apenas o significado literal. O literal, de acordo com esse ponto de vista, compreende as condições sob as quais um enunciado é verdadeiro ou falso, conforme podemos exemplificar com o clássico exemplo tomado de Kempson (1977, p.33): “conhecer o significado da cadeia de palavras que formam o enunciado ‘A neve é branca’ é conhecer que condições que devem ser pertinentes para que o enunciado ‘A neve é branca’ seja verdadeiro”.

Parece claro que o estudo das unidades fraseológicas dentro dessa visão notadamente baseada na referência fica bastante prejudicado. A perspectiva clássica não pode explicar o significado de fraseologismos tais como ‘soltar faíscas’ ou ‘soltar fogo pelas ventas’, que, em português são usados para expressar emoções de raiva. É evidente que nesses casos o fogo não é real, não satisfaz a condição de verdade para que tal expressão corresponda à realidade. Dessa forma,

³ De acordo com Lyons (1981, p.128) “embora o termo ‘semântica formal’ pudesse ser usado, de um modo bastante geral, para se referir a todo um conjunto de diferentes abordagens do estudo do significado, ele é comumente empregado hoje em dia com referência particular a determinada versão da semântica da condição de verdade, que se originou na investigação de linguagens formais especialmente construídas pelos lógicos, e recentemente tem sido aplicada à investigação das línguas naturais”. Neste trabalho, sempre que aparecer o termo semântica formal, entenda-se como semântica das condições de verdade.

a perspectiva aqui discutida não dá conta da figuratividade expressa pelo fraseologismo mencionado.

1.2. Modelo estruturalista

O século XX, com a publicação dos manuscritos de Saussure, em 1916, marca o advento da Lingüística moderna e dos princípios da Filosofia estruturalista. Apesar das críticas destinadas ao estruturalismo, Saussure contribui bastante com os estudos fraseológicos ao excluir o referente do seu modelo de signo. Atribui-se ao fundador da Lingüística moderna um modelo sígnico diádico, graças à sua comparação do signo a uma folha de papel, que se constitui de duas faces. Uma face corresponde ao significado, e a outra, ao significante, excluindo-se o referente.

A partir das idéias saussurianas, concebe-se a língua como um sistema de relações arbitrárias entre significado (conceito) e significante (imagem acústica), sem qualquer vínculo natural com os elementos da realidade que evocam. Essa concepção tem papel decisivo na reavaliação das tradições triádicas anteriores.

O que é relevante observar, nesta visão, é que não podemos conceber uma língua como uma nomenclatura, isto é, como um conjunto de nomes, ou rótulos, para conceitos pré-existentes. Se assim fosse, sempre que falássemos uma palavra como “faíscas”, necessariamente, deveríamos estar nos referindo ao elemento presente no mundo real: fagulhas desprendidas do fogo. Nesse caso, como explicaríamos usos diversos e metafóricos como ‘ele saiu da reunião soltando faíscas’?

O estruturalismo, principalmente, nas pessoas de Saussure e de Bally, acaba direcionando os estudos fraseológicos introdutórios na Europa. Ruiz Gurillo (1997, p.47) lembra-nos que Saussure realiza alguns comentários interessantes sobre as unidades fraseológicas, às quais refere através do termo *locutions toutes faites* ‘locuções feitas’, distinguindo-as das combinações livres de palavras; além de incluir as primeiras no sistema e as segundas na fala. Segundo Ruiz Gurillo (1997, p.20) a sua influência nessa área é tão grande que seu discípulo, Bally investiga os fraseologismos, a ponto de sua influência ser sentida em vários países, notadamente, na antiga União Soviética, onde seus trabalhos foram traduzidos por Vinogradov. Para Ruiz Gurillo (*ibidem*), Bally é o fundador dos estudos de

fraseologia, além de criar o termo fraseologia, dá-lhe o valor com o qual se emprega habitualmente.

Apesar de realizados trabalhos de destaque em diversos países, os estudos estruturalistas soviéticos sobre fraseologia se destacam no panorama mundial (CORPAS PASTOR, 1996; RUIZ GURILLO, 1997). São rapidamente conhecidos no leste europeu, mantendo evidentes relações com trabalhos alemães. Também países como a antiga Checoslováquia, a Hungria e a Romênia são sedes de encontros e congressos sobre o tema, além de desenvolverem trabalhos que resultam em publicações monográficas e teses de doutorado.

No oeste europeu, segundo explica Ruiz Gurillo (1997, p.25), muitos estudiosos desenvolvem trabalhos que até hoje exercem forte influência na fraseologia, como o do francês Coseriu⁴, que cria os termos “discurso repetido” e “discurso livre”, aos quais pertencem as unidades fraseológicas e as combinações livres da língua, respectivamente. Ruiz Gurillo (1997, p.20) informa ainda que, na Espanha, Julio Casares⁵ publica um manual, no qual investiga a delimitação e classificação das unidades fraseológicas. Vale mencionar que todos esses estudos se desenvolvem quase que paralelamente e abarcam várias décadas, desde trabalhos iniciais no começo do século XX, até a efervescência de pesquisas nos anos 50, cujos reflexos são sentidos nas décadas de 70 e 80.

Entretanto, apesar das contribuições do estruturalismo europeu, há pelo menos duas características peculiares que não colaboram para explicar a semântica das unidades fraseológicas. Uma delas é a afirmação da famosa citação da última frase⁶ do Curso de Linguística Geral “o único e verdadeiro objeto da linguística é o sistema linguístico focalizado nele mesmo e por ele mesmo” (SAUSSURE, 1999). Lyons (1981, p.164) questiona esse “nele mesmo e por ele mesmo”, pondo em dúvida essa autonomia da linguagem e questiona se é possível abstrair o sistema linguístico das forças históricas que lhe deram origem, além da sociedade em que funciona e do processo psicológico através do qual ele é adquirido. Segundo o pensamento difundido por estruturalistas que advogam a causa da autonomia

⁴ COSERIU, E. *Introducción al estudio estructural del léxico: principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1964.

⁵ CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950.

⁶ Aqui não importa a consideração se a frase é ou não de autoria de Saussure ou foi acrescida por seus discípulos.

lingüística, isso é possível, no entanto, parece difícil, desconsiderarem-se todos esses aspectos no caso das combinações fraseológicas.

Outra característica do estruturalismo europeu que não favorece o estudo fraseológico é a visão de que as línguas são sistemas semióticos, nos quais significado e significante estão arbitrariamente associados. O caso mais óbvio de arbitrariedade da língua diz respeito à não relação biunívoca entre forma e significado. Em outros termos, Saussure descarta uma iconicidade imagética. Até esse ponto, deve-se concordar com sua apreciação, posto que, como bem coloca Neves (2006, p.23) “nada justifica defender que um signo seja a imagem de seu referente”. O que merece ser reavaliado, para não cairmos numa visão radical da arbitrariedade, é a possibilidade de um outro tipo de iconicidade, a diagramática. Sobre esta, Neves (2006, p.23) diz que: “[...] muitas evidências conduzem à admissão de uma iconicidade diagramática, ou seja, à admissão de que os arranjos estruturais refletem relações análogas existentes na estrutura semântica [...]”.

Nörth (1996, p.27) ressalta que o princípio da arbitrariedade, conforme Saussure, “é válido, em primeiro lugar, para formas simples da língua, palavras simples ou morfemas, tais como boi, cavalo, casa, rua, janela, de, para etc”. Sobre as estruturas complexas, quer no nível de palavras, quer no nível sintático, Nörth (*ibidem*) assevera que:

[...] já não há arbitrariedade absoluta, porque há regras que motivam as combinações, como nos seguintes exemplos: irmão/irmã, meu/seu, dezoito/dezenove, casa/casas etc. A partir desse nível de descrição lingüística, em que não há arbitrariedade absoluta, Saussure fala de uma arbitrariedade relativa [...]” (NÖTH, 1996, p.27).

Nos Estados Unidos, as pesquisas estruturalistas tomam uma versão particular devido às influências do objetivismo científico no estudo da língua. As discussões clássicas sobre o significado são abandonadas. Weedwood (2002, p.131) expõe que o grande representante do estruturalismo americano, Bloomfield (1933), e seus seguidores levaram adiante a tentativa de desenvolver métodos de análise lingüística que não fossem baseados na semântica e acabaram por desprezá-la completamente. Nesse paradigma, o lugar das unidades fraseológicas foi inexistente.

Como se percebe, tanto o radicalismo do modelo clássico como o do estruturalista não são satisfatórios para a explicação das unidades fraseológicas. Em outras palavras, é difícil abordar essas estruturas sob a perspectiva clássica, pois elas não correspondem fielmente a um referente no mundo real. Por outro lado, os estruturalistas exageram no aspecto da arbitrariedade fraseológica. “Hoje sabemos que as línguas nem são modelos icônicos fiéis do mundo, nem sistemas sem correspondências com aquilo a que se referem” (NÖRTH, 1995, p.96). A concepção saussuriana radical da arbitrariedade do signo impõe um verdadeiro obstáculo para se pensar em um estudo mais sistemático das unidades fraseológicas, o qual é facilitado pela investigação de determinantes não-arbitrários, cognitivos, neurofisiológicos, universais na explicação dessas estruturas lingüísticas.

Os estudos de orientação estruturalista tratam os constituintes das unidades fraseológicas apenas no plano formal e denotativo, restringindo-se assim a explicar uma gama muito reduzida de questões semânticas em face da multiplicidade de aspectos do significado naturalmente intuídos pelos falantes e deixados sem explicação por modelos lingüísticos essencialmente formais. Um desses modelos de análise lingüística, bastante limitado para o estudo dos fraseologismos, é a análise componencial, que trata o significado nos termos da lógica.

1.2.1. Modelo componencial

Conforme escreve Marques (2003, p.84), “embora a lógica tenha origem na filosofia e constitua um ramo da matemática, é uma das possíveis diretrizes para o estudo do significado e, freqüentemente, utilizada nos estudos de orientação estruturalista e gerativista”. Um dos princípios lógicos no tratamento de questões de significado nas línguas é, por exemplo, a análise componencial, adotada por Pottier (1978). O autor desenvolve a hipótese de que o significado das formas lingüísticas é decomponível em traços ou componentes mínimos de significado, aos quais dá o nome de semas. Por exemplo, a uma palavra como “cadeira” são atribuídos os seguintes semas: [objeto físico], [-animado], [artefato], [peça de móvel], [com pés], [com espaldar], [algo com assento], [assento para uma pessoa] etc. Para mais esclarecimentos:

Por exemplo, partindo da premissa, bem razoável, de que [HUMANO], [FEMININO] e talvez também [ADULTO] sejam componentes universais do sentido, “mulher” pode ser analisado como conjunto de traços {[HUMANO], [FEMININO], [ADULTO]}, “homem” pode ser {[HUMANO], [NÃO-FEMININO], [ADULTO]}, “menina” pode ser {[HUMANO], [FEMININO], [NÃO-ADULTO]} e “menino” pode ser {[HUMANO], [NÃO-FEMININO], [NÃO-ADULTO]} (LYONS, 1981, p.116).

No caso das estruturas mais complexas formadas por duas ou mais palavras, como por exemplo, o sintagma “sabão mal cheiroso” o significado deriva da compatibilidade semântica entre os semas dos itens lexicais que compõem o sintagma. Através desse tipo de análise, essa estrutura é interpretável, ou tem significado lógico, porque os componentes do item lexical nuclear “sabão” [objeto físico] e [substância] são compatíveis com o componente do modificador “mal cheiroso” [impressão olfativa]. Entretanto, um sintagma como “cócega mal cheirosa”, segundo a análise componencial, não tem significado, pois há incompatibilidade entre os semas do lexema “cócega” e do modificador “mal cheirosa”. Como resultado dessa análise componencial, os traços semânticos do sintagma “cócega mal cheirosa” determinam uma anomalia combinatória na estrutural global.

Sob essa perspectiva, os fraseologismos foram marginalizados, uma vez que, a maioria das unidades fraseológicas é marcada pela idiomaticidade. Uma unidade fraseológica como “perder a cabeça”, em termos lógicos, não seria interpretável, porque o nome “cabeça” não apresenta o componente [objeto físico] compatível com os componentes do verbo “perder”. A análise componencial além de ser uma das formas de estudo vocabular desenvolvidas pelo estruturalismo, também está presente no modelo gerativista.

1.3. Modelo gerativista

Nos Estados Unidos, os estudos fraseológicos merecem algumas informações à parte. O desenvolvimento da gramática gerativa influencia bastante a direção dos estudos fraseológicos naquele país. Os esforços de boa parte dos autores norte-americanos interessados pelas unidades fraseológicas, dentre os quais Ruiz Gurillo (1997, p.27) destaca Chafe⁷, consiste em propor a superação do modelo gerativo, justificando que este era incapaz de explicar o fenômeno

⁷ CHAFE, W.L. Idiomaticity as an anomaly in the chomskyan paradigm. *Foundation of Language*, v. 4, p. 109-127. 1968.

fraseológico. A publicação de alguns trabalhos nos Estados Unidos evidencia um distanciamento entre estudos fraseológicos americanos e europeus. Tais diferenças resultam, principalmente, do tipo de modelo (estruturalista, gerativista, cognitivista) que prevalece na concepção lingüística desses autores.

É comum que, a cada nova corrente lingüística, idéias anteriores sejam abandonadas por outras novas. Mas com relação ao gerativismo, são retomadas algumas idéias clássicas. Por exemplo, Lyons (1981, p.172) considera que o gerativista “representa uma volta à antiga tradição da gramática universal tal como foi exemplificada de maneira notável pela gramática de Port-Royal de 1660 e por um grande número de trabalhos sobre a linguagem do século XVII”, que os estruturalistas repudiaram. Os gerativistas adotam um retorno à concepção cartesiana de separação entre corpo e mente e à busca pelos universais lingüísticos. Essas duas concepções filosóficas, de forte influência objetivista, são fundamentais para que se compreenda a forma como os fraseologismos são vistos dentro da perspectiva gerativista. As gramáticas gerativas estudam uma língua ideal, não real. Procuram fornecer mecanismos capazes de gerar apenas frases ditas gramaticais, acabando por excluir estruturas de uso real como as unidades fraseológicas, que possuem comportamento diferente. O gerativismo, então, segundo Weinreich (1969), não pode dar conta da fraseologia.

Uma das propostas gerativistas é retomar a idéia dos traços componenciais de significado. Entretanto, acaba-se priorizando o aspecto sintático, ao ponto de se levantarem, dentro do próprio gerativismo, alguns estudiosos, dentre os quais George Lakoff, que propõem reformular o modelo gerativista, a fim de dotar-lhe de uma base semântica. Esse movimento passou a ser chamado de Semântica Gerativa. Apesar de, no início, ter procurado seu lugar no gerativismo, a cisão com o grupo do gerativismo ortodoxo é inevitável. Assim, pois, surge a Lingüística Cognitiva que, segundo Cuenca e Hilferty (1999, p.21), define-se como “uma teoria alternativa ao gerativismo chomskyano e, sobretudo aos postulados da versão padrão, em grande parte, superados atualmente dentro do próprio gerativismo”⁸.

⁸ Tradução minha: “La lingüística cognitiva se define como una teoría alternativa al generativismo chomskyano y sobre todo a los postulados de la versión estándar, en gran parte superados en la actualidad dentro del propio generativismo” (CUENCA E HILFERTY 1999, p.21).

1.4. Modelo da Lingüística Cognitiva

Cuenca e Hilferty (1999, p.11) situam o surgimento da Lingüística Cognitiva em 1987, com a publicação do livro *Women, Fire and Dangerous Things*⁹ de Lakoff (1987), um dos representantes da extinta semântica gerativa. Com relação à denominação deste modelo lingüístico, é importante observar que não é o primeiro a atribuir a si mesmo caráter cognitivo. Os primeiros lingüistas a fazê-lo são os gerativistas, em oposição às tendências behavioristas que influenciam a lingüística estrutural americana.

Em linhas gerais, a lingüística cognitiva adota um ponto de vista filosófico, que Lakoff e Johnson (1980) denominam experiencialismo, em oposição ao objetivismo adotado pelos modelos anteriores. Para os autores cognitivistas, essa visão é mais adequada para o estudo do fenômeno da compreensão da linguagem, pois a significação que um indivíduo atribui a uma determinado enunciado é dado em termos de uma estrutura conceitual, e tal estrutura fundamenta-se na experiência físico-cultural. O sentido, portanto, jamais é descorporificado ou objetivo e está sempre fundamentado na aquisição e utilização de um sistema conceitual.

Para dar uma idéia de como o fenômeno da linguagem está estreitamente relacionado com a nossa estrutura conceitual, Lakoff e Johnson (2002, p.46) usam o conceito DISCUSSÃO e explicam que falamos dele em termos de GUERRA:

Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias. Se achamos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e colocar-nos numa linha de ataque (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.46).

Os autores seguem dizendo que “discussões e guerras são coisas completamente diferentes”, mas que “DISCUSSÃO é parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de GUERRA”. Explicam ainda que essa nossa maneira ordinária e convencional de falar sobre discussão pressupõe

⁹ Esse livro marca oficialmente o início da lingüística cognitiva, ainda que antes dessa data já houvesse estudos de orientação marcadamente cognitivista.

uma metáfora conceitual da qual raramente temos consciência: DISCUSSÃO É GUERRA. Como se vê, o conceito metafórico em Lakoff e Johnson (*ibidem*) difere da idéia clássica de metáfora como recurso poético e ornamental, pois faz parte também da linguagem do dia-a-dia, confundida, tradicionalmente, com a linguagem literal.

Nesse sentido, a Lingüística Cognitiva, por meio da metáfora conceitual, constitui-se num modelo que tenta explicar o fenômeno fraseológico. Isso porque, ao invés de enfatizar a arbitrariedade fraseológica defendida em outros paradigmas (e.g. FRASE, 1970), o modelo conceitual cognitivista evidencia o caráter motivado dessas estruturas. Essa motivação é explicada em Gibbs (1990). Através de experimentos, esse autor tenta demonstrar que expressões diferentes do inglês, mas com sentidos similares, como *spill the beans* ‘espalhar os feijões’ e *let the cat out of the bag* ‘tirar o gato da bolsa’ - que, em português, traduz-se literalmente por ‘ser saco furado’- são coerentes com as metáforas conceituais A CABEÇA É UM RECIPIENTE e AS IDÉIAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS. Em outras palavras, esses conceitos metafóricos licenciam o uso daquelas expressões. A seguir, fornecemos maiores detalhes sobre esse modelo.

1.4.1. Modelo conceitual de Lakoff e Johnson

Lakoff e Johnson lançam o seu modelo conceitual com a publicação do livro *Metaphors we live by*, cuja tradução para a língua portuguesa *Metáforas da vida cotidiana*, ocorre em 2002. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p.46), a maior parte de nosso sistema conceitual é de natureza metafórica. De acordo com esse modelo, a metáfora se afasta, de uma vez por todas, da visão tradicional – iniciada em Aristóteles, no século IV a.C. – na qual é tratada como desvio da linguagem ordinária e como fenômeno de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva. Aproxima-se, ao contrário, de uma nova descoberta, de que a linguagem humana revela um imenso sistema conceitual metafórico, que rege também o pensamento e a ação dos seres humanos. (LAKOFF E JOHNSON, 2002).

Segundo a teoria da metáfora conceitual (LAKOFF E JOHNSON, *ibidem*), os conhecimentos humanos sobre a vida diária são estruturados em grande parte por metáforas e essa estrutura se reflete não apenas na linguagem poética, como também na cotidiana, e ambas são motivadas corporal e fisicamente. Para efeito de

exemplificação podemos citar o que diz Lima (2003, p.159) sobre a influência de nosso corpo em nossa maneira de nos comunicar:

Experienciamos nosso corpo como um recipiente, que tem limites (a pele) e orientação dentro e fora (o resto do mundo está fora). A partir dessa experiência, a noção dentro e fora é projetada para outros objetos físicos que têm limites, bem ou mal delineados, tais como uma sala (e.g. entrei na sala) ou uma clareira na floresta (e.g. ficamos a noite inteira numa clareira na floresta), e uma série de outras coisas, tais como campos visuais (e.g. ele saiu do meu campo de visão), eventos (e.g. ele está fora da competição), e atividades (e.g. entrei neste ramo há dez anos), que passam a ser vistos também como recipientes com partes internas, externas e limites (LIMA, 2003, p.159).

Lakoff e Johnson (2002, p.59) explicam que o fato de termos os corpos que temos e o fato de eles funcionarem da maneira como funcionam, no nosso ambiente físico, estrutura metáforas orientacionais que dão a um conceito uma orientação espacial, por exemplo, as metáforas PARA CIMA É BOM e PARA BAIXO É RUIM, estão relacionadas à postura vertical do homem e da maioria dos mamíferos que em bom estado apresentam-se eretos e, quando doentes ou mortos, apresentam-se com postura caída.

É importante ressaltar que, no modelo conceitual de Lakoff e Johnson, a metáfora é uma forma de organização do conhecimento que se manifesta nas expressões linguísticas metafóricas. Por exemplo, *echar chispas* 'soltar faíscas' não é a metáfora conceitual, mas a expressão metafórica. A metáfora tem a fórmula A É B, onde o A é o domínio-alvo e o B é o domínio-fonte. Por exemplo, a metáfora que licencia a expressão linguística acima é A RAIVA É FOGO. Em outras palavras: "as expressões metafóricas que caracterizam a fórmula A É B são reconhecidas como realizações ou manifestações linguísticas das metáforas conceituais subjacentes" ¹⁰ (KÖVECSES, 2002, p.29).

A metáfora, nesse enquadre teórico, é um pareamento entre dois domínios conceituais no sistema conceitual. Um pareamento, por sua vez, é um entremeado de correspondências entre dois domínios conceituais¹¹ (CORNEJO, 2004, p.145). Existem dois tipos de domínios conceituais: o domínio-fonte e o

¹⁰ Tradução minha: "The metaphorical expressions that characterize A is B formulas are regarded as the linguistic realizations or manifestations of underlying conceptual metaphors". (KÖVECSES, 2002, p.29)

¹¹ Tradução minha: "La metáfora, desde la corriente cognitiva, se entiende como un apareamiento entre dos dominios conceptuales en el sistema conceptual. Un apareamiento, por su parte, es un entramado de correspondencias entre estos dominios." (CORNEJO, 2004, p.145).

domínio-alvo. O segundo é concebido em termos do primeiro. O domínio-fonte é mais concreto e o domínio-alvo é mais abstrato. “Para designar o nome da metáfora, Lakoff e Johnson adotaram como estratégia representá-la em letras maiúsculas, seguindo a forma: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE” (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.25). O domínio-fonte é aquele que empresta seus conceitos e o domínio-alvo é aquele sobre o qual se sobrepõem tais conceitos.

Parafraseando Kövecses (2001), podemos afirmar que a teoria da metáfora conceitual tem grande utilidade didática para o ensino de unidades fraseológicas, pois, através da compreensão da metáfora conceitual, podemos entender o sentido geral que as unidades fraseológicas idiomáticas têm, realizando relações entre os domínios conceituais existentes. É devido a essas conexões produzidas em nosso sistema conceitual, que a metáfora permite-nos usar termos de um domínio (por exemplo, FOGO) para falar de outros (por exemplo, RAIVA). Há correspondências epistêmicas, de acordo com as quais conceitos no domínio RAIVA (e.g. expectativas frustradas, alterações emocionais, relações sociais etc.) correspondem sistematicamente a conceitos no domínio FOGO (calor, luz, chama, ardor, incêndio, dilatação, combustão, faíscas etc.). É o que acontece quando se diz “Ele saiu da reunião com o sangue quente”, “Ele está cuspidando fogo”, “Ele está soltando fogo pelo nariz”, etc., para fazer referência ao estado de raiva em que alguém se encontra.

O modelo conceitual que estamos descrevendo, inclui também a metonímia. Deve-se considerar que há uma distinção entre a metáfora e a metonímia, embora ambas sejam conceituais e lexicalizadas pelas diversas expressões lingüísticas convencionais, não sendo excluídas, por conseguinte, as unidades fraseológicas. Sobre isso podemos resumir o que dizem Lakoff e Johnson (2002, p.93):

A metáfora é, principalmente, uma forma de conceber uma coisa [sic] em termos de outra e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.93).

Em outras palavras, “a metáfora associa entidades provenientes de dois domínios distintos (o domínio-fonte e o domínio-alvo), e a metonímia, pelo contrário, associa duas entidades conceitualmente contíguas pertencentes ao mesmo

domínio”¹² (CUENCA E HILFERTY, 1999, p.111). Abaixo fornecemos uma figura que pode esclarecer melhor esses dois fenômenos:

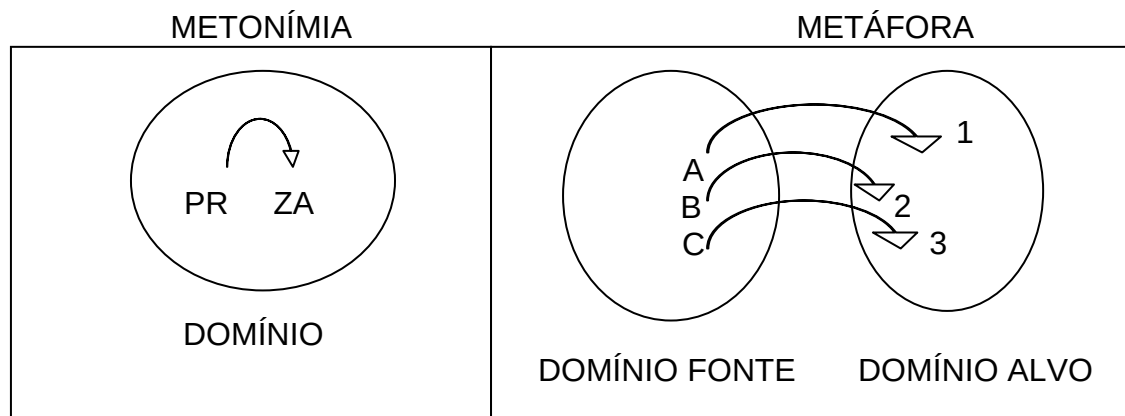


FIGURA 1 - METONÍMIA E METÁFORA.

ADAPTADO DE CUENCA E HILFERTY (1999, p.111).

Legenda:

PR = ponto de referência

A, B, C = atributos do domínio fonte

ZA = zona de atração

1, 2, 3 = atributos do domínio alvo.

Cuenca e Hilferty (1999, p.114, 115) chamam atenção para o fato de que, apesar das diferenças, a metonímia e a metáfora não podem ser operações cognitivas mutuamente incompatíveis, e que em algumas expressões há manifestações dos dois processos. Os autores defendem essa afirmação com a expressão espanhola *irse con el rabo entre las piernas* 'ir com o rabo entre as pernas'. Sobre a expressão, Cuenca e Hilferty (*ibidem*, p.114, 115) explicam que:

[...] relaciona-se prototipicamente com a idéia de um cachorro que se afasta de um rival mais forte [...] Se levamos em consideração o nosso conhecimento sobre os cachorros, a resposta é bastante simples: apesar dessa expressão não fazer referência explícita a um cachorro em retirada, a referência direta a certas partes do corpo o animal nos orienta na interpretação. Ou seja, o domínio dos CANINOS, a posição do rabo (entre as pernas) indica submissão. Portanto a interpretação se fundamenta em uma dedução metonímica do tipo A PARTE PELO TODO. A partir dessa metonímia podemos projetar a imagem oferecida por essa locução para o

¹² Texto original: “[...] la metáfor asocia entidades provenientes de dos dominios distintos (el dominio origen y el domino destino); la metonimia, por el contrario, asocia dos entidades conceptualmente contiguas pertenecientes al mismo dominio [...]” (CUENCA E HILFERTY, 1999, p.111).

domínio das pessoas, metaforizando O ANDAR DE UMA PESSOA HUMILHADA em termos de A RETIRADA DE UM CACHORRO DERROTADO¹³ (CUENCA E HILFERTY, 1999 p.114,115).

Os autores concluem dizendo que “a metáfora e a metonímia não são, necessariamente, excludentes, mas, às vezes, funcionam juntas e de forma complementar”¹⁴. Essa afirmação corrobora o pensamento expresso em Kövecses (1989, p.45), de que o léxico relaciona-se a uma estrutura conceitual formada pelo sistema metafórico, pelo metonímico e pela relação entre os dois.

O fato de as unidades fraseológicas fazerem parte de um sistema metafórico coerente e, portanto, não serem arbitrárias, possibilita a sua apresentação organizada por metáforas. Acreditamos que essa forma de exposição do *input* lexical viabiliza melhores resultados para a retenção do léxico pretendido em diversos domínios. Sabe-se que são inúmeros os domínios nos quais as metáforas conceituais se manifestam na linguagem. Emoções, como por exemplo, a RAIVA, são domínios bastante produtivos nas diversas línguas, o que nos motivou a apresentar as relações entre parte da estrutura conceitual dessa emoção e as unidades fraseológicas usadas para representá-la na língua espanhola (e.g. *calentar la sangre* ‘esquentar o sangue’, *echar chispas* ‘soltar faíscas’). Para tanto, identificamos duas metáforas que licenciam o léxico fraseológico da RAIVA, através da análise de 18 fraseologismos do espanhol. A análise nos permite elaborar uma proposta para a macroestrutura de um glossário baseada na ordenação metafórica das 18 unidades fraseológicas analisadas, conforme explicamos nos capítulos três e quatro. Antes, faz-se necessário que sigamos com alguns esclarecimentos teóricos, como por exemplo, a definição, a delimitação e a classificação fraseológicas, que constitui grande contra-senso entre os estudiosos.

¹³ Tradução minha: “se relaciona prototípicamente con la idea de un perro que se aparta de un rival más fuerte. Pero ¿cómo llegamos a tal conclusión? Si tomamos en cuenta el conocimiento que tenemos acerca de los perros, la respuesta resulta bastante sencilla: aunque esta expresión no hace referencia explícita a un perro en retirada, la alusión directa a ciertas partes del cuerpo del animal nos orienta en nuestra interpretación. Es decir, en el dominio de los CANINOS, la posición de la cola (entre las piernas) implica sumisión. Por lo tanto, la interpretación se fundamenta en una deducción metonímica del tipo LA PARTE POR EL TODO. A partir de esta metonimia podemos proyectar la imagen ofrecida por esta locución hecha sobre el dominio de las personas, metaforizando la MARCHA DE UNA PERSONA HUMILLADA e términos de la RETIRADA DE UN PERRO DERROTADO” (CUENCA E HILFERTY, 1999, p.114, 115)

¹⁴ Tradução minha: “[...] la metonimia y la metáfora no son necesariamente excluyentes, sino que a veces funcionan conjuntamente y de forma complementaria” (CUENCA E HILFERTY, 1999, p.115)

1.5. Unidades fraseológicas: definição, delimitação e classificação

Na literatura, verifica-se que existem vários termos para designar as unidades fraseológicas, tais como, em espanhol: *expresión pluriverbal*, *unidad pluriverbal lexicalizada y habitualizada*, *unidad léxica pluriverbal*, *expresión fija* e *unidad fraseológica* ou *fraseologismo*, ou em inglês: *multiword unit*, *multiword lexeme*, *multiword lexical unit*, *fixed expression*, *phrase figée*, *set expression*, *set phrase* e *phraseological units* (CORPAS PASTOR, 1996, p.17).

Em uma perspectiva fundamentalmente morfológica, Martinet¹⁵ (*apud* RUIZ GURILLO, 1997, p.48) refere-se aos fraseologismos ao falar sobre unidades superiores às palavras. Isso acontece quando ele distingue os sintagmas dos sintemas. Os primeiros são, na sua terminologia, complexos formados por palavras livres e os segundos, combinações fixas de palavras. Ou seja, na sua nomenclatura, as unidades fraseológicas são os sintemas.

O que Martinet (*Ibidem*) chama de sintema, Pottier (1978) denomina lexia. Este último classifica as lexias em: simples (e.g. cadeira, para, comia, a), composta (e.g. saca-rolha, verde-garrafa, rés-de-chão), complexa (e.g. guerra fria, complexo industrial, tomar medidas) e textual (e.g. Depois da tempestade, a bonança). A lexia complexa, por sua vez, é dividida por ele em lexia rígida (meter a mão, onde vai a corda vai a caçamba) e lexia variável (recém nascido / casado / chegado). Antes disso, em 1964, Coseriu¹⁶ (*apud* RUIZ GURILLO, 1997) cria os termos: técnica do discurso e discurso repetido, para se referir, respectivamente, às combinações livres de palavras e às combinações fixas. Como se percebe, há uma preocupação comum entre os diversos lingüistas: a distinção entre combinações livres e combinações fixas. No entanto, o uso diferenciado de terminologias por parte desses estudiosos faz, por vezes, parecer que se referem a estruturas distintas, quando na verdade, falam da mesma categoria. Por exemplo, o que Pottier (1978) chama de lexia textual, inclui os conhecidos provérbios, aos quais Corpas Pastor (1996) insere na categoria enunciados fraseológicos. E o que Pottier (*Ibidem*) chama de lexia complexa inclui as chamadas colocações, na terminologia de outros autores (CORPAS PASTOR, 1996; TAGNIN, 2005, para citar alguns).

¹⁵ MARTINET, A. Syntagme et syntème. *La Linguistique*, v.2, p. 1-14. 1967.

¹⁶ COSERIU, E. *Introducción al estudio estructural del léxico: principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1964.

O que mais contribui para a falta de acordo entre os estudiosos da fraseologia é, principalmente, a ausência de características globais invariavelmente comuns a todas as categorias fraseológicas. No entanto, os inúmeros trabalhos na área permitem a Corpas Pastor (1996, p.19-31) vislumbrar as características que mais se sobressaem, ainda que de forma variável. Resumindo suas considerações, a unidade fraseológica caracteriza-se por ser formada por mais de uma palavra, ser convencional, estável em diversos graus, apresentar certa particularidade sintática ou semântica, além da possibilidade de variação de seus elementos integrantes. E a partir dessas características ela fornece uma definição que nos parece bastante esclarecedora:

[...] as unidades fraseológicas – objeto de estudo da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Tais unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e pela co-ocorrência de seus elementos integrantes; por sua convencionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomatidade e variação potenciais¹⁷; assim como pelo grau em que se dão todos esses aspectos nos distintos tipos (CORPAS PASTOR, 1996, p.20)¹⁸.

Essa definição está de acordo com o que se tem defendido, atualmente, para o fenômeno fraseológico: a gradação. As citadas características não se dão de forma absoluta em todas as unidades fraseológicas, como veremos a seguir, em que tratamos brevemente sobre a convencionalidade, a idiomatidade, a fixação e a gradação.

Convencionalidade

As unidades fraseológicas são convencionais, pois consistem em produções lingüísticas criadas e reproduzidas repetidamente no discurso até serem consolidadas pelo uso. Muitas vezes, apesar de essas estruturas possuírem paráfrases, é convencional o uso do fraseologismo. Por exemplo, quando alguém está com muita raiva, é bastante convencional referir-se à sua emoção dizendo que

¹⁷ Potenciais, pois idiomatidade e variação são duas características possíveis, mas não essenciais.

¹⁸ Tradução minha: “Las unidades fraseológicas – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su limite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes ; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomatidad y variación potenciales; así como por el grado en cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20).

seu sangue está fervendo. É claro que poderia dizer somente que estava com raiva, mas certamente, o efeito não seria o mesmo. Quando dizemos: “meu sangue ferve”, temos a sensação de estarmos sendo mais claros sobre a agitação emocional que sentimos.

É importante lembrar que Tagnin (2005, p.15) diz que: “há expressões que são convencionais por estarem intimamente ligadas a um fato social e há outras, em que o que é convencional é sua forma.” A autora ilustra o primeiro caso com a expressão portuguesa ‘Feliz Natal’, que está ligada à situação social de celebração natalina. Sobre essa mesma expressão, observa-se que, em inglês, diz-se *Merry Christmas* e não *Happy Christmas*, embora se diga *Happy New Year*. Já em português e em espanhol, diz-se tanto Feliz Natal e Feliz Ano Novo como *Feliz Nochebuena* e *Feliz Nochevieja*. São usos convencionais dessas comunidades lingüísticas.

Como exemplo de expressão convencional na forma, Tagnin (*ibidem*) cita a expressão do português: ‘mundos e fundos’, explicando que é puramente convencional que se diga ‘mundos e fundos’, ao invés de fundos e mundos. Tagnin (2005, p.16) esclarece que “no momento em que a convenção passa para o nível do significado, entramos no campo da idiomaticidade”.

Idiomaticidade

A idiomaticidade refere-se à não composicionalidade de unidades fraseológicas. Ou melhor, dizer que uma estrutura é idiomática é dizer que seu sentido não é obtido a partir da soma dos sentidos de seus elementos constituintes. Em outras palavras, é arbitrária. Segundo Ruiz Gurillo (1997, p. 83), pode-se falar de vários níveis de idiomaticidade, no entanto, tradicionalmente, a idiomaticidade absoluta é considerada aspecto essencial em uma unidade fraseológica. A prova é que, como nos explica Corpas Pastor (1996, p.27), na tradição norte-americana (CHOMSKY, 1965; FRASER, 1970) as chamadas expressões idiomáticas (*idioms*) são o protótipo dos fraseologismos. Entretanto, hoje, os estudiosos aceitam que nem toda unidade fraseológica é idiomática. Nessas estruturas, a idiomaticidade aparece num *continuum*, numa escala gradual que vai desde estruturas com um alto grau de idiomaticidade (e.g. *traer cola* ‘trazer rabo’) até aquelas caracterizadas,

exclusivamente, por sua fixação (e.g. *de postín* ‘de luxo’) (RUIZ GURILLO, 1997, p.83).

Fixação

Segundo Corpas Pastor (1996, p. 23), a fixação é a característica sobre a qual se centram os estudiosos soviéticos e europeus. Refere-se a não variação das partes da unidade fraseológica. Indica que as unidades fraseológicas não permitem transformações em sua estrutura sintática (e.g. apassivação, substantivação, inserção ou exclusão de palavras da expressão). Entretanto, percebe-se que essa característica só se aplica a alguns fraseologismos, que servem de protótipo da categoria.

A maioria das unidades fraseológicas apresenta uma fixação relativa. Ainda assim, a maioria dos estudos sobre unidades fraseológicas baseiam-se nas suas chamadas deficiências transformativas (e.g. FRASER, 1970). Por exemplo, um enunciado como *John kicked the bucket*¹⁹ ‘John chutou o balde’ não pode ser transformado para a voz passiva (*The bucket was kicked by John* ‘O balde foi chutado por John’) dada a sua figuratividade. Os lingüistas têm proposto uma variedade de dispositivos formais para prever o comportamento sintático de unidades fraseológicas idiomáticas. Weinreich (1969) sugere que o componente base de estruturas idiomáticas como *kick the bucket* ‘chutar o balde’ é marcado por uma característica “-passiva”. Segundo Gibbs (1990, p.420), no mesmo sentido está a proposta de Katz²⁰ que “sugere que alguns dos constituintes de expressões idiomáticas são marcados por características que impedem a aplicação de uma série de transformações em seus elementos constituintes. Assim, um sintagma idiomático como *breathe down your neck* ‘respirar debaixo de seu pescoço’ está marcado lexicalmente como [-partícula de movimento, -passiva, -nominalização] a fim de se prever a não aceitação da geração de séries como *I breathed your neck down the other day*”²¹.

¹⁹ Relembramos que as traduções no corpo desta Dissertação, tanto das expressões em espanhol como em inglês, são feitas literalmente. A equivalente em língua portuguesa para a expressão do inglês *kick the bucket*, por exemplo, é ‘bater as botas’.

²⁰ KATZ, J. *Compositionality, idiomaticity and lexical substitution*. In: ANDERSON, S. e KIPARSKY, P. (Orgs.) *A Festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart, and Winston. 1973. p. 357-376.

²¹ Tradução minha: “[...] suggests that some of the constituents of idioms be marked with syntactic features which the constituent was a component. Thus, idiomatic phrase *breathe down your neck* can

Outros pesquisadores, como Fraser (1970), classificam os fraseologismos em uma hierarquia de congelamento²², indo desde expressões que permitem quase todas as transformações gramaticais, sem a perda de seus sentidos figurados (e.g. *lay down the law* 'ditar a lei'), até expressões idiomáticas que não permitem uma simples transformação sem perda ou comprometimento de sua interpretação idiomática (e.g. *face the music* 'encarar a música').

Gradação

As características anteriores aparecem de forma gradativa nas combinações fraseológicas. Desde as colocações até os provérbios, todos apresentam níveis de convencionalidade, idiomaticidade e fixação variáveis. Em geral, as categorias lingüísticas são complexas (caracterizadas por mais de uma propriedade ou característica) e assimétricas (cada unidade da classe não deve ser definida por todas as propriedades e características, mas unicamente por algumas delas). O comportamento das unidades fraseológicas não é homogêneo e flutua em um espaço de fronteiras pouco precisas, pois a fraseologia não permite oposições binárias, mas sim graduáveis.

Neste trabalho, usamos a terminologia “unidades fraseológicas” como termo genérico, que inclui todas as combinações não livres de palavras. Para essa decisão, baseamo-nos em Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (1997, 2001), que preferem essa terminologia por considerarem que outras nomenclaturas, tais como “expressão idiomática” ou “expressão fixa”, não parecem suficientemente genéricas, posto que, nesses casos, só se faz referência a um dos elementos caracterizadores dos fraseologismos: à idiomaticidade (no primeiro caso) e à fixação (no segundo caso), respectivamente.

Usando apenas os dois critérios: idiomaticidade e fixação, Gläser²³ (*apud* RUIZ GURILLO, 1997, p.59) estabelece a distribuição de diferentes unidades fraseológicas no centro e na periferia da categoria. Por exemplo, quanto mais idiomático o fraseologismo, mais tende a ocupar o centro da categoria fraseológica

be lexically marked as [- particle movement, - passive, -action nominalization] to prevent the generation of strings like I breathed your neck down the other day” (GIBBS, 1990, p.420).

²²Tagnin (2005, p.67-68) chama de “escala de idiomaticidade”. Ela sugere que podemos analisar as expressões idiomáticas dentro de uma escala de idiomaticidade, colocando, na parte mais baixa dessa escala, as expressões menos idiomáticas e, na parte mais alta, as totalmente metafóricas.

²³GLÄSER, R. *Phraseologie der englischen Sprache*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1986.

(ou seja, é protótipo). O mesmo para o critério fixação: quanto mais fixo o fraseologismo, mais este tende a ocupar o centro da categoria, já as formas menos fixas ficam na periferia, conforme ilustra a FIGURA 2.

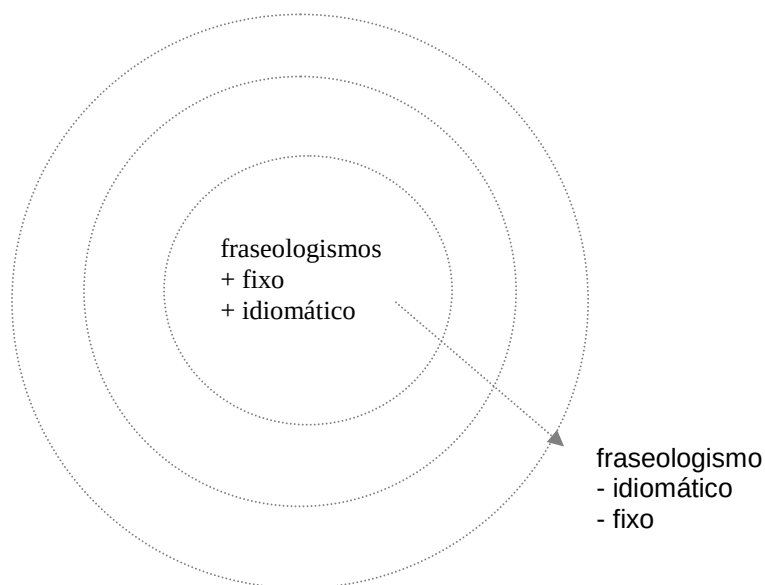


FIGURA 2 - CONTINUUM DE IDIOMATICIDADE E FIXAÇÃO

No atual estado da investigação fraseológica, há controvérsia não apenas na hora de se escolher o termo comum aglutinador mais adequado, mas também no estabelecimento da taxonomia fraseológica. A questão é: qual o alcance da fraseologia? As colocações (e.g. *error garrafa*²⁴ 'erro gritante', *ignorancia supina* 'ignorância completa'), os provérbios (e.g. *Lo poco agrada, y lo mucho enfada* 'O pouco agrada e o muito aborrece') e as fórmulas situacionais (marcas convencionais em situações de saudação, agradecimento, desculpa etc) são unidades fraseológicas?

Corpas Pastor (1996, p.50) propõe uma classificação das unidades fraseológicas, na qual contempla todas essas categorias. A autora divide as unidades fraseológicas em três esferas: a primeira inclui as colocações (e.g. *poner la mesa* 'pôr a mesa'), a segunda, as locuções (e.g. *calentar la cabeza* 'esquentar a cabeça') e a terceira, o que chama de enunciados fraseológicos, nos quais inclui os

²⁴ Como já informamos, na introdução deste trabalho, os fraseologismos em língua estrangeira aparecem em itálico, seguidos de sua tradução literal entre aspas simples ". A equivalente em língua portuguesa está no Apêndice.

provérbios (e.g. *La ocasión hace al ladrón* 'A ocasião faz o ladrão') e as fórmulas situacionais (e.g. *¿Qué tal?* 'Que tal?').

Tagnin (2005, p.37) explica que colocação é um termo usado para “designar casos de co-ocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente andam juntas”. A autora diz que são exemplos de colocações em português: doido varrido e gato pingado. As palavras varrido e pingado ocorrem, normalmente, com doido(a) e gato, respectivamente. Em espanhol, Ruiz Gurillo (2001, p.30) nos fornece o exemplo: *hacer las camas* 'fazer as camas'. Não há uma explicação para o fato de se dizer *hacer las camas* e não outra forma como *arreglar las camas* 'arrumar as camas', no entanto, os falantes espanhóis preferem a primeira construção à segunda. Essa preferência configura um caso de colocação na língua.

Normalmente, autores que separam as colocações das unidades fraseológicas baseiam-se no critério de idiomaticidade. Segundo Corpas Pastor (1996, p.82), costuma-se considerar as primeiras como não idiomáticas, enquanto às unidades fraseológicas atribui-se tal característica. Sendo assim, as colocações apresentam alto grau de fixação, mas baixo grau de idiomaticidade, ficando difícil situá-las no esquema centro-periferia esboçado na FIGURA 2. Sobre isso, Gläser (*apud* RUIZ GURILLO, 1997, p.59) estabelece que no centro do *continuum* distingue-se uma zona não idiomática que é ocupada pelas colocações, que têm como característica marcante a fixação e a não idiomaticidade.

Já as definições de locuções detêm-se tanto no alto grau de fixação como no de idiomaticidade. Normalmente, as locuções aparecem como protótipo da categoria genérica unidades fraseológicas. Outro termo usado para “locução” é “expressão idiomática” ou, no inglês, *idioms*. Corpas (1996, p.89) prefere usar a palavra locução, pois a outra alternativa apresenta o risco de indicar erroneamente que todas essas unidades apresentam significado figurado (e.g. *nadar y guardar la ropa* 'nadar e guardar a roupa'). E, no entanto, muitas locuções permitem uma interpretação a partir de seus elementos constituintes (e.g. *no tener oficio ni beneficio* ²⁵ 'não ter trabalho nem benefício'). Dentre as três esferas mencionadas são as locuções as que mais recebem atenção nos estudos fraseológicos.

²⁵ Parece claro que não traz grandes dúvidas o sentido da locução. Veja-se que as palavras que a constituem contribuem para a sua interpretação geral.

Corpas Pastor (1996) baseia-se no núcleo das locuções para estabelecer a taxonomia dessa classe de fraseologismos. Assim, distingue as locuções em: nominais, adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e clausais. As locuções nominais atuam como substantivos, podendo desempenhar funções próprias dessa categoria gramatical, tais como: sujeito, objeto direto e indireto. São constituídas, por vários padrões morfológicos. Segundo Corpas Pastor (1996, p.94), os principais são:

- a) Substantivo + adjetivo (e.g. *mosca / mosquita muerta* ‘mosca / mosquinha morta’);
- b) Substantivo + preposição + substantivo (e.g. *tabla de salvación* ‘tábua de salvação’);
- c) Substantivo + substantivo (e.g. *santo y seña*²⁶ ‘santo e senha’)

Semelhantemente à categoria gramatical dos adjetivos, as locuções adjetivas exercem, na oração, a função de atributo (e.g. *mondo y lirondo* ‘puro e simples’) e de predicação (e.g. *sano y salvo* ²⁷ ‘são e salvo’). Normalmente, são formadas por:

- a) Adjetivo / particípio + preposição + substantivo (e.g. *listo de manos* ‘hábil de mãos’);
- b) Adjetivo + conjunção + adjetivo (e.g. *sano y salvo* ‘são e salvo’).

Dentro do grupo das locuções adjetivas estão incluídas muitas comparações (e.g. *blanco como la pared* ‘branco como a parede’), além de locuções adjetivas formadas por um sintagma prepositivo (e.g. *de postín*²⁸ ‘de luxo’).

Sobre as locuções adverbiais, Ruiz Gurillo (2001, p.55) coloca que, além de exercerem a mesma função sintática do advérbio: modificar um verbo (e.g. *De*

²⁶ Quando dois soldados se encontravam em uma ronda, a fim de se identificarem, cada um deles tinha que dar uma palavra-chave. O primeiro que falava dava o *santo y seña*, o segundo respondia com a *contraseña*. Assim os dois sabiam que seu interlocutor não era um intruso. A expressão *santo y seña* explica-se porque quando o primeiro dava sua mensagem costumava ser o nome de um santo, seguido de uma palavra-chave (e.g. São Jorge e vitória, ou Santiago e ordem etc). O DRAE faz menção a essa aceção do fraseologismo. Não encontramos uma equivalente fraseológica em português

²⁷ Geralmente é usada após verbos como “chegar” e “sair” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 98).

²⁸ É usada no sentido de algo ser luxuoso. A tradução literal é ‘de luxo’. Não há no português do Brasil essa idéia lexicalizada por um fraseologismo, como a locução adjetiva ‘de postín’, encontrada no espanhol.

vez en cuando, *Juan y yo nos tomamos una cerveza a medias en casa* ‘De vez em quando tomamos metade de uma cerveja em casa’), um adjetivo (e.g. *Ese niño es malo* ‘Essa criança é má’) ou outro advérbio (e.g. *Yolanda vive aquí al lado* ‘Yolanda vive aqui ao lado’), podem modificar toda uma oração (e.g. *A lo mejor compro un coche nuevo* ‘Talvez compre um carro novo’).

As locuções verbais, por sua vez, “têm a função sintática de núcleo do predicado” ²⁹ (Ruiz Gurillo, 2001, p.54). Corpas Pastor (1996, p.102) adverte sobre as grandes diversidades morfossintáticas dessa categoria, que pode se dar em binômios do tipo verbo + conjunção + verbo (e.g. *ir y venir* ‘ir e vir’) sem complemento, ou com complemento (e.g. *nadar y lavar la ropa* ‘nadar e lavar a roupa’). Corpas Pastor (*ibidem*) inclui nas locuções verbais os fraseologismos do tipo verbo + pronome (e.g. *cargársela* ‘sobrecarregar’). A autora acrescenta que são comuns nessa categoria os seguintes padrões sintáticos:

- a) Verbo de ligação + atributo (e.g. *ser el retrato vivo de alguien* ‘ser o retrato vivo de alguém’);
- b) Verbo + complemento circunstancial (e.g. *dormir como un tronco* ‘dormir como um tronco’);
- c) Verbo + suplemento (e.g. *oler a cuerno quemado* ‘cheirar a chifre queimado’);
- d) Verbo + objeto direto (e.g. *costar el ojo de la cara* ‘custar o olho da cara’)

Grande parte das locuções verbais costuma apresentar fixação fraseológica na forma negativa (e.g. *no pegar ojo* ‘não pregar olho’). Já as locuções prepositivas exercem as mesmas funções das preposições simples (RUIZ GURILLO, 2001, p.58). São exemplos de locuções prepositivas as unidades fraseológicas: *a pesar de* ‘a pesar de’, *con objeto de* ‘com o objetivo de’, *en aras de* ‘em vias de’, *con el fin de* ‘com o fim de’, *en torno a* ‘em torno de’, *con vistas a* ‘com vistas a’, *gracias a* ‘graças a’ (*Ibidem*).

Os provérbios (e.g. *La ocasión hace al ladrón* ‘A ocasião faz o ladrão’), por sua vez, seguem a comum dificuldade das questões fraseológicas, pois sobre eles os autores também divergem. Essas estruturas têm recebido muitas denominações: refrão, dito, máxima, adágio, aforismo, citação etc, todas para indicar o mesmo

²⁹ No original: “Actúan como núcleos de un predicado [...]” (RUIZ GURILLO, 2001: 54).

fenômeno: os provérbios. Estes já ocuparam lugar de destaque nos estudos fraseológicos, entretanto, Mlacek³⁰ (*apud* CORPAS PASTOR, 1996, p.135) comenta que:

Depois dos trabalhos de Charles Bally e V. V. Vinogradov, os provérbios deixaram de ser o centro da fraseologia, chegou-se a excluí-los por completo dos trabalhos fraseológicos, para, posteriormente, brindar-lhes um tratamento distinto, o qual deu origem às diversas concepções que se tem sobre tais unidades na atualidade.³¹ (MLACEK *apud* CORPAS PASTOR, 1996, p.135)

Ao contrário das outras categorias, as fórmulas situacionais (e.g. *¿Qué tal?* 'Que tal?', *Hasta luego* 'Até logo') recebem menos ênfase nos estudos fraseológicos. Entretanto, sua inclusão ou exclusão dentro das unidades fraseológicas demonstra dificuldades semelhantes. Alguns dos termos usados como sinônimos para fórmulas situacionais são listados também em Corpas Pastor (1996, p.171): "timos, fórmulas da vida social e as frases habituais, fórmulas estereotipadas, orações rituais ou simplesmente fórmulas".

A partir desses esclarecimentos teóricos, entendemos que o termo unidade fraseológica inclui tanto as colocações, como as locuções, além dos provérbios e das fórmulas situacionais. Entretanto, para a presente pesquisa, coletamos apenas locuções. Além do mais, dentro da subcategoria das locuções, limitamo-nos às verbais. No capítulo 3, expomos quais são essas locuções e as suas metáforas licenciadoras. Antes, porém, reservamos o próximo capítulo para mais alguns esclarecimentos teóricos. Como nosso trabalho lida com a relação metáforas conceituais, lexicografia e didática de unidades fraseológicas do espanhol, antes de fornecermos o modelo de glossário que propomos, julgamos necessários alguns esclarecimentos sobre a forma como as unidades fraseológicas costumam ser arroladas nos dicionários, com especial destaque para os da língua espanhola. Reservamos o próximo capítulo para esses esclarecimentos, além de fornecermos uma sinopse da forma como essas estruturas costumam ser tratadas

³⁰ MLACEK, J. *Zur Frage der Verständnisses der Grenzen der Phraseologie*. In: MATESIC, J. (Org.). 1983, 133-146.

³¹ Tradução minha: "Tras los trabajos de Charles Bally y V.V.Vinogradov, las paremias dejaron de ser el centro de la fraseología: se las llegó a excluir por completo de los trabajos fraseológicos, para, posteriormente, brindarles un tratamiento distinto, lo cual dio origen a las diversas concepciones que de tales unidades se tienen en la actualidad" (MLACEK *apud* CORPAS PASTOR, 1996, p.135)

na lexicografia espanhola, aproveitando para refletir sobre o valor didático de obras lexicográficas no ensino-aprendizagem do léxico fraseológico.

CAPÍTULO 2

ENSINO-APRENDIZAGEM DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS E USO DE DICIONÁRIOS

Geralmente, o aluno brasileiro se limita a recorrer ao dicionário para sanar uma dúvida semântica durante a leitura de um texto. Entretanto, essa é apenas uma das possibilidades funcionais do dicionário, que também tem potencial de contribuir para a produção de textos orais e/ou escritos.

Muitas vezes, devido à falta de familiaridade dos alunos com dicionários, glossários e demais obras lexicográficas, eles desconhecem a variedade tipológica à sua disposição. Crêem que só existe o modelo prototípico com o qual estão mais acostumados: o dicionário geral de recepção. Entretanto, há várias formas de classificação das obras lexicográficas. Além dos dicionários gerais, deve-se mencionar os especiais que se destinam a registrar apenas um subconjunto determinado de unidades lexicais.

Os vários tipos de categorizações lexicográficas dependem dos critérios adotados. Por exemplo, segundo Haensch e Omeñaca (2004), caso se considere o número de línguas, o dicionário pode ser monolíngüe ou plurilíngüe (bilíngüe ou multilíngüe). Caso se analise o grupo de destinatários para o qual o material se direciona, pode ser classificado como: dicionário infantil, dicionário escolar, dicionário turístico, dentre outros. Caso o critério seja o tipo de ordenação dos verbetes, o dicionário pode ser semasiológico, ordenado alfabeticamente, ou onomasiológico³², ordenado conceitualmente. Os primeiros são indiscutivelmente mais numerosos; os segundos, por sua vez, têm grande importância na historiografia lexicográfica, inclusive, pelo fato de os primeiros dicionários impressos terem sido onomasiológicos. Há ainda as terminologias “dicionários de recepção” e “dicionários de produção”, cujo critério adotado é a função de uso. O primeiro serve para a compreensão escrita. Sua função é dar ao leitor o máximo de informações para entender um texto. Já o dicionário de produção, ao contrário, serve para gerar textos.

2.1. Uma “Paleolexicografia” de fraseologismos espanhóis

³² Os dicionários onomasiológicos costumam ser também chamados de ideológicos, principalmente, na literatura espanhola.

O termo paleolexicografia, que inicia esta seção, foi tomado emprestado de Welker (2004, p.56), pois sintetiza em uma única palavra o que queremos transmitir: uma visão cronológica da abordagem de fraseologismos por dicionários gerais e especiais monolíngües de espanhol.

2.1.1. Dicionários monolíngües gerais

No caso específico dos dicionários monolíngües gerais de espanhol, o tratamento fraseológico não é animador, no entanto, esta não é uma realidade isolada. Pesquisadores como Burger, Ettinger e Zöfgen (*apud* Welker, 2004, p.166) constataram que o tratamento lexicográfico dessas estruturas deixa muito a desejar também em outras línguas. Falando-se especificamente no caso do espanhol, merecem destaque os dicionários produzidos pela *Real Academia Española*, pois servem de paradigma para todas as demais obras lexicográficas espanholas. Após o primeiro dicionário da Real Academia Espanhola, o DRAE, que data do século XVIII, foram reeditados exemplares do original até a 10^a. edição. Entretanto, esse dicionário não apresentava preocupação com a inclusão dos fraseologismos.

Ainda assim, Haensch e Omeñaca (2004, p.217) comentam que o prestígio do DRAE é tão grande que praticamente não são publicados outros dicionários gerais monolíngües no século XVIII. Entretanto, no século seguinte, editores particulares passaram a editar outros dicionários, alegando que o dicionário acadêmico apresentava uma seleção lexical restrita, conservadora e purista. Um dos pontos fracos apontados é, justamente, a pouca importância dada às unidades fraseológicas.

São duas as grandes questões a serem resolvidas em qualquer dicionário monolíngüe geral: a escolha do verbete no qual o fraseologismo será registrado e o lugar do verbete em que deve aparecer. Por exemplo, no caso de um consulente procurar a locução *calentar la cabeza* 'esquentar a cabeça' deverá buscá-la em qual dos verbetes: *calentar* ou *cabeza*? Welker (2004, p.173) informa que, na maioria das vezes, prefere-se o substantivo, portanto, nesse caso, a escolha seria o verbete *cabeza*. O autor sugere que uma solução mais didática seria que fossem arrolados nos verbetes de todos os componentes.

Solucionando-se o problema da escolha do verbete, faz-se necessário decidir: onde a unidade fraseológica deve aparecer? Algumas opções encontradas, ainda em Welker (*ibidem*), são colocá-la ao fim do verbete ou na acepção que mantém alguma relação semântica com um de seus componentes. Outra opção é que o lexicógrafo adote uma forma particular e criativa, neste caso, obrigatoriamente, deverá dar os devidos esclarecimentos na introdução do dicionário. Por exemplo, Señas (2001), que inclui as unidades fraseológicas como subentradas, explica na sua introdução à edição brasileira os procedimentos adotados para a inclusão dos fraseologismos nos verbetes:

A inclusão da fraseologia (locuções) em uma ou em outra entrada dependerá das formas que a compõem, já que uma locução é formada por uma série de palavras. Se uma locução for constituída por elementos da mesma classe de palavras, ela estará incluída na entrada correspondente ao primeiro elemento. Se os elementos que a formarem pertencerem a classes diferentes, ela estará incluída na entrada do elemento que pertencer à classe de palavras mais relevante [*sic*], de acordo com a seguinte hierarquia: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, preposição. As locuções que incluem um sintagma preposicional aparecem na entrada correspondente ao elemento que rege a preposição. Esta hierarquia, no entanto, poderá ser quebrada quando um dos elementos de classe inferior for mais produtivo que os demais, isto é, quando oferecer mais possibilidades de construção (Señas, 2000, p.XI).

Além de todas essas informações detalhadas, explica também que, a fim de facilitar ainda mais a busca do consulente, algumas unidades fraseológicas podem ser encontradas em mais de uma entrada. Por exemplo, a locução *calentar la cabeza* 'esquentar a cabeça' aparece nas duas entradas *calentar* e *cabeza*.

2.1.2. Dicionários monolíngües especiais de fraseologismos

Com relação aos dicionários monolíngües especiais de fraseologismos, deve-se levantar uma outra questão problemática ainda mais complexa. Referimo-nos à falta de critérios claros para a definição do que esses materiais lexicográficos incluem como unidades fraseológicas e o tipo de taxonomia que adotam. Seria bastante útil uma caracterização mais adequada dos limites de definição dessas estruturas sintagmáticas por parte dos lexicógrafos na seção destinada à introdução dos dicionários.

Entretanto, essa delimitação é complexa e apresenta grande discordância entre os autores, como já discutimos no primeiro capítulo. Além disso, há casos de dicionários que trazem em sua introdução a especificação dos tipos de fraseologismos nos quais se detém, mas que, no entanto, acabam sendo questionados por outros autores. Por exemplo, Penadéz Martinez (2001), em um artigo no qual estabelece uma crítica ao *Diccionario fraseológico del español moderno* (Varela e Kubarth, 1994), sugere uma reavaliação de 104 unidades fraseológicas retiradas do. Segundo Penadéz Martinez (2001), há pelo menos 104 unidades fraseológicas consideradas por Varela e Kubart (1994) como locuções, as quais deveriam ser categorizadas como colocações.

Além do mais, os títulos dos dicionários especiais que tratam dos tipos distintos de combinações de palavras do espanhol são muito variados e muitas vezes pouco esclarecedores. Alguns trazem o termo “modismos”, outros, “frases feitas”, “expressões coloquiais”, “expressões idiomáticas” ou “fraseologismos”. Toda essa variada terminologia chega a ser confusa ou mesmo contraditória. Realmente, essa é uma questão pouco consensual e que rende larga discussão. Autores como Corpas Pastor³³ (1996), Ruiz Gurillo³⁴ (1997), Ruiz Gurillo³⁵ (2001, 2002), e Tagnin³⁶ (2005) contribuem para maiores esclarecimentos sobre essas terminologias.

Um outro aspecto digno de ser mencionado com respeito aos dicionários especiais é a metodologia adotada para a sua ordenação macroestrutural. Sobre isso, Welker (2004, p.167) observa que “cada autor pode ter um motivo para estabelecer uma determinada ordem; o essencial é que haja uma ordem e que ela seja seguida em todo dicionário”. Para maiores detalhes sobre as formas de se expor o léxico, não apenas nos dicionários especiais de unidades fraseológicas como também nos dicionários gerais, fornecemos alguns esclarecimentos retirados de Kövecses (2001).

³³ Analisa os antecedentes teóricos da fraseologia e a situação atual, além de caracterizar e definir as unidades fraseológicas.

³⁴ Constitui uma excelente obra sobre o tema, trazendo, no capítulo 3, esclarecimentos valiosos sobre as diferentes formas dos autores conceberem e categorizarem as expressões idiomáticas.

³⁵ Constituem duas obras distintas de uma mesma coleção. Na primeira (2001) a autora sugere diversos modos para caracterizar as locuções e de como diferenciá-las de outras unidades complexas como as colocações, por exemplo. A segunda publicação (2002) pretende ser um complemento da primeira, uma espécie de caderno de exercícios fraseológicos.

³⁶ Apresenta os tipos de unidades convencionais que ocorrem em inglês e em português através de explicações e exemplos.

2.1.3. Ordenação fraseológica em dicionários: métodos de agrupamento

Kövecses (2001) explica como alguns dicionários organizam macroestruturalmente as unidades fraseológicas. O autor cita pelo menos quatro formas metodológicas de agrupá-las: listagem em ordem alfabética, arranjo baseado em palavras-chave, arranjo tipo tesouro e, finalmente, arranjo baseado em metáforas. Para explicá-las, Kövecses (*ibidem*) fornece exemplos do inglês, relacionados com o fenômeno do fogo, os quais transcrevemos a seguir. Quando possível, acrescentamos exemplos lexicográficos espanhóis aos fornecidos pelo autor em língua inglesa.

a) Agrupamento Alfabético

Como exemplo dessa primeira metodologia de ordenação, Kövecses (2001, p.90) cita o *The Oxford Dictionary of Current Idiomatic English* e estabelece uma crítica a esse tipo de organização baseada na mera distribuição alfabética, alegando que não reflete nenhuma estrutura conceitual. Não é propósito dos dicionários que adotam esse tipo de arranjo lexical indicar a base conceitual metafórica ou metonímica das palavras e expressões que constituem suas entradas.

Como vimos no início desse capítulo, os dicionários que seguem essa macroestrutura são chamados de semasiológicos. Uma de suas características é que costumam ser preferidos pelos consulentes, dada a sua praticidade na hora de consultar, entretanto, pecam na aleatoriedade com que expõem os verbetes. Parece válido considerar que são bons recursos de consulta, mas não favorecem o quesito produção.

Penadés Martínez (2002), em seu *Diccionario de Locuciones Verbales para la Enseñanza del Español*, opta pela macroestrutura baseada na ordenação alfabética de seus verbetes. Esse dicionário inclui 1.942 locuções verbais, listadas alfabeticamente pela primeira palavra que constitui cada fraseologismo. Para maiores detalhes oferecemos dois verbetes desse dicionário como exemplos:

helarse la sangre (en las venas) v. (s) [a alguien] Sentirse asustado, sobreco-
gido: *Al oír todo aquello se me heló la san-
gre. *arrugarse el ombligo.*

hervir la sangre v. (a) infor. [a alguien]
Alterarse, acalorarse: *Nos hirvió la san-
gre ante la injusticia que se había cometi-
do con nosotros. *arder la sangre.*

As siglas v. (s) e (a), que aparecem nos verbetes acima, significam, respectivamente: locução verbal, nível superior e nível avançado. Após a definição segue-se o exemplo. O asterisco * indica que a locução que aparece depois é a primeira por ordem alfabética de uma série de locuções sinônimas ou de uma série de locuções sinônimas e antônimas incluídas num apêndice correspondente no final do dicionário.

b) Agrupamento por palavras-chave

Esse tipo de macroestrutura organiza as unidades fraseológicas de acordo com certas palavras-chave, ou seja, palavras importantes. Kövecses (2001, p.91) cita alguns exemplos de verbetes do *Longman Dictionary of English Idioms*, relacionados ao FOGO, os quais transcrevemos para efeito de exemplificação. Ao lado fornecemos o equivalente em português. Nesses verbetes, aparecem como entradas palavras como *candle* ‘vela’, *fire* ‘fogo’ e *flame* ‘chama’ e em seguida um fraseologismo relacionado a elas:

CANDLE	‘VELA’
<i>Burn the candle at both ends</i>	‘trabalhar muito’
FIRE	‘FOGO’
<i>Play with fire</i>	‘brincar com fogo’
FLAME	‘CHAMA’
<i>An old flame</i>	‘uma velha paixão’

Consideramos, com base em Kövecses (2001), que expressões como as mencionadas podem ser melhor compreendidas se listadas de forma a evidenciar a presença de suas metáforas conceituais subjacentes. Percebe-se que através desses fraseologismos fala-se de temas cotidianos, tais como PAIXÃO, através do conceito de FOGO, entretanto, o agrupamento por palavras-chave não chama a atenção do consulente para as metáforas.

Além do citado exemplo, que representa obras do gênero em língua inglesa, pode-se mencionar como representante dos dicionários espanhóis especiais fraseológicos que utilizam essa macroestrutura o *Diccionario Fraseológico del Español Moderno*, de Kubarth e Varela (1994). Nele, o registro das unidades fraseológicas está catalogado por palavras-chave ordenadas alfabeticamente e, cada registro encontra-se encabeçado pela palavra que ocupa o nível mais alto segundo a seguinte hierarquia adotada: nomes próprios, substantivos, adjetivos, participípios, advérbios, pronomes (não interrogativos), numerais e verbo “ser”. Por exemplo, a unidade fraseológica *bullir la sangre* ‘borbulhar o sangue’ aparece encabeçada pela palavra-chave *sangre* ‘sangue’, pois na hierarquia mencionada é preferível o substantivo (*sangre*) ao verbo (*bullir*). A seguir ilustramos o citado verbete:

sangre

bullirle/hervirle la sangre a alguien (inf.).

A: Tener el vigor y la inquietud propios de la juventud: «A estos niños les bulle de tal manera la sangre, que no consigo que estén quietos ni cinco minutos».

B: Estar furioso: «A don Joaquín le hervía la sangre. ¿Cómo era posible que su propio hijo se atreviera a darle una contestación así?».

Kövecses (*ibidem*) chama a atenção para o fato de que também esse tipo de organização não parece contribuir mais que o anterior para a compreensão e a armazenagem de fraseologismos. Percebe-se que essa forma é só uma variação da primeira, pois as palavras-chave continuam sendo organizadas baseadas na ordem alfabética.

c) Agrupamento tipo tesouro

O terceiro modo de estruturar o léxico em um dicionário, também citado por Kövecses (2001, p.92), é o agrupamento do tipo tesouro. Essa tipologia, segundo Welker (2004, p.48), passou a ser usada a partir de 1852, com a publicação do dicionário onomasiológico do americano Peter Mark Roget, cujo título é *Thesaurus of English Words and Phrases*. Segundo Welker (*ibidem*), tesouro passou a ser usado como sinônimo de dicionário onomasiológico. Em espanhol, prefere-se o termo onomasiológico ou ideológico à tesouro, e se costuma usar indistintamente uma ou outra terminologia.

Esse terceiro exemplo foi considerado por Kövecses (*ibidem*) uma forma mais avançada que as anteriores, já que as listas de verbetes costumam ser fornecidas de acordo com o domínio-alvo. No entanto, ainda há um problema: não é especificado de nenhum modo o domínio-fonte, por outro lado, o domínio-alvo de vários verbetes é claramente indicado.

Esses tipos de dicionários partem da perspectiva do significado para o significante. Segundo Haensch e Omeña (2004, p.79), sua ordenação pode ser de duas formas. Uma delas, por temas, caso do *Thesaurus of English Words and Phrases*, no inglês. Outra, partindo de entradas ordenadas alfabeticamente que encabeçam um grupo de palavras correspondentes a um determinado campo léxico, como no *Diccionario ideológico*, de Casares (apud Haensch e Omeña, 2004, p.80) que constitui o protótipo do gênero, em língua espanhola.

d) Agrupamento baseado em metáforas

Uma outra opção de ordenação das unidades fraseológicas mencionada por Kövecses (2001, p.93) é a baseada nas metáforas conceituais. Nesse caso, é estabelecida uma relação entre metáfora e fraseologismo. Para explicar esse tipo de estrutura, o autor lista fraseologismos de diferentes domínios-alvo (e.g. EMOÇÕES: RAIVA, AMOR), organizados segundo suas metáforas conforme expomos abaixo:

A RAIVA É FOGO ³⁷

- (1) Depois da discussão ele estava cuspidando fogo.
- (2) Estava saindo fumaça dos seus ouvidos.
- (3) Ele está queimando de raiva.
- (...)

O AMOR É FOGO ³⁸

- (1) O fogo entre eles finalmente apagou.
- (2) Estou queimando de amor.
- (...)

Kövecses (2001) aponta que uma vantagem dessa forma de organização é que as unidades fraseológicas são apresentadas juntamente com os domínios-fonte e alvo, indicando os domínios específicos a que pertencem e esclarecendo que estão baseadas em uma dada metáfora conceitual, como no caso das expressões acima que se baseiam nas metáforas A RAIVA É FOGO e O AMOR É FOGO.

Consideramos essa estrutura melhor orientada para o caráter didático que queremos dar ao nosso glossário. Baseadas em alguns estudos sobre o ensino-aprendizagem do léxico, acreditamos que esse tipo de organização lexical proporciona a consciência metafórica das expressões linguísticas que expõe, podendo funcionar como um poderoso recurso didático para o seu ensino, por isso, nossa proposta, baseia-se nesse tipo de macroestrutura.

2.2. Um glossário onomasiológico de locuções verbais da RAIVA

O modelo que propomos inclui duas facetas importantes no ensino lexical: a linguagem metafórica e as unidades fraseológicas. Uma e outra têm sido de alguma forma desprezadas no ensino de vocabulário. Aproveitando que as unidades fraseológicas são muitas vezes licenciadas por metáforas conceituais, nossa proposta de um glossário onomasiológico de locuções verbais do espanhol

³⁷ ANGER IS FIRE: (1) After the row, he was spitting fire / (2) Smoke was coming out of his ears / (3) He's smoldering with anger / (...)

³⁸ LOVE IS FIRE: (1) The fire between them finally went out / (2) I'm burning with love / (...)

(Doravante, GOLVE) baseado em metáforas conceituais tem a vantagem de ensinar os fraseologismos de forma não arbitrária.

Justificamos a importância da inclusão da fraseologia no ensino de língua estrangeira por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, porque estudos psicolinguísticos experimentais (e.g. GIBBS, 1994) apontam evidências de que a natureza do pensamento é em grande parte metafórica. Isso quer dizer que a maior parte do uso que fazemos da linguagem não é literal. E sendo grande parte do léxico fraseológico marcadamente licenciado por metáforas, convém incluí-lo no ensino de línguas. Lazar (2003, p.1) compartilha a mesma opinião:

Estudantes que aprendem o sentido literal de palavras particulares, vocabulário deles pode ser bastante ampliado se forem capazes de usar as palavras figurativamente (e.g. palavras como florescer ou florir que têm ambos os sentidos, literal e metafórico) (LAZAR, 2003, p. 1)³⁹.

Em segundo lugar, porque nem todas as combinações de palavras são inteiramente livres nas línguas naturais. Existem, conforme lembra Corpas Pastor (1996, p.15), “o aspecto mais estável das línguas que compreende desde seqüências memorizadas, até combinações de palavras mais ou menos fixas, passando por estruturas frasais lexicalizadas e padrões léxicos combinatórios”⁴⁰. Sendo assim não é procedente aprender palavras isoladas. Binon e Verlinde (2000, p.123) corroboram essa perspectiva e asseveram que:

Para aprender vocabulário é necessário levar em consideração as unidades lexicais (*multi word units*), estudar os diferentes tipos e graus de relação, de co-ocorrência: as variações livres, possíveis e impossíveis, as colocações, as expressões idiomáticas, os provérbios, os símiles (e.g. rico como Crésus, reto como uma flecha), as palavras de ligação (*social lubricators*), as fórmulas comunicativas de uso corrente (Binon e Verlinde, 2000, p. 123).

No mesmo trabalho, afirmam também que certos fraseologismos merecem ser estudados desde o início da aprendizagem, ao invés de serem introduzidos apenas nos níveis mais avançados do conhecimento linguístico. Sobre isso alguns

³⁹ Tradução minha: “Students learn the literal meaning of particular words, their vocabulary can be greatly extended if they are then able to use these words figuratively (e.g. words such as to bloom or to blossom which have both literal and metaphorical meanings)” (LAZAR, 2003, p. 1)

⁴⁰ Tradução minha: “El aspecto más estable de las lenguas comprende desde las secuencias memorizadas, hasta las combinaciones de palabras más o menos fijas, pasando por las estructuras de frase lexicalizadas y los patrones léxicos combinatorios” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 15)

autores divergem por acreditarem que dada a dificuldade das unidades fraseológicas convém reservá-las aos níveis mais avançados.

Ezquerria (2000, p.83), por sua vez, expõe que não tem dúvida de que as unidades fraseológicas devem ser ensinadas. Segundo o autor, um estudante de línguas “deve pelo menos saber que essas estruturas existem, qual o seu significado e quando devem ou podem empregá-las”⁴¹. Outra informação importante que menciona é que:

As unidades pluriverbais apresentam-se em qualquer nível da língua, por isso prescindir delas no ensino pode ser tão pernicioso como fazê-las aparecer em qualquer momento; além do mais, muitas têm um caráter coloquial, por isso o aluno deve conhecê-las para facilitar a sua comunicação diária [...] ⁴² (EZQUERRA, 2000, p. 81).

Além do mais, como coloca Ruiz Gurillo (2001, p.89), “costuma-se dizer que não se domina uma língua até que se conheçam e se usem suas expressões próprias, ou seja, as locuções, as colocações, os provérbios e as fórmulas situacionais”⁴³. Acrescentamos ainda às palavras da autora que se faz igualmente necessário compreender os usos metafóricos que subjazem muitas dessas estruturas lexicais. Entretanto, as propostas pedagógicas que inserem a linguagem figurada e a fraseologia nas aulas de língua estrangeira ainda são poucas, principalmente, referentes à língua espanhola. Há alguns trabalhos direcionados para o inglês, mas faz-se necessário a inserção desse tema na elaboração de obras didáticas e lexicográficas em língua espanhola. Nos próximos parágrafos fornecemos algumas informações sobre pesquisas voltadas ao ensino da linguagem figurada, entretanto, todas referentes à língua inglesa, dada a carência dessas propostas em espanhol.

Boers e Demecheleer (1998), por exemplo, têm como foco principal uma abordagem semântico-cognitiva para ensinar preposições polissêmicas a alunos de inglês como língua estrangeira. Segundo esses autores, simplesmente, dar a

⁴¹ Tradução minha: “Al menos deben saber que existen, cuál es su significado y cuándo pueden o deben emplearlas” (EZQUERRA, 2000, p.83).

⁴² Tradução minha: “Las unidades pluriverbales se presentan en cualquier nivel de la lengua, por lo que prescindir de ellas en la enseñanza puede resultar tan pernicioso como hacerlas a parecer en cualquier momento; es más, muchas tienen un carácter coloquial, por lo que debe conocerlas el alumno para facilitar su comunicación diaria[...]” (EZQUERRA, 2000, p. 81).

⁴³ Tradução minha: “Se suele decir que no se domina una lengua hasta que no se conocen y se usan sus expresiones propias, esto es, las locuciones, las colocaciones, las paremias y las fórmulas rutinarias” (RUIZ GURILLO, 2001, p.89).

definição de preposições inglesas como, por exemplo, *behind*, não é suficiente. Com o objetivo de auxiliar alunos franceses a compreenderem melhor e a produzirem mais facilmente os sentidos figurados das preposições inglesas *behind* e *beyond*, os autores propõem que se faça uso de uma estratégia, na qual tanto o significado quanto o uso dessas preposições, bem como suas extensões menos literais, estejam relacionados por meio de metáforas conceituais.

No caso da preposição *behind*, para facilitar o processo de compreensão, os autores relacionam os sentidos mais ou menos metafóricos da preposição à metáfora conceitual CAUSAR É COLOCAR ALGUMA COISA EM MOVIMENTO. Fornecem algumas sentenças licenciadas por essa metáfora e com a citada preposição. Tais sentenças aparecem em uma escala gradual do sentido mais literal ao mais metafórico. Segundo os autores, fazer com que os alunos tomem consciência dessa metáfora, facilita a compreensão e produção da preposição em questão.

Para a preposição inglesa *beyond*, que inexiste em francês, Boers e Demecheleer (*ibidem*) observam que as metáforas conceituais subjacentes aos seus sentidos mais abstratos existem tanto no sistema conceitual do inglês como no do francês. Os autores sugerem que essa relação entre as metáforas conceituais e os sentidos mais e menos literais da preposição seja mostrada aos alunos, usando-se uma seqüência de exemplos com níveis de abstração gradativos.

Boers (2000, p. 553-571), também, propõe uma importante valorização da linguagem figurada no contexto de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, chamando a atenção para o fato de que grande parte da linguagem figurada é motivada. Enfatiza que muitas locuções figuradas podem, sistemática e frequentemente, ser originadas de temas metafóricos ao invés de serem arbitrárias. O autor realiza três experimentos que são aplicados a alunos belgas de inglês de nível intermediário com o objetivo de medir os benefícios em ensinar fraseologismos idiomáticos organizados de acordo com seus temas metafóricos subjacentes.

Do primeiro experimento, participaram 118 estudantes de escola secundária, cuja língua materna é o holandês e com idade entre 16 e 17 anos. Divididos em dois grupos (experimental e controle), os alunos do mesmo curso, com o mesmo professor, leram o texto *Managing the Emotion*, inspirado no livro *Emotional Intelligence: why it can matter more than IQ*. Após a leitura do texto, o grupo experimental recebeu anotações do vocabulário organizado ao longo dos

vários temas metafóricos, como por exemplo: A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE (e.g. ela explodiu), A RAIVA É FOGO (e.g. ela está cuspidando fogo) e AS PESSOAS COM RAIVA SÃO ANIMAIS PERIGOSOS (e.g. ela quase me engole). Por outro lado, o grupo controle recebeu o mesmo vocabulário, mas com o *input* organizado ao longo dos diferentes sentidos pragmáticos e funcionais, como por exemplo: expressões para descrever uma raiva violenta e repentina (e.g. ela explodiu) e expressões para descrever o modo como as pessoas falam de raiva (e.g. ela quase me engole). Dessa forma, enquanto, por exemplo, o grupo experimental recebeu a expressão metafórica 'ela explodiu', encabeçada pela metáfora RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE, o grupo controle recebeu a mesma expressão metafórica, mas organizada segundo a função "para descrever uma raiva violenta e repentina".

Os participantes de ambos os grupos, após receberem as anotações do vocabulário, têm 10 minutos para examinar a lista e perguntar algo. Em seguida, foi travada uma conversa de 15 minutos sobre os temas raiva e conflitos e, então, o material foi recolhido. Finalmente, foi entregue aos alunos um teste *close* para que completassem com 10 dos itens tirados do léxico estudado.

Os resultados demonstraram que, na hora de produzir o léxico, o grupo que recebeu a lista organizada por temas metafóricos se saiu melhor do que o grupo controle. Os resultados desse primeiro experimento sugerem que, pelo menos para o domínio das emoções, a consciência da metáfora que subjaz o novo vocabulário pode facilitar a sua retenção.

No entanto, Boers considerou o teste *close* usado no primeiro experimento um tipo de atividade excessivamente controlada e que, conseqüentemente, a participação dos respondentes foi muito passiva. O autor, com o intuito de proporcionar situações mais espontâneas, nas quais os alunos tivessem maior liberdade para usar as expressões pretendidas, aplicou, então, um segundo experimento para medir o efeito da consciência metafórica sobre a reprodução de novos vocabulários.

Deste segundo experimento, participaram 73 estudantes universitários de comércio e economia, com idade entre 19 e 20 anos, cuja língua materna era o francês e com nível intermediário de inglês. Os participantes receberam uma lista de vocabulário para possibilitá-los descrever tendências econômicas ascendentes (e.g. aumento) e descendentes (e.g. queda). O vocabulário era composto por verbos

(transitivos e / ou intransitivos) e substantivos derivados desses verbos. Por exemplo, para tendência econômica ascendente, o verbo *increase* (*t/i*) 'aumentar' e o substantivo *increase* 'aumento'; para tendência econômica descendente, o verbo *decrease* (*t/i*) 'reduzir' e o substantivo *decrease* 'redução'. Ambas as listas continham uma introdução que explicava a atividade. O grupo experimental, no entanto, recebeu linhas introdutórias diferenciadas, em que se chamava a atenção para os domínios-fonte das expressões recebidas (e.g. algumas expressões pedem uma imagem mais precisa, como despencar, disparar, cair, ou mergulhar). Após estudarem a lista, foram mostrados aos participantes alguns gráficos que descreviam o crescimento econômico e o desemprego em vários países. Foi removido, então, o material e os participantes tiveram cerca de 30 minutos para escrever um texto curto, descrevendo os gráficos. Os resultados demonstraram que o grupo experimental usava corretamente mais expressões do que o grupo controle.

Boers (*ibidem*) observa que as expressões usadas nesse segundo experimento são licenciadas pelas metáforas orientacionais MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO. Essas metáforas licenciam muitas expressões, muitas preposições e muitos verbos frasais, no caso da língua inglesa. Com o propósito de focar apenas expressões licenciadas por essas duas metáforas, o autor decidiu realizar um terceiro experimento envolvendo, 74 estudantes universitários, com idade entre 19 e 20 anos. Eram nativos de francês e, assim como os grupos anteriores, com nível intermediário de inglês.

Os grupos, experimental e o controle, receberam uma lista com verbos frasais. O grupo controle recebeu o *input* listado alfabeticamente (e.g. *blow up* 'explodir' / *cut down* 'diminuir'), enquanto o grupo experimental recebeu a mesma lista organizada segundo metáforas orientacionais subjacentes (e.g. MAIS É PARA CIMA: *blow up*; MENOS É PARA BAIXO: *cut down*). Ambos os grupos tiveram 10 minutos para estudar os verbos e tirar qualquer dúvida. Em seguida, o vocabulário foi removido dos participantes e lhes foi pedido que completassem um teste *close* com 20 palavras, das quais apenas 10 haviam sido estudadas anteriormente.

Como um todo, de novo a média de acertos do grupo experimental foi superior à média do grupo controle. Tais resultados, segundo Boers (*ibidem*), indicam que alunos que recebem o vocabulário organizado segundo temas metafóricos atingem melhores níveis de retenção lexical. A partir desses resultados, Boers acredita que propostas de atividades para a sala de aula com o objetivo de

aumentar a consciência metafórica dos alunos consistem em recurso para a aquisição de vocabulário. É importante ressaltar que, como o próprio autor diz, “essa proposta não substitui nenhum outro método já estabelecido para aprendizagem de vocabulário, mas sim, funciona como uma técnica complementar”⁴⁴.

Seguindo a mesma lógica, Lazar (2003) também defende a inclusão da linguagem metafórica no ensino de língua estrangeira. A proposta dessa autora se apresenta no livro *Meanings and Metaphors*, que contém uma série de atividades nas quais os alunos são encorajados a compreender e a produzir a linguagem figurada, bem como compreender e produzir as suas extensões semânticas. As unidades do livro estimulam as habilidades de leitura, fala e escrita, desenvolvendo a consciência metafórica e encorajando os alunos a um uso mais criativo da língua. A proposta é apresentar aos alunos principalmente os usos figurados da língua, sem, no entanto, desprezar o literal.

Meanings and Metaphors, publicado pela editora da Universidade de Cambridge, consiste de 34 unidades, cada uma enfatizando um tópico diferente relacionado à linguagem metafórica. Algumas unidades focalizam atividades profissionais (e.g. unidade 15: as metáforas do *Marketing*), outras trazem conceitos mais gerais relacionados à linguagem figurada (e.g. unidade 1, o que é linguagem figurada?), e outros, tratam de aspectos mais específicos da linguagem figurada (e.g. unidade 10, a metáfora ‘correr como um relógio’).

A autora recomenda que o professor comece a trabalhar com o material pela unidade 1 e que resolva as atividades propostas juntamente com seus alunos, ajudando-os a compreender os conceitos metafóricos. O livro é para ser usado como material suplementar pelo professor na sala de aula. Cada unidade possui uma página anterior aos exercícios, contendo anotações e instruções exclusivas para o professor, inclusive, sugestão do nível do aluno ao qual se dedica a atividade. Outra singularidade é que foi produzido para ser fotocopiado, de forma a atender às condições financeiras do professor e do aluno.

Esses trabalhos, na área da lingüística cognitiva, corroboram nossa proposta de glossário fraseológico didático, cujos procedimentos adotados para a sua elaboração estão descritos no próximo capítulo.

⁴⁴ Tradução minha: “[...] this approach is not meant as a substitute for any established vocabulary learning methods, but rather as a complementary technique” (Boers 2000, p. 553-571)

CAPÍTULO 3

A RAIVA: UMA EMOÇÃO E DUAS METÁFORAS

A presente pesquisa divide-se em quatro etapas: a coleta das unidades fraseológicas, a identificação e análise das metáforas licenciadoras dos fraseologismos selecionados, a elaboração do modelo para a macro- e microestrutura de um glossário e a preparação de propostas de atividades suplementares. Neste capítulo, esclarecemos sobre a metodologia usada para a coleta dos dados e discutimos as metáforas subjacentes aos fraseologismos selecionados.

3.1. A coleta

O levantamento e a extração dos fraseologismos foram realizados, principalmente, em dicionários ⁴⁵ mono- e semibilíngües, de caráter geral e especial (de locuções e de fraseologismos em geral), bem como em livros (CORPAS PASTOR, 1996; RUIZ GURILLO, 1997, 2001, 2002) e em artigos acadêmicos (IÑESTA e PAMIES, 2000a e 2000b) que tratam do assunto. Realizamos uma busca manual em todos materiais citados e, numa coleta inicial, obtivemos 100 fraseologismos pertencentes a diferentes categorias (e.g. locuções, colocações e provérbios) e a diferentes emoções (e.g. RAIVA, MEDO, AMOR e DESEJO).

A idéia inicial era coletar tanto colocações, como locuções e enunciados fraseológicos (incluindo-se provérbios e fórmulas situacionais). Nos verbetes, indicaríamos a que classificação a unidade fraseológica pertenceria. No entanto, posto que essa discussão está fora do escopo deste trabalho, restringimo-nos a 18 locuções verbais, conforme já adiantamos na Introdução. Para isso selecionamos

⁴⁵ GREGORIO DOVAL. *Del hecho al dicho*. Madrid: Ediciones del Prado, 1996.

MARTÍNEZ, I. P. *Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español*. Madrid: Arco Libros, 2002.

UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES. *Señas: diccionario para la enseñanza de lengua española para brasileños*. Traducido por: Eduardo Brandão e Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VARELA, F. & KUBARTH, H. *Diccionario fraseológico del español moderno*. Madrid: Gredos, 1994.

somente os fraseologismos que são classificados por Penadés Martínez (2002) e Kubarth e Varela (1994), como pertencentes a essa subcategoria.

Optamos também por explorar apenas o domínio da RAIVA. Inicialmente, nossa intenção era trabalhar com fraseologismos do espanhol usados para expressar diversas emoções (amor, prazer, raiva, medo, felicidade, tristeza etc). Entretanto, percebemos a complexidade da tarefa, dada a variedade de emoções existentes e a dificuldade de se definir o próprio fenômeno, então, selecionamos apenas locuções verbais sobre a RAIVA, principalmente, porque os conceitos sobre emoção variam muito de acordo com a perspectiva que se adota.

Na Lingüística, alguns estudos focalizam o modo como as várias emoções são expressas através do uso da linguagem emocional. Um desses trabalhos é o de Wierzbicka⁴⁶ (*apud* KÖVECSES, 1989, p.11), que questiona sobre o sentido de palavras como ALEGRIA, MEDO e RAIVA, dentre outras. A autora indaga se “é possível definir essas palavras, ou seja, explicar seus sentidos por outros semanticamente mais simples e identificar a relação estrutural manifesta entre as várias emoções e seus nomes”⁴⁷ (*apud* KÖVECSES, 1989, p.11). Como resposta ao seu próprio questionamento adota uma teoria baseada no que chama de “primitivos semânticos”, ou seja, “componentes do sentido que são supostamente mais simples e mais básicos do que as palavras que eles definem”⁴⁸ (KÖVECSES, 1989, p.12). Assim, RAIVA, por exemplo, poderia ser definido pelos quatro elementos estabelecidos por Davitz⁴⁹ (*apud* KÖVECSES, 1989, p. 6-8): [hiperativação], [mover-se contra], [tensão] e [inadequação].

Um dos grandes problemas desse tipo de concepção semântica, que se baseia na técnica da análise componencial, é que, como se limita a usar um número restrito de componentes básicos (componentes conceituais), restringe-se ao sentido central, ou denotativo da palavra. No entanto, comumente assume-se, na Semântica, que o sentido de uma palavra envolve duas partes: além do central ou denotativo, o periférico, ou sentido conotativo. No caso das palavras e expressões que se referem a emoções, podemos parafrasear o que diz Kövecses (1989, p.14) e

⁴⁶ WERZBICKA, A. *Emotions*. In: *Semantic primitives*. Frankfurt/ M: Atheneum Verlag, p. 57-70. 1972.

⁴⁷ Tradução minha: “Is it possible to define these words, i.e., to explain their meaning by means of semantically simpler ones and to make manifest the structural relations which obtain between the names of various emotions?” (*apud* KÖVECSES, 1989, p.11).

⁴⁸ Tradução minha: “[...] semantic primitives [...], that is, components of meaning that are supposedly simpler and more basic than the words they define” (KÖVECSES, 1989, p.12).

⁴⁹ DAVITZ, J. *The language of emotion*. New York: Academic Press, 1969.

afirmar que não é suficiente limitar o estudo do sentido emocional ao “sentido central”⁵⁰ e que a análise componencial de determinada emoção é uma grande simplificação e uma completa distorção de nossas experiências sobre essa emoção. Ainda segundo Kövecses (1989, p.15):

Existem muito mais experiências relacionadas à raiva do que os quatro sentidos indicados nos componentes acima: a raiva aumenta como resultado de uma ofensa, a ofensa tem vários níveis, a pessoa vê a si mesmo como uma vítima, a intensidade da emoção também tem vários níveis, ela está baseada na idéia de retribuição de justiça onde houve ofensa, a intensidade da emoção e a retribuição relacionam-se⁵¹ (KÖVECSSES, 1989, p.15).

Lakoff e os psicólogos cognitivos de nosso tempo argumentam sobre a necessidade de considerar a base conceitual das emoções humanas. Sobre isso, Lakoff (1987, p.377) diz:

As emoções são sempre vistas como sentimentos esvaziados de qualquer conteúdo conceitual. Mas além de sentir o que sentimos, impomos um entendimento sobre o que é que sentimos. Quando agimos sobre nossas emoções, agimos não só com base no sentimento, mas também com base nesse entendimento. Os conceitos emocionais são assim muito claramente exemplos de conceitos que são abstratos, e, não obstante, têm uma óbvia base na experiência corporal (LAKOFF, 1987, p. 377).

Com base nesse raciocínio, Lakoff (*Ibidem*) considera a RAIVA como um exemplo particularmente rico de um conceito emocional com uma estrutura cognitiva e conceitual muito elaborada. Não apenas esse autor, mas a maioria dos que se dedica a estudar as emoções (e.g. KÖVECSSES, 1989) concorda que a RAIVA é um exemplo prototípico da categoria emoção. Baseadas nessa mesma lógica, optamos por essa emoção.

Sendo assim, tendo em vista essas delimitações, excluímos do nosso *corpus* aquelas expressões que não interessavam, reduzindo o número para 18 fraseologismos, conforme listados abaixo:

⁵⁰ No original: “sentido core”.

⁵¹ Tradução minha: “There is a lot more to our culturally defined experiences of anger than what the above five meaning components indicate: Anger typically arises as a result of a deliberate offense to the self; the offense has various degrees; the self sees himself as a victim; the intensity of the emotion also has various degrees; it is based on the idea of retributive justice where the offense, the intensity of the emotion, and the retribution correlate with each other” (KÖVECSSES, 1989, p.15).

arder la sangre ‘arder o sangue’;
calentar la sangre ‘esquentar o sangue’;
echar chiribitas ‘soltar faíscas’;
echar chispas ‘soltar faíscas’;
echar fuego por los ojos ‘soltar fogo pelos olhos’;
echar humo ‘soltar fumaça’;
echar lumbre ‘soltar fogo’
encender la sangre ‘acender o sangue’;
estar fuera de si ‘estar fora de si’;
estar hasta el gorro ‘estar até o gorro’;
estar hasta la coronilla ‘estar até o cocuruto’;
hervir la sangre ‘ferver o sangue’;
quemar la sangre ‘queimar o sangue’;
sacar de sus casillas ‘tirar de suas casinhas’;
salir de quicio ‘sair de suas dobradiças’
salir de sus casillas ‘sair de suas casinhas’;
subir la sangre a la cabeza ‘subir o sangue à cabeça’;
tener frito a alguien ‘ter frito a alguém’

O fichamento das expressões foi feito por metáfora. Cada unidade fraseológica, conforme encontrada nos dicionários, foi distribuída em dois grupos, de acordo com a metáfora que a licencia. Por exemplo, a expressão *hervir la sangre* ‘ferver o sangue’ aparece encabeçada pela metáfora A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE, já *echar fuego* ‘soltar fogo’, enquadra-se no grupo de expressões licenciadas por A RAIVA É FOGO. Essas duas metáforas, por sua vez, constituem duas versões de uma única metáfora: A RAIVA É CALOR, à qual chamamos de arquimetáfora (ou grande metáfora).

Para elucidar o significado das expressões foi utilizado, além dos dicionários impressos, um *corpus* eletrônico, o CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*), que fornece os contextos das unidades fraseológicas na linguagem real, em espanhol. Aproveitamos as ocorrências fornecidas por esse *corpus* para servirem de contextos para os verbetes que propomos e para as atividades didáticas que sugerimos. Esse banco de dados contempla usos do espanhol nos últimos 30 anos, contendo tanto textos escritos (90%), quanto textos orais (10%). Abrange

temas diversos, tais como: ciência, política, vida cotidiana, economia e ficção. O quadro a seguir ilustra a distribuição dos textos nesse *corpus*:

Distribuição dos textos do CREA por grandes áreas temáticas (porcentagens sobre o total)	
1. Ciência e Tecnologia	10,125%
2. Ciências sociais, crenças, pensamento	13,5%
3. Política e Economia	13,5%
4. Artes	10,125%
5. Ócio e vida cotidiana	10,125%
6. Saúde	10,125%
7. Ficção	22,5%

QUADRO 1 - COMPOSIÇÃO TEXTUAL DO CREA (TRADUZIDO DE www.rae.es)

É importante salientar que o CREA concede tanta importância numérica à Espanha como a toda a América Hispânica. São 50% de registros da península e 50% da América, conforme se apresenta no QUADRO 2.

	Porcentagem do CREA	Países ou zonas
Espanha	50 %	Espanha
Zona mexicana	20 %	México, Sudoeste dos Estados Unidos, Guatemala, Honduras, El Salvador
Zona central	1,5 %	Nicarágua e Costa Rica
Zona caribenha	8,5 %	Cuba, Porto Rico, Panamá, Rep. Dominicana, Costas de Venezuela, Colômbia e Nordeste dos Estados Unidos
Zona andina	10 %	Resto de Venezuela e Colômbia, Equador, Peru e Bolívia
Zona chilena	3 %	Chile
Zona rio-platense	7 %	Argentina, Paraguai e Uruguai

QUADRO 2 - COMPOSIÇÃO DO CREA: CRITÉRIOS GEOGRÁFICOS
(TRADUZIDO DE www.rae.es)

Os 10% correspondentes ao material oral estão integrados por transcrições da língua falada, além de documentos sonoros, obtidos através de convênios com distintas instituições e mediante a gravação direta da Internet. Todo esse material foi submetido a um laborioso processo de transcrição ortográfica. Atualmente, a parte oral disponível no CREA é formada por dois grandes grupos:

- Textos procedentes de gravações de radio ou de televisão que foram transcritos e codificados seguindo-se as pautas definidas no documento Transcrição e codificação de textos orais; e
- Textos já transcritos, procedentes de outro *corpus* oral que, após revisão de texto e/ou de áudio, foram convertidos ao sistema de transcrição e

codificação do CREA oral. Até agora, foram incorporados os seguintes *corpus*:

- **ACUAH**: Análise da conversação da Universidade de Alcalá de Henares. Cedido pela Universidade de Alcalá de Henares, Madrid.
- **ALFAL**: Macro *corpus* da norma lingüística culta das principais cidades do mundo hispânico. Cedido pela Associação de Lingüística e Filologia da América Latina.
- **Caracas-77**: Estudo sociolingüístico de Caracas, 1977. Cedido pelo Instituto de Filologia Andrés Bello.
- **Caracas-87**: Estudo sociolingüístico de Caracas, 1987. Cedido pelo Instituto de Filologia Andrés Bello.
- **CEAP**: *Corpus* de entrevistas em Assunção do Paraguai.
- **COVJA**: *Corpus* oral da variedade juvenil universitária do español falado em Alicante. Cedido pelo Instituto de Cultura Juan Gil-Albert de la Diputación Provincial de Alicante.
- **CSC**: *Corpus* para o estudo do espanhol falado em Santiago de Compostela. Cedido pela Universidade de Santiago de Compostela.
- **CSMV**: *Corpus* sociolingüístico da cidade de Mérida. Cedido pela Universidade dos Andes, Venezuela.
- **UAM**: *Corpus* oral de referência do espanhol contemporâneo. Cedido pela Universidade Autónoma de Madrid.

Deve-se mencionar que o CREA é um *corpus* aberto, ou seja, a cada cinco anos lhe são acrescentados mais materiais modernos. Outra informação importante é que o CREA está estruturado em diferentes módulos, o que permite que se façam consultas referentes à totalidade dos textos, ou ainda, consultas a uma ou a várias áreas geográficas, de uma ou mais variedades temáticas.

Seu uso é sumamente fácil. Pode-se trabalhar com ele com qualquer computador que permita ser conectado à Internet. Para se ter acesso ao *corpus*, na página web da Real Academia Española, cujo site é <http://www.rae.es>, clica-se em *Consulta Banco de datos*. Em seguida, seleciona-se CREA. O sistema de consulta desse banco de dados conta com três janelas. A primeira se ocupa da construção do perfil da consulta. Para isso dispõe de um lugar reservado para sua redação, além de diversos critérios seletivos que a facilitam (opção geográfica, opção do domínio discursivo, opção cronológica etc). Por exemplo, para a consulta de *hervir la sangre* ‘ferver o sangue’, digita-se a unidade fraseológica na primeira página do CREA, conforme ilustra a FIGURA 3:

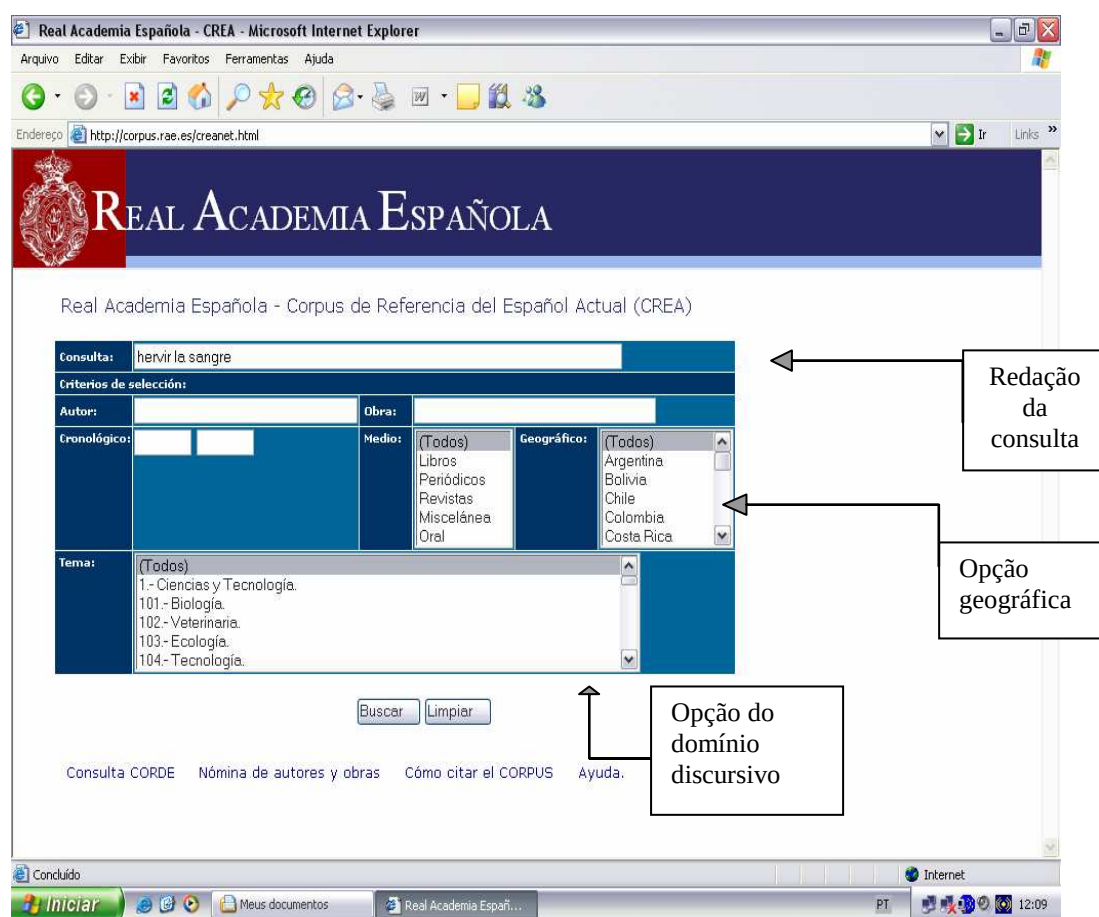


FIGURA 3 - CONSULTA DO CREA: JANELA PRINCIPAL

Em seguida, abre-se uma segunda janela (ver FIGURA 4), que oferece dados quantitativos da pesquisa realizada e a possibilidade de consultar os exemplos de acordo com os propósitos do consulente.

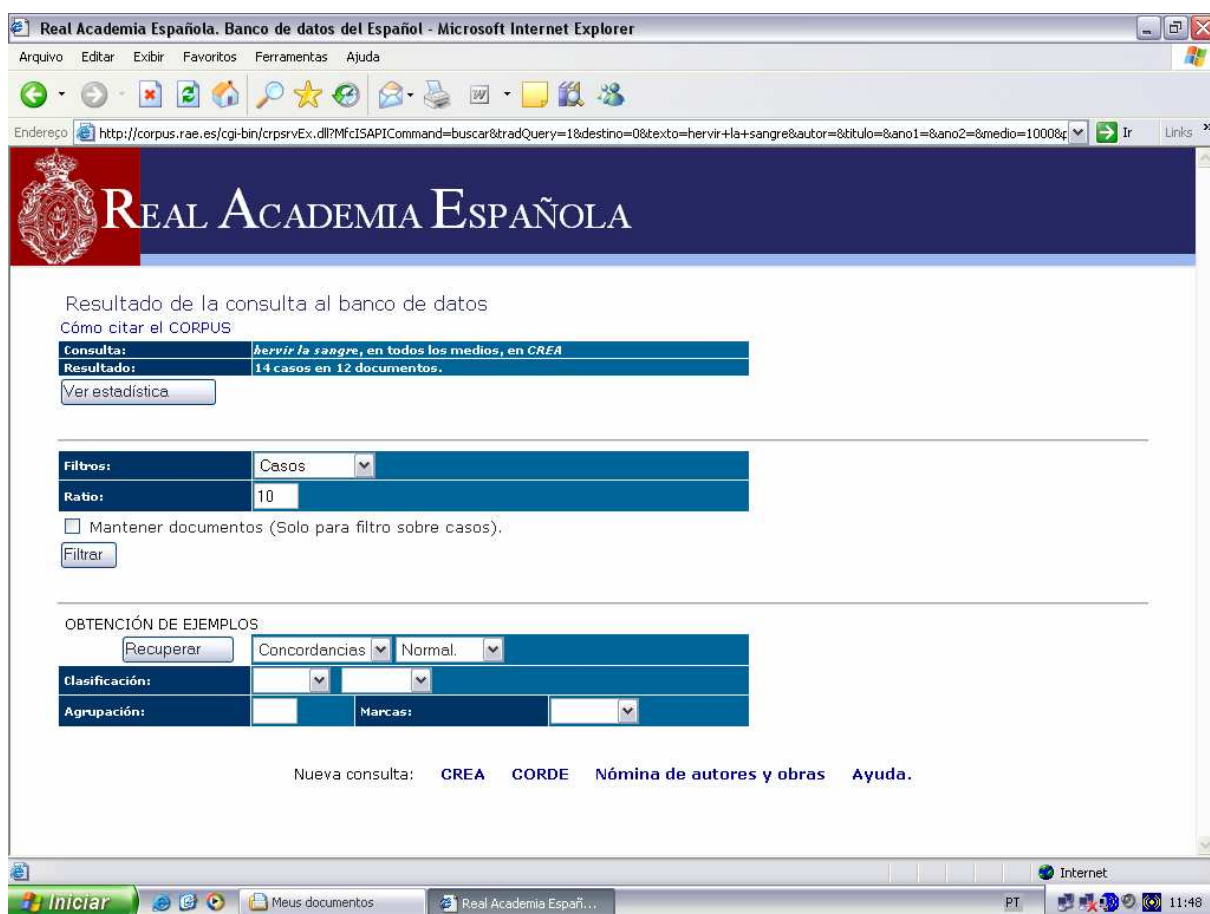


FIGURA 4 - RESULTADO DA CONSULTA

O próximo passo é a obtenção dos exemplos, os quais aparecem em uma lista chamada de concordância. Abre-se uma terceira janela (ver figura 4), que além de conter as concordâncias, traz informações sobre os exemplos, tais como fonte, data, país de origem etc. Ou seja, o *corpus* não se limita a mostrar que uma palavra ou expressão é utilizada, mas nos indica também boa parte de suas circunstâncias de uso.

The screenshot shows the RAE's 'Banco de datos del Español' interface. The search query is 'hervir la sangre, en todos los medios, en CREA'. The results show 14 cases in 12 documents. Below the search bar, there are options for 'OBTENCIÓN DE EJEMPLOS' (Get examples) with buttons for 'Recuperar' (Retrieve), 'Concordancias' (Concordances), 'Normal', and 'Clasificación' (Classification). There are also fields for 'Agrupación' (Grouping) and 'Marcas' (Marks). Below this, there is a section 'Cómo citar el CORPUS' (How to cite the corpus) with a link to 'Concordancias'. The main part of the screen displays a list of concordances, each with a number, the phrase 'hervir la sangre', and the year of the document. The list is as follows:

Nº	CONCORDANCIA	AÑO
1	e cualquier disputa, hasta la más deportiva, hace hervir la sangre de la mala bestia que se supone que	** 2003
2	la dura cotidianidad que obliga o desobliga, hace hervir la sangre o infecta el nervio social de una mo	** 1997
3	al pero que, hasta el momento, no parecen hacerle hervir la sangre a la gente. Más bien tendríamos que	** 1997
4	usados o encendidos de sus parches [...] haciendo hervir la sangre en congas [...] El tambor es el rey	** 1990
5	a blanca en los mapas, donde la temperatura hacia hervir la sangre en los mediodías calurosos, no crecí	** 1981
6	ltando la visión, cortando el aliento, y haciendo hervir la sangre a hombres y bestias. -Ni un lagarto	** 1981
7	ndo y el calor aumentaba hasta amenazar con hacer hervir la sangre; un calor tan denso, agobiante y pes	** 1981
8	emoción incontenible me hacia vibrar las células, hervir la sangre. Tú, oscuramente, te diste cuenta de	** 1992
9	, soltó un rugido de emoción que a Poncho le hizo hervir la sangre. Eso, lo que había sentido segundos	** 1998
10	aleta, parece distraído. El joven Soberano siente hervir la sangre en sus venas. Un imperativo deseo de	** 1995
11	ivencias cada una de las cuales aún podía hacerte hervir la sangre. Alegrarte, tampoco. No te sentías u	** 1985
12	recuerdo de los dulces melados de antaño les hizo hervir la sangre: se escondieron tras la sábana que a	** 1992
13	tanías. Leía luego sobre las cruzadas: le hacían hervir la sangre de entusiasmo por la aventura políti	** 2000
14	tor. El solo nombre de Reilly o de Panal le hacia hervir la sangre. ¿Y si, después de todo, el jefe del	** 2000

At the bottom of the screen, there is a navigation bar with links: 'Nueva consulta: CREA CORDE Nómina de autores y obras Ayuda.'.

Para obter as informações sobre os exemplos tais como a fonte e o país de origem, basta mover a barra de rolagento para a direita.

FIGURA 5 - CONCORDÂNCIAS DE *HERVIR LA SANGRE* NO CREA

Como se pode verificar, no CREA, não existe uma opção de busca específica para fraseologismos. Como essa opção não é fornecida por nenhum dos corpora eletrônicos que conhecemos, nosso trabalho aponta a necessidade e a possibilidade de se promover, no futuro, a criação de filtros para fraseologia em corpora eletrônicos.

Seguimos os procedimentos descritos acima para a seleção dos contextos de usos das unidades fraseológicas que constituem os verbetes de nossa proposta de glossário. É importante explicar que dos 18 fraseologismos não foram encontradas concordâncias no CREA para um deles (*tener frito a alguien*). Entretanto, salientamos que o fato de determinadas unidades fraseológicas não

serem registradas em *corpora* eletrônicos não significa que essas não sejam correntes entre os falantes. Além da possibilidade de alguns fraseologismos usados na linguagem real não estarem registrados em *corpora* eletrônicos, também pode ocorrer de não estarem dicionarizados. Ainda assim, isso não quer dizer que não existam. A seguir fornecemos o QUADRO 3, indicando a presença ou ausência dos fraseologismos nas principais fontes utilizadas para a coleta:

Unidades fraseológicas	Dicionários				Corpus eletrônico
	DFEM ⁵²	DLVE ⁵³	DHAD ⁵⁴	SEÑAS	CREA
Arder la sangre	X				X
Calentar la sangre	X	X			X
Echar chiribitas	X				X
Echar chispas	X	X	X	X	X
Echar fuego por los ojos	X	X		X	X
Echar humo	X	X		X	X
Echar lumbre	X	X		X	X
Encender la sangre	X	X			X
Estar hasta el gorro	X	X		X	X
Estar hasta la coronilla	X	X		X	X
Estar fuera de si	X			X	X
Hervir la sangre	X	X		X	X
Sacar de sus casillas	X	X	X	X	X
Sacar de quicio	X	X		X	X
Salir de sus casillas	X				X
Subir la sangre a la cabeza	X	X		X	X

⁵² VARELA, F. & KUBARTH, H. *Diccionario fraseológico del español moderno*. Madrid: Gredos, 1994.

⁵³ MARTÍNEZ, I. P. *Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español*. Madrid: Arco Libros, 2002.

⁵⁴ GREGORIO DOVAL. *Del hecho al dicho*. Madrid: Ediciones del Prado, 1996.

Quemar la sangre	X	X			X
Tener frito a alguien	X			X	

QUADRO 3 - OCORRÊNCIAS DAS UNIDADES FASEOLÓGICAS EM TRÊS DICIONÁRIOS ESPECIAIS IMPRESSOS, EM UM DICIONÁRIO GERAL E EM *CORPUS* ELETRÔNICO

Para o caso específico da unidade fraseológica *tener frito a alguien*, a única para a qual o CREA não fornece contextos, optamos por adotar o exemplo fornecido por Kubarth e Varela (1994) para o verbete que propomos. Após esses esclarecimentos sobre a coleta dos dados, passamos para a análise das metáforas.

3.2. Metáforas da RAIVA

Para a identificação das metáforas presentes nas 18 unidades fraseológicas coletadas, partimos dos estudos de Lakoff e Johnson (1980) e de Kövecses (1989). Verificamos que as seguintes metáforas para se referirem à RAIVA: A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE e A RAIVA É FOGO, presentes na língua inglesa, também fazem parte do sistema conceitual dos falantes de espanhol.

Segundo Kövecses (1989, p.50) “as emoções são, frequentemente, consideradas como sendo sentimentos isolados, e como tal, vazias de conteúdo conceitual”⁵⁵. Em contrapartida a essa concepção, o próprio Kövecses (*ibidem*) argumenta que: “as emoções possuem uma estrutura extremamente complexa que fornece uma ampla variedade de inferências significativas”⁵⁶. Essas inferências permitem-nos, a partir de uma análise cuidadosa da linguagem usada para expressar as emoções, identificar uma rede conceitual sistemática subjacente à linguagem emocional.

À primeira vista, as expressões convencionais usadas para falar sobre RAIVA (e.g. *arder la sangre* ‘arder o sangue’, *echar fuego* ‘soltar fogo’, *estar hasta la coronilla* ‘estar até o cocuruto’) demonstram-se tão diversas que parece ser

⁵⁵ Tradução minha: “The emotions are often considered to be feelings alone, and as such they viewed as being devoid of conceptual content” (KÖVECSES, 1989, p.50)

⁵⁶ Tradução minha: “[...] emotions have an extremely complex conceptual structure, which gives rise to a variety of nontrivial inferences”. (KÖVECSES, 1989, p. 50)

impossível identificar qualquer coerência sistemática entre elas. No entanto, apoiadas em Kövecses (*ibidem*), podemos afirmar que muitas das unidades fraseológicas, inclusive as idiomáticas, estão relacionadas conceitualmente umas com as outras. Acreditamos, ainda baseados nesse autor, que muitos fraseologismos usados para falar da RAIVA, além de não serem arbitrários, apresentam uma estrutura conceitual sistemática baseada em uma metáfora comum, cuja identificação é possível graças à organização conceitual coerente subjacente às expressões. Essa organização conceitual deriva das correspondências que fazemos entre domínios conceituais diferentes. Por exemplo, falamos da raiva - que é um domínio mais abstrato - em termos de líquidos quentes em recipientes ou em termos de fogo - domínios mais concretos. A partir da identificação dos domínios envolvidos (RAIVA e LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTES / FOGO) e das correspondências entre eles é que identificamos a quais metáforas as expressões estavam relacionadas. O QUADRO 4 mostra essa relação:

A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE	A RAIVA É FOGO
<i>echar humo</i>	<i>arder la sangre</i>
<i>estar fuera de si</i>	<i>calentar la sangre</i>
<i>estar hasta el gorro</i>	<i>echar chiribitas</i>
<i>estar hasta la coronilla</i>	<i>echar chispas</i>
<i>hervir la sangre</i>	<i>echar fuego por los ojos</i>
<i>sacar de sus casillas</i>	<i>echar lumbre</i>
<i>salir de quicio</i>	<i>encender la sangre</i>
<i>salir de sus casillas</i>	<i>quemar la sangre</i>
<i>subir la sangre a la cabeza</i>	<i>tener frito a alguien</i>

QUADRO 4 - RELAÇÃO ENTRE UNIDADE FRASEOLÓGICA E METÁFORA CONCEITUAL

Note-se que todas as unidades fraseológicas acima envolvem a noção de calor, dando a idéia de que todas essas expressões são licenciadas pela grande metáfora A RAIVA É CALOR, que se apresenta nas duas outras versões, conforme explicamos a seguir:

A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE

Os fraseologismos apresentados na primeira coluna, segundo o paradigma que adotamos, são baseados na experiência que os falantes têm em virtude do seu contato com líquidos em recipientes, os quais, sob altas temperaturas ou em grandes quantidades, transbordam do interior em que estão contidos. Portanto, a imagem que constroem para essas expressões é a de um recipiente cheio de líquido. Muitas vezes, o recipiente é o próprio corpo humano (e.g. *calentar la sangre*, *estar fuera de si* 'estar fora de si'), entretanto, pode ser de outro tipo (e.g. *salir de sus casillas* e *salir de quicio*)⁵⁷. Quando o recipiente é o corpo humano, o sangue é, metonimicamente falando, a RAIVA. Nesse caso, fala-se da RAIVA em termos do líquido "sangue". Entender que a RAIVA é conceitualizada como um líquido em aquecimento em um recipiente explica, segundo Gibbs (1994), uma série de expressões. No caso dos exemplos mencionados para essa metáfora, ocorrem as seguintes imagens metafóricas:

(i) o corpo é um recipiente que superaquecido esquentar o líquido interno até que este atinja elevadas temperaturas e se transforme em vapor. Essa imagem licencia o aparecimento de expressões como: *calentar la sangre* 'esquentar o sangue', *hervir la sangre* 'ferver o sangue' e *echar humo* 'soltar fumaça';

(ii) o calor intenso produz vapor e cria pressão no recipiente em que o líquido está. De forma semelhante, a raiva intensa também produz pressão no corpo, marcando a perda de controle, licenciando expressões como: *estar fuera de si* 'estar fora de si'

⁵⁷ Há vários objetos que podem ser entendidos como recipientes, por exemplo, nas locuções *salir de sus casillas* 'sair de suas casinhas' e *salir de quicio* 'sair de suas dobradiças', "casa" e "dobradiças" são entendidas como recipientes, pois contêm espaços internos que podem conter objetos ou fluidos, por exemplo.

(iii) quando o líquido começa a ferver, ele aumenta de volume e sobe para as bordas do recipiente. Onde há passagem (e.g. um orifício) o líquido extravasa. A raiva conceitualizada dessa forma, quando aumenta de intensidade, também sobe e derrama, gerando expressões do tipo: *subir la sangre a la cabeza* 'subir o sangue à cabeça', *estar hasta la coronilla* 'estar até o cocuruto', *salir de sus casillas* 'sair de suas casinhas';

A FIGURA 6 nos dá uma representação das correspondências entre os domínios RAIVA e LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTES, que permitem a elaboração das imagens metafóricas descritas acima:

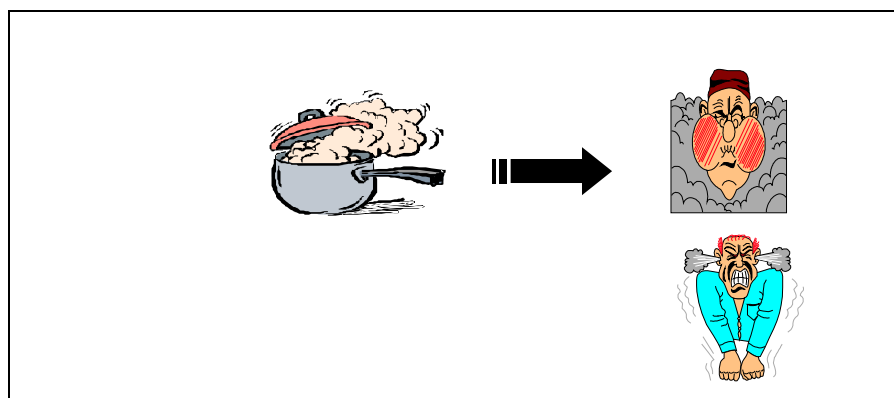


FIGURA 6 - A IMAGEM DA RAIVA EM ESPANHOL

A língua espanhola usa a noção de LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTES para falar da RAIVA, porque existem correspondências entre esses dois domínios. É exatamente esse programa de correspondências entre o domínio-fonte: LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTES e o domínio-alvo: RAIVA que constitui o aspecto central das metáforas conceituais. Essas correspondências podem ser de dois tipos: ontológicas e epistêmicas. Kövecses (1989, p.56) explica que:

As correspondências ontológicas são as correspondências entre as entidades do DOMÍNIO-FONTE e as entidades correspondentes no DOMÍNIO-ALVO. Por exemplo, o RECIPIENTE, no DOMÍNIO-FONTE corresponde ao CORPO no DOMÍNIO-ALVO. As correspondências epistêmicas são correspondências entre o conhecimento sobre o DOMÍNIO-FONTE e o correspondente conhecimento sobre o DOMÍNIO-ALVO⁵⁸ (KÖVECSES, 1989, p.56)

⁵⁸ Tradução minha: "Ontological correspondences are correspondences between the entities in the source domain and the corresponding entities in the target domain. For example, the container in the

Kövecses (1989, p.57) elabora um esquema para as correspondências ontológicas e epistemológicas entre o domínio-fonte e o domínio-alvo da metáfora A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE na língua inglesa. Observamos, a partir da análise das unidades fraseológicas que compõem nosso *corpus*, que as mesmas correspondências são correntes também na língua espanhola. A seguir, expomos o esquema de correspondências.

Fonte: LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTES

Alvo: RAIVA

Correspondências Ontológicas ⁵⁹

O recipiente é o corpo

O líquido quente é a raiva

A escala do calor é a escala da raiva

O recipiente quente é o corpo quente

A pressão no recipiente é a pressão interna no corpo

A agitação do líquido e do recipiente é a agitação física

O limite da capacidade do recipiente para resistir à pressão causada pelo calor é o limite na escala da raiva

A explosão é a perda de controle

O perigo da explosão é o perigo da perda de controle

O resfriamento do líquido é a falta de raiva

A calma do líquido é a falta de agitação

source domain corresponds to the body in the target domain. Epistemic correspondences are correspondences between knowledge about the source domain and correspondences knowledge about the target domain" (Kövecses, 1989, p.56).

⁵⁹ Ontological Correspondences

The container is the body; The heat of fluid is the anger; The heat scale is the anger scale; Container heat is body heat; Pressure in container is internal pressure in the body; Agitation of fluid and container is physical agitation; The limit of the container's capacity to withstand pressure by heat is the limit on the anger scale; Explosion is loss of control; Danger of explosions is danger of loss of control; Coolness in the fluid is lack of anger; Calmness of the fluid is lack of agitation (Kövecses, 1989, p. 57)

Fonte: O efeito da intensidade do calor do líquido é o recipiente quente, a pressão interna e a agitação;

Alvo: O efeito da intensidade da raiva é o corpo quente, a pressão interna e a agitação;

Fonte: Quando o líquido é aquecido, passado certo limite, a pressão aumenta até um ponto em que o recipiente explode;

Alvo: Quando a raiva aumenta, passado certo limite, a pressão aumenta até um ponto em que a pessoa perde o controle;

Fonte: Uma explosão pode ser prevenida pela aplicação de força suficiente e energia para conter o líquido;

Alvo: A perda de controle pode ser prevenida pela aplicação de força e energia para conter a raiva;

Fonte: Às vezes, é possível controlar o extravasamento do líquido aquecido, com propósitos construtivos ou destrutivos; isto tem, o efeito de baixar o nível do calor e da pressão.

Alvo: Às vezes, é possível controlar o extravasamento da raiva, com propósitos construtivos ou destrutivos; isto tem, o efeito de baixar o nível da raiva e da pressão interna.

Baseadas nessa análise, usamos a metáfora A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE para agrupar, no nosso modelo de glossário, as

⁶⁰ Epistemic Correspondences

SOURCE: The effect of intense fluid heat is container heat, internal pressure, and agitation / TARGET: The effect of intense anger is body heat, internal pressure, and agitation / SOURCE: When the fluid is heated past a certain limit, pressure increases to the point at which the container explodes / TARGET: When anger increases past a certain limit, pressure increases to the point at which the person loses control / SOURCE: An explosion may be prevented by the application of sufficient force and energy to keep the fluid in / TARGET: An explosion may be prevented by the application of sufficient force and energy to keep the anger in / SOURCE: It is sometimes possible to control the release of heated fluid for either destructive or constructive purposes; this has the effect of lowering the level of heat and pressure / TARGET: It is sometimes possible to control the release of anger for either destructive or constructive purposes; this has the effect of lowering the level of anger and internal pressure

locuções da primeira coluna do Quadro 4 acima. Passamos agora à análise da outra versão da metáfora A RAIVA É CALOR:

A RAIVA É FOGO

Outra noção da língua espanhola para falar da RAIVA é a de FOGO. Essa metáfora enfatiza, principalmente, o perigo ou para aquelas pessoas que estão próximas (e.g. *echar chispas, echar fuego*) ou para a própria pessoa (e.g. *estar consumida de rabia*). Kövecses (1989, p.58,59) também fornece as correspondências ontológicas e epistemológicas entre o domínio-fonte e o domínio-alvo da metáfora A RAIVA É FOGO, em língua inglesa. Também notamos, através da análise das expressões, que essa metáfora existe no sistema conceitual dos falantes de espanhol e que as correspondências ontológicas e epistêmicas são coerentes às fornecidas por Kövecses (*ibidem*), conforme abaixo.

Fonte: FOGO

Alvo: RAIVA

Correspondências Ontológicas ⁶¹

O fogo é a raiva

A coisa queimada é a pessoa com raiva

A causa do fogo é a causa da raiva

A intensidade do fogo é a intensidade da raiva

O prejuízo físico da coisa queimada é o perigo mental para a pessoa com raiva

A capacidade de a coisa queimada servir para sua função normal é a capacidade da pessoa com raiva funcionar normalmente

⁶¹

The fire is anger; The thing burning is the angry person; The cause of the fire is the cause of the anger; The physical damage to the thing burning is mental damage to the angry person; The capacity of the thing burning to serve its normal function is the capacity of the angry person to function normally; an object at the point of being consumed by fire corresponds to a person to a person whose anger is at the limit; The danger of the fire to things nearby is danger of the anger other people. (Kövecses, 1989, p. 58,59)

Um objeto no ponto de ser consumido pelo fogo corresponde à pessoa, cuja raiva chegou ao limite

O perigo do fogo para as coisas que estão perto é o perigo da raiva para outras pessoas.

As correspondências epistêmicas também nos auxiliam a entender como essa metáfora é elaborada. A seguir descrevemos essas correspondências:

Correspondências Epistêmicas⁶²

Fonte: Coisas podem queimar com baixa intensidade e com o tempo estourar em chamas;

Alvo: Uma pessoa pode estar com uma raiva pouco intensa e com o tempo, de repente, ficar extremamente com raiva;

Fonte: O fogo é perigoso para as coisas próximas;

ALVO: A pessoa com raiva é perigosa para as pessoas próximas;

FONTE: As coisas consumidas pelo fogo não servem mais para sua função normal;

ALVO: No limite da escala da raiva, as pessoas não funcionam normalmente.

Nessas correspondências, o ponto mais importante para a elaboração da metáfora A RAIVA É FOGO, parece-nos ser a questão do perigo que o FOGO provoca em determinadas circunstâncias. Dentre as expressões do nosso *corpus*, *echar chiribitas*, *echar chispas*, *echar fuego* e *tener frito a alguien* salientam essa idéia de que alguém com RAIVA é perigoso assim como o FOGO pode ser. É interessante enfatizar que tal perigo não se refere apenas às pessoas que estão próximas, mas também a própria pessoa dominada pela emoção. Sobre isso, são comuns os usos do verbo ‘consumir’, na língua portuguesa, em expressões do tipo ‘ele foi consumido pela raiva’, para indicar o prejuízo exclusivo da própria pessoa

⁶² SOURCE: Things can burn at low intensity for a long time and then burst into flame;
TARGET: People can be angry at a low intensity for a long time and then suddenly become extremely angry;
SOURCE: The fire is dangerous to things nearby;
TARGET: Angry people are dangerous to other people;
SOURCE: Things consumed by fire cannot serve their normal function;
TARGET: At the limit of the anger scale, people cannot function normally (Kövecses, 1989, p. 58,59)

com raiva. Não identificamos fraseologismos do espanhol com esse verbo nesse sentido, entretanto, através de consulta em dicionários gerais (e.g. Señas, 2001), observamos que a palavra ‘consumir’ também é usada em espanhol no mesmo sentido da expressão portuguesa acima. Logo o conceito existe, mesmo que não tenhamos identificado sua lexicalização por meio de fraseologismo.

A análise acima nos permitiu a elaboração de nossa proposta de macroestrutura de um glossário fraseológico monolíngüe em espanhol, ou seja, orientou-nos na distribuição dos verbetes segundo a grande metáfora (ou arquimetáfora) A RAIVA É CALOR que, por sua vez, divide-se em duas versões: A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE e A RAIVA É FOGO, conforme resume o QUADRO 5, que consiste em um maior detalhamento do fornecido na página 74. Esse quadro nos serviu de base para a elaboração de nossa proposta, cujos detalhes são fornecidos no próximo capítulo.

ARQUIMETÁFORA	METÁFORAS	UNIDADES FRASEOLÓGICAS
A RAIVA É CALOR	1. A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE	01. echar humo 02. estar fuera de si 03. estar hasta el gorro 04. estar hasta la coronilla 05. hervir la sangre 06. sacar de sus casillas 07. salir de quicio 08. salir de sus casillas 09. subir la sangre a la cabeza
	2. A RAIVA É FOGO	10. arder la sangre 11. calentar la sangre 12. echar chiribitas 13. echar chispas 14. echar fuego 15. echar lumbre 16. encender la sangre 17. quemar la sangre 18. tener frito a alguien

QUADRO 5 - SINOPSE DA DISTRIBUIÇÃO DAS METÁFORAS E DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS

CAPÍTULO 4

A PROPOSTA DO GLOSSÁRIO

4.1. A macroestrutura

A palavra macroestrutura, segundo Welker (2004, p.81), vem sendo empregada em dois sentidos. Numa primeira acepção, usa-se o termo como sinônimo de lista de palavras. É nesse primeiro sentido, que autores, como Rey-Dabove (*apud* WELKER, 2004, p.45), definem macroestrutura como “o conjunto das entradas”. Numa outra acepção, macroestrutura refere-se à forma como o corpo do dicionário está organizado. Nessa perspectiva, inserem-se definições como as de Haensch e Omeñaca (2004, p.45), os quais designam macroestrutura como “a ordenação do conjunto dos elementos que compõem o corpo de um dicionário (por exemplo, ordem alfabética) ⁶³”. Ainda segundo esses autores, a macroestrutura inclui “conjuntamente o prefácio, assim como, às vezes, uma introdução fonética e gramatical, além das instruções de uso e possíveis anexos” ⁶⁴.

Usamos aqui o termo macroestrutura na acepção de Haensch e Omeñaca (*ibidem*). Nesse sentido, macroestrutura caracteriza-se, sobretudo, mediante o tipo de ordenação dos verbetes: onomasiológico ou semasiológico. Como nossa primeira preocupação são a retenção e a produção fraseológicas, nosso modelo de glossário não é pensado para a recepção dessas unidades fraseológicas. É uma proposta que visa, primeiramente, a estimular a consciência metafórica através da exposição lexical, não arbitrária, por metáforas conceituais, visando ao uso oral e/ou escrito, portanto, deve ser classificado como de produção. Da mesma forma que a maioria dos dicionários voltados para produção, nosso modelo também adota uma organização onomasiológica dos verbetes, com a peculiaridade de ordená-los sob metáforas conceituais. É, portanto, o tipo de agrupamento baseado em metáforas, conforme vimos no capítulo anterior. Acreditamos que esse modelo pode contribuir para a retenção e a produção oral e escrita de unidades fraseológicas por estudantes de língua estrangeira, como apontam alguns trabalhos (e.g. BOERS e

⁶³ Tradução minha: “[...] la ordenación del conjunto de los materiales que forman el cuerpo de un diccionario (por ej., orden alfabético)” (HAENSCH e OMEÑACA, 2004, p.45).

⁶⁴ Tradução minha: “conjuntamente con el prólogo o prefacio, así como, a veces, con una introducción fonética y gramatical, las instrucciones para el usuario y los posibles anexos)” (HAENSCH e OMEÑACA, 2004, p.45).

DEMECHELEER, 1998, BOERS, 2000 e LAZAR, 2003), voltados ao ensino-aprendizagem de vocabulário.

As metáforas que servem de base para a ordenação dos verbetes foram identificadas no capítulo 2, a saber: A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE e A RAIVA É FOGO. A seleção das unidades fraseológicas também já foi esclarecida no mesmo capítulo. O resumo dessa ordenação contendo as metáforas juntamente com as locuções correspondentes foi fornecido no Quadro 5, ao final do capítulo 2.

O GOLVE visa a ser um recurso suplementar para o professor, com fim definido: contribuir para aumentar a retenção e produção de unidades fraseológicas do espanhol, pertencentes ao domínio da RAIVA. Sendo assim, além dos modelos de verbetes, incluímos sugestões de atividades para o professor aplicá-las na sala de aula. Optamos por incluir uma proposta de aplicação didática, pois o GOLVE consiste em um modelo que além de original está subsidiado por uma teoria que requer algum conhecimento por parte dos consulentes. As sugestões didáticas visam, portanto, orientar o trabalho com esse glossário a fim de otimizar a produção de fraseologismos através da consciência metafórica, conforme já foi explicado. Passamos agora a explicar o tipo de microestrutura adotada.

4.2. A microestrutura

Rey-Dabove (*apud* Welker, 2004, p.107) chamou de microestrutura “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Haensch e Omeñaca (2004, p.47), por sua vez, definem microestrutura como “a ordenação de todos os elementos que compõem uma entrada”⁶⁵. Enfim, desde a entrada, incluem-se, de diferentes formas os elementos integrantes do enunciado fraseológico: informações fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas e definição. E “esse conjunto, entrada mais enunciado lexicográfico, resulta no que chamamos de verbete” (Barbosa *apud* Welker, 2004, p.107).

Welker (2004, p.109) informa que “desde que estabeleça um padrão, o lexicógrafo pode, em princípio, elaborar qualquer tipo de microestrutura”. Entretanto, existe um hábito em se manter certos elementos. Segundo colocam Haensch e Omeñaca (2004, p.47-48), normalmente, os elementos de uma entrada costumam

⁶⁵ Tradução minha: “es la ordenación de todos los elementos que componen un artículo” (HAENSCH e OMEÑACA, 2004, p.47).

ser: “enunciado do lema, indicações de pronúncia, indicação de variantes gráficas, indicações morfológicas [...], indicação da categoria gramatical [...] e de gênero, além de diferentes marcas delimitadoras do uso das unidades léxicas”.

Para nossa proposta, suprimimos alguns desses elementos. Por exemplo, Hernández (1998, p.76) defende que “a informação sobre a pronúncia, salvo algumas exceções, pode ser suprimida dada a regularidade da correspondência entre o sistema fonológico espanhol e sua expressão alfabética”⁶⁶. Principalmente, no nosso caso, que nos destinamos a um público alvo brasileiro, tal pensamento é bastante pertinente e merece consideração. É evidente a aproximação entre os dois sistemas fonológicos, o português e o espanhol. Além do mais, normalmente, os alunos de espanhol como língua estrangeira aprendem as regras de pronúncia já nos primeiros semestres do aprendizado e como o GOLVE é especialmente pensado para os níveis intermediário e avançado, excluimos as indicações de pronúncia do verbete.

Com respeito aos demais elementos, também excluimos de nosso modelo o item: variantes gráficas. Essa decisão se dá, por não possuímos dados suficientes para essa informação, posto que os *corpora* eletrônicos não fornecem essa possibilidade de consulta. O CREA, por exemplo, só permite buscas quando já possuímos a locução que se quer procurar, não nos fornece as variantes. Os dicionários impressos que usamos para a coleta também não fornecem essa informação aos seus consulentes.

No que se refere às indicações de referência gramatical (substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição ou interjeição) e informações morfológicas, que no caso de dicionários gerais podem corresponder à conjugação de verbos, formação do plural e da forma feminina de substantivos, em materiais lexicográficos especiais de unidades fraseológicas, costuma-se registrar o tipo de fraseologismo, se é uma locução ou uma colocação, por exemplo. Ou ainda, no caso de ser uma locução, o tipo de locução se é verbal, nominal, adjetiva, verbal, adverbial, prepositiva, conjuntiva ou clausal. Em alguns casos, pode aparecer também a estrutura morfossintática. No nosso modelo, optamos por fornecer além da referência gramatical, que corresponde à classificação fraseológica, através da

⁶⁶ Tradução minha: “[...] la información sobre la pronunciación, salvo excepciones, puede ser suprimida dada la regularidad de la correspondencia entre el sistema fonológico del español y su expresión alfabética; [...]” (HERNÁNDEZ, 1998, p.76)

abreviatura na forma *l.v.* indicando *locución verbal* 'locução verbal', a referência sintática, que consiste na estrutura sintática da locução (e.g. v + o.d), onde "v." é verbo e "o.d." é objeto direto.

Outra informação importante é que não incluímos indicações de polissemia e de sinonímia nos verbetes propostos. Fala-se de polissemia quando um fraseologismo tem vários significados, várias acepções (e.g. *calentar la cabeza* (1) 'ter raiva'/ *calentar la cabeza* (2) 'pensar muito em algo'). Entretanto, como delimitamos o glossário às locuções do domínio da RAIVA, interessa-nos apenas a acepção relacionada a essa emoção, excluímos, portanto, as demais acepções. Com respeito aos sinônimos, certos autores negam que existam, porque mesmo que um dado significado possa corresponder a várias unidades fraseológicas, sempre há um matiz (e.g. nível de estilo, extensão geográfica, etc), que distingue e que impede a substituição indiscriminada dessas expressões. Além do mais, observa-se que cada uma das locuções que compõem os verbetes de nossa proposta apresenta uma imagem metafórica específica. Por exemplo, apesar de que *calentar la sangre* e *hervir la sangre* possam permitir, à primeira vista, ser usadas no mesmo contexto, os falantes têm imagens metafóricas diferentes. Cada uma dessas expressões corresponde a uma parte específica do conceito de raiva. A locução *calentar la sangre* corresponde ao estágio inicial da RAIVA, ao momento em que ela é provocada. Esse momento é seguido por um aumento desse sentimento, expresso linguisticamente na expressão *hervir la sangre*. Todas as expressões que formam os verbetes que propomos constituem imagens metafóricas diferentes e apresentam assim usos específicos, o que dificulta sua inclusão como sinônimas.

Sendo assim, a partir dessas decisões, incluímos os elementos que seguem para a elaboração de microestrutura dos verbetes:

- **Entrada** em espanhol com letras minúsculas⁶⁷ e em negrito;
- **Referência gramatical** indicando *locución verbal* 'locução verbal' através da abreviação em itálico *l.v.*;
- **Referência sintática** com base nos padrões sintáticos dados por Corpas (1996);

⁶⁷ Esta forma além de ser a convenção seguida pelos atuais dicionários (Pérez, 2000: 26), adequa-se ao modo como na teoria cognitivista se concebem as expressões lingüísticas, em letras minúsculas, em oposição às metáforas, que devem aparecer em letras maiúsculas.

- **Definição**, baseada no modelo de Deignan (1997);
- **Contexto** em espanhol e em itálico, seguido da informação da fonte de onde foi retirado;

Passemos para a explicação de cada um dos elementos mencionados:

4.2.1. A entrada

Chamamos de entrada a locução que introduz o verbete e que antecede os demais elementos deste, tais como: a referência gramatical, a definição e o contexto. Optamos por essa terminologia apoiados no que diz Welker (2004, p. 91):

[...] no lugar de lema, usam-se também os termos entrada e palavra-entrada; os termos correspondentes [sic] em alemão são Lemma e Stichwort, em espanhol, entrada, lema, palabra clave, voz guía e cabecera, em francês, lemma, entrée, vedette, mot-entrée, mot-vedette e adresse, em inglês, lemma, entry, entry-form, entry word, headword e main entry (WELKER, 2004, p. 91).

A escolha da forma da locução para a entrada segue o padrão já clássico entre os lexicógrafos: “Geralmente, toma-se como lema a forma “básica” ou “canônica” do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos” (WELKER, 2004, p.91). A entrada, no GOLVE, está constituída da unidade fraseológica na sua forma canônica, ou seja, livre de desinências verbais e nominais de gênero e/ou número. Por exemplo, a locução verbal *arder la sangre* ‘arder o sangue’ introduz o verbete nesta forma, a despeito de poder ser encontrada com o verbo conjugado como, por exemplo, em *cuando a uno le arde la sangre pues no se puede uno quedar callado* ‘quando a alguém lhe arde o sangue pois não pode ficar calado’. Outra informação importante é que aparece sempre em letras minúsculas e em negrito, seguindo, conforme Pérez (2000, p.26), uma tendência entre os dicionários.

4.2.2. A referência gramatical

A referência gramatical refere-se à classificação da unidade fraseológica que introduz o verbete. Vale lembrar que, durante a coleta dos dados, limitamo-nos a recolher apenas os fraseologismos classificados de comum acordo pelos dicionários consultados como locuções verbais. Portanto, para todos os verbetes temos a referência gramatical *locución verbal* 'locução verbal' abreviada em itálico na forma *l.v.*

4.2.3. A referência sintática

A referência sintática consiste na estrutura sintática da locução verbal e aparece, no nosso modelo entre parênteses. Adotamos os padrões sintáticos e a terminologia fornecidos por Corpas Pastor (1996) para a estrutura sintática das locuções verbais. Segundo a autora, conforme vimos no capítulo 1, são comuns os seguintes padrões sintáticos nas locuções verbais:

- a) Verbo copulativo + atributo (e.g. *ser el retrato vivo de alguien* 'ser o retrato vivo de alguém');
- b) Verbo + complemento circunstancial (e.g. *dormir como un tronco* 'dormir como um tronco');
- c) Verbo + objeto directo (e.g. *costar el ojo de la cara* 'custar o olho da cara').

As locuções que compõem o modelo que elaboramos enquadram-se todas em um desses padrões. Usamos as formas abreviadas "v." para verbo; "o.d." para objeto direto, v.c. para verbo copulativo, "atrib"., para atributo e compl. circunstancial para complemento circunstancial.

4.2.4. A definição

Antes de tudo, deve-se distinguir a definição terminológica da lexicográfica. A primeira tem como objeto os termos de especialidade (linguagem técnica e profissional), a segunda, cuida do léxico não especializado (linguagem comum). O que nos interessa neste trabalho é a definição lexicográfica, que, por sua

vez, divide-se em vários tipos. Welker (2004, p.119) menciona a definição lógica (analítica ou aristotélica) e a pseudodefinição (por sinônimos e antônimos).

Na chamada definição analítica, para se definir uma palavra, como por exemplo 'cadeira', usa-se o hiperônimo 'móvel' e os semas 'com encosto' e 'para uma pessoa'. Béjoint (*apud* WELKER, 2004, p.119) acrescenta um outro tipo de definição: a extensional. Nesse tipo de definição uma palavra como planeta é definida simplesmente listando-se os diversos planetas existentes.

Apesar de alguns autores defenderem que a definição analítica é a melhor, alguns estudos resumem problemas ligados a esse tipo de definição. Por exemplo, Zöfgen (*apud* WELKER, 2004, p.123), chama a atenção para o fato de que muitas delas foram consideradas incompreensíveis por falantes nativos. Rundell (*apud* WELKER, 2004, p.123), por sua vez, critica que “os dicionários têm operado tradicionalmente num universo de discurso independente, paralelo ao mundo da prosa normal, parecendo até mesmo com este, mas tendo suas convenções e usos próprios”.

Uma forma de definição que difere bastante da tradicional é a adotada pelos dicionários *Collins Cobuild*, introduzida em 1987. Consiste em uma definição oracional que se estrutura de forma semelhante a uma explicação oral. Um exemplo da definição que trabalha com a perspectiva da figuratividade lexical é o guia metafórico de Deignan (1997). A autora apresenta um guia sobre o uso metafórico de palavras do inglês. Em sua introdução, cita Lakoff e Johnson (1980) e enfatiza que a metáfora não está restrita ao uso poético e literário, conforme se pensava antigamente, mas participa da linguagem cotidiana, em domínios discursivos variados, tais como o jornalismo e a conversação. Seu guia de metáforas do inglês organiza-se em 12 capítulos, cada um tratando de um tema particular, tal como: plantas, saúde e doenças, ou esporte e jogos, mostrando como os sentidos literais de palavras associadas a esses temas são usados metaforicamente.

Como um exemplo do tipo de definição adotada por Deignan (1997) tem-se o verbete a seguir:

boil⁶⁸

When a liquid boil, or when you boil, it becomes so hot that bubbles appear in it and vapour appears above it. To boil food means to cook it in boiling water. Boil is used metaphorically to talk about very strong negative emotions.

If you say that you are boiling with rage or with another strong negative emotion, you mean that you are so angry or feel so strongly that you find difficult to control your behaviour.

Servimo-nos desse padrão para propor as definições de nosso modelo de verbete, conforme fornecemos abaixo:

Hervir la sangre. El cuerpo es un contenedor que súper calentado calienta su fluido interno hasta que llegue a vapor. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar la rabia de una persona⁶⁹.

Como se pode observar a definição é uma sentença com um tom bastante próximo ao da linguagem oral. Para nos aproximarmos desse modelo, optamos por utilizar no nosso modelo de definição o pronome de segunda pessoa (*tú*) que em espanhol marca claramente a linguagem informal, restrita ao uso familiar. Entendemos que o uso do pronome de terceira pessoa (*usted*) daria um tom menos espontâneo à sentença, já que, em espanhol reserva-se seu uso a situações de formalidade.

4.2.5. O contexto

Entendemos por contexto o enunciado que apresenta o uso de uma acepção presente num dicionário. Para a verificação de contextos de uso dos fraseologismos coletados, usamos o *corpus* eletrônico CREA (*Corpus de referencia del español actual*), elaborado pela Real Academia Espanhola, conforme já

⁶⁸ ferver

Quando um líquido ferve, ou quando você ferve, torna-se tão quente que aparece borbulha e sai vapor. Cozinhar alimentos significa cozinhar em água fervendo. Ferver é usado metaforicamente para falar de emoções negativas muito intensas. Se você diz que está fervendo de raiva ou de outra emoção negativa forte, você quer dizer que está com tanta raiva que sente dificuldade para controlar o seu comportamento.

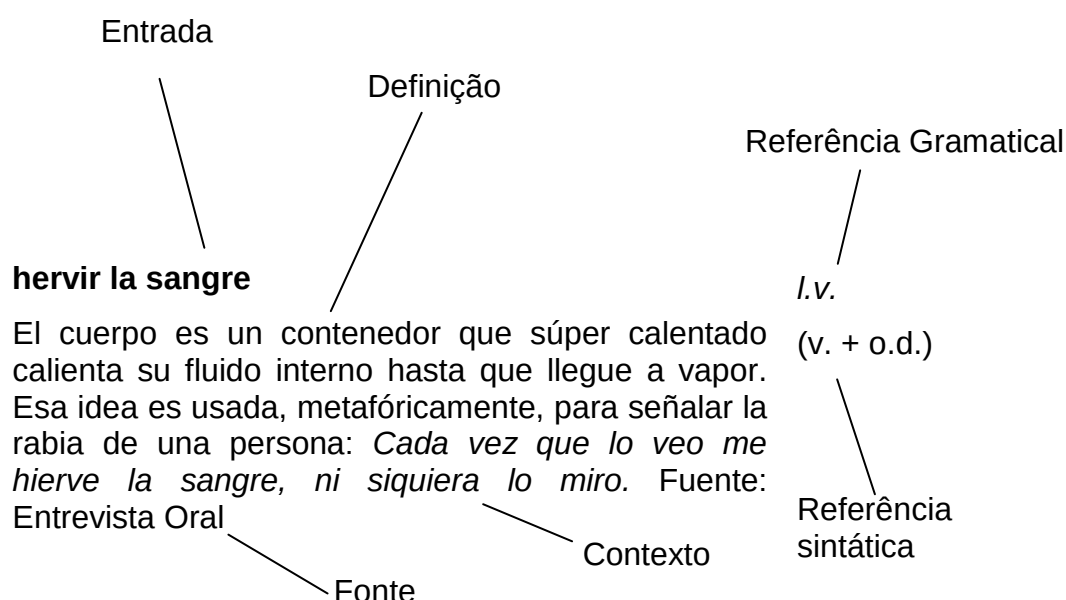
⁶⁹ Ferver o sangue. O corpo é um recipiente que superaquecido esquenta seus líquidos internos até chegar a vapor. Essa idéia é usada, metaforicamente, para indicar a raiva de uma pessoa (DEIGNAN, 1997).

explicamos no capítulo 2. Entretanto, apesar da extensão desse banco de dados, 410 milhões de registros, uma das 18 locuções verbais não aparecem nas ocorrências desse *corpus* eletrônico, o que nos levou a adotar para o caso omissivo no CREA o contexto fornecidos por Kubarth e Varela (1994).

Optamos por não criar, nem adaptar os contextos por seguirmos a opinião de autores como Biderman⁷⁰ (*apud* WELKER, 2004, p.151), que defende que os contextos sejam obtidos a partir de *corpus* eletrônico. A autora afirma que “o lexicógrafo deverá extrair da sua concordância os melhores exemplos, de forma que o contexto citado explicita bem o significado, uso ou construção (...)”. No nosso caso, optamos por usar o contexto tal qual extraído do CREA, ao invés de inventá-lo, ou mesmo adaptá-lo.

O contexto é elemento fundamental em qualquer dicionário, e mais ainda nos dicionários de produção. É o contexto que ilustra, melhor do que a própria definição, como os lexemas são empregados de fato, e, dessa maneira, podem ajudar o usuário a empregá-los corretamente. A fim de enriquecer mais o contexto que fornecemos para cada proposta de verbete, informamos a suas fontes.

Após esses esclarecimentos, nossos verbetes apresentam-se conforme o modelo a seguir:



⁷⁰ BIDERMAN, M.T.C. A ciência da lexicografia. *Alfa*. v. 28, n.1, p. 1-26. 1984.

4.3. Glossário demonstrativo

Fornecemos a seguir, a proposta para a macroestrutura onomasiológica com base em metáforas conceituais e da microestrutura adotadas para o GOLVE.

LA RABIA ES CALOR

LA RABIA ES UN FLUIDO CALIENTE EN UN CONTENEDOR

estar fuera de sí

Los contenedores súper calentados no resisten la presión interna y derraman sus fluidos. Esa idea, es usada, metafóricamente, para señalar que el cuerpo humano sometido a una rabia muy intensa, bajo presión, procura poner hacia fuera lo que contiene: *Volvía a estar fuera de sí, como estuvo los primeros días después de que se llevaran a tu tío a la cárcel.* Fuente: Novela, La buena letra, 1995.

*l.v.
v.c.+
atrib*

estar hasta el gorro

Cuando los contenedores están muy llenos, los fluidos suben hasta el borde del recipiente. Si algo que te pasa te enfada tanto que te da rabia, esa emoción sube dentro de tu cuerpo: (...) *hasta tú mismo debes de estar hasta el gorro de hablar siempre de lo mismo.* Fuente: Prensa, 1990.

*l.v.
v.c.+
atrib*

estar hasta la coronilla

Cuando los contenedores están muy llenos, los fluidos suben hasta el borde del recipiente. Si algo que te pasa te enfada tanto que te da rabia, esa emoción sube dentro de tu cuerpo: *Y estoy hasta la coronilla de que me confundan con un jipi.* Fuente: Novela, El camino del corazón, 1990.

*l.v.
v.c.+ atrib.*

echar humo

Humo es el conjunto de gases que despiden los fluidos cuando se queman. Si tú dices que echas humo, es porque tienes rabia: *Pero pudo controlarse justo a tiempo. Así es que se limitó a quedarse ahí hundido en la desesperación y en el asiento, echando humo por las orejas e incapaz de entender las palabras que oía.* Fuente: Novela, Amado Amo, 1988.

*l.v.
v.+ o.d.*

hervir la sangre

El cuerpo es un contenedor que súper calentado calienta su fluido interno hasta que llegue a vapor. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar la rabia de una persona: *Cada vez que lo veo me hierve la sangre, ni siquiera lo miro*. Fuente: Entrevista oral.

/v.
v.+o.d.

sacar de quicio

Los contenedores súper calentados no resisten la presión interna y derraman sus fluidos. Esa idea, es usada, metafóricamente, para señalar que el cuerpo humano sometido a una rabia muy intensa, bajo presión, procura poner hacia fuera lo que contiene: *La espera me está sacando de quicio*. Fuente: Novela de Joaquín Mortiz (México, D.F.), 1986

/v.
v. +
compl.
circun
stanci
al

sacar de sus casillas

Los contenedores súper calentados no resisten la presión interna y derraman sus fluidos. Esa idea, es usada, metafóricamente, para señalar la pérdida de control del cuerpo humano, que sometido a una rabia muy intensa, bajo presión, procura poner hacia fuera lo que contiene. Tú no eres responsable por el descontrol: *En Andalucía, (...) el señor Rojas Marcos es de las pocas de los pocos diputados que logra sacar de sus casillas al tranquilo presidente del gobierno*. Fuente: Televisión, 1991.

/v.
v. +
compl.
circun
stanci
al

salir de sus casillas

Los contenedores súper calentados no resisten la presión interna y derraman sus fluidos. Esa idea, es usada, metafóricamente, para señalar la pérdida de control del cuerpo humano, que sometido a una rabia muy intensa, bajo presión, procura poner hacia fuera lo que contiene. Tú eres responsable por el descontrol: *Al identificarlo, José Domingo Ramírez salió de sus casillas, se apoderó de un arma de fuego y acribilló a ambos (...)*. Fuente: Prensa, 2000.

/v.
v.+ compl.
circunstan
cial

subir la sangre [a la cabeza]

Los fluidos dentro de contenedores súper calentados aumentan de volumen y suben. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar que cuando la rabia aumenta de intensidad sube dentro de tu cuerpo: (...) *además no me da la gana de que andes chupando boquillas delante de la gente, te van a llamar mamona (...) y a mí me va a subir la sangre a la cabeza*. Fuente: Novela de Camilo José Cela, *Cristus versus Arizona*, 1988.

/v.
v. + o.d.

LA RABIA ES FUEGO

arder la sangre

Los fluidos arden cuando se les prende fuego. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar la rabia de las personas: *Cuando a uno le arde la sangre pues no se puede uno quedar callado.* Fuente: Texto Oral

l.v.
v. + o.d.

fuego por los ojos, agarrándole fuerte la mano, alejándola de la canasta. Fuente: Novela, Los últimos días de la Prensa, 1996.

calentar la sangre

Calentar es hacer subir la temperatura. La idea de temperatura alta es usada para hablar de emociones muy intensas. A menudo se refiere a emociones negativas, sobre todo a la rabia: *A Luis se le calentó la sangre. Subió el tono y el discurso.* Fuente: Prensa, 2004.

l.v.
v. + o.d.

echar lumbre

La lumbre es el fuego que se desprende al quemarse una cosa. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar que cuando uno tiene mucha rabia puede ser peligroso como el fuego: *El Almirante saca de una gaveta el Cuaderno del Descubrimiento. (..) se oye que tartamudea echando lumbre por los ojos hundidos en las cuencas empozadas (...)* Fuente: Novela, Vigilia del Almirante, 1992

l.v.
v. + o.d.

echar chiribitas

Chiribita es un trozo pequeño encendido que se desprende de una materia que quema. Si una chiribita toca en una cosa o sustancia inflamable, ella incendia. Esa idea de que una cosa que quema puede causar fuerte reacción negativa es usada, metafóricamente, para hablar de los efectos de la rabia. *Ej.: (...), y harta de verle con ellos (...) vino hacia él echando chiribitas por los ojos (...)* Fuente: Novela, Cristo en los Infiernos, 1941.

l.v.
v. + o.d.

encender la sangre

Una materia combustible enciende cuando se la prende fuego. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar la rabia de las personas: *Esa invitación me encendió la sangre (...) No le alcé la voz, pero le respondí que, dadas las circunstancias, quien tenía poco tiempo era yo.* Fuente: Prensa, 1996.

l.v.
v. + o.d.

echar chispas

Chispa es un trozo pequeño encendido que se desprende de una materia que quema. Si una chispa toca en una cosa o sustancia inflamable, ella incendia. Esa idea de que una cosa que quema puede causar fuerte reacción negativa es usada, metafóricamente, para hablar de los efectos de la rabia: *Lo que sí se sabe es que los señores jueces, al enterarse del terrible pecado de la acusada, echaron chispas por los ojos.* Fuente: Prensa, 1985.

l.v.
v. + o.d.

quemar la sangre Una materia combustible quema cuando se la prende fuego. Esa idea es usada, metafóricamente, para señalar la rabia de las personas: *Se notaba que ya se le empezaba a quemar la sangre.* Fuente: Novela, El palomo cojo, 1991.

l.v.
v. + o.d.

tener frito [a alguien]

Cuando los alimentos sólidos son sometidos a calor intenso, fritan. Esa idea es usada, metafóricamente, para expresar las consecuencias de la rabia: *Bueno, yo ahora ahora sí que le corto, (...)* porque a mí me tienen frito con aquella cosa de que si hago adoctrinamiento socialista en la televisión. Fuente: Texto Oral, 1983.

l.v.
v. + compl.
circunstancial

echar fuego por los ojos

El fuego puede ocasionar daños si está fuera de control. Si tú dices que echas fuego, tú te refieres a una intensa emoción de rabia que puede causar daños a otros: - *Te digo que no - le dice don Rafael echando*

l.v.
v. + o.d.

4.4. Aplicação pedagógica para o GOLVE

Como nossa proposta de glossário (GOLVE) pretende funcionar como material suplementar para professores que desejam apresentar as unidades fraseológicas de forma não arbitrária, mas motivada, após o modelo de verbetes exposto acima, fornecemos uma amostra de algumas atividades elaboradas, tendo em vista facilitar para os alunos a identificação das metáforas tratadas no modelo proposto.

Uma iniciativa básica é tentar conscientizar os alunos que aquilo que vão aprender não constitui uma novidade. É algo que adquiriram na língua materna e que, portanto, trata-se apenas de importar mecanismos cognitivos já existentes. Numa primeira atividade, o professor pode começar explicando aos alunos sobre as formas de se referir à RAIVA em português e relacioná-las com as da língua espanhola. O professor, com a ajuda dos alunos, escreve no quadro algumas locuções do português sobre a RAIVA (e.g. cuspir fogo, soltar faíscas) e, consultando o GOLVE, as relaciona com as expressões correspondentes ao espanhol (e.g. *echar fuego*, *echar chispas*). O próximo passo é pedir aos alunos que identifiquem os tipos de conceitos (e.g. FOGO) envolvidos nessas formas de falar e se tais conceitos são os mesmos para as duas línguas. Cabe ao professor complementar as respostas dos alunos incorporando as metáforas conceituais. Após esse momento, os alunos recebem a proposta abaixo:

Actividad 1: Relaciona las locuciones en negrita con los conceptos metafóricos correspondientes en la tabla abajo. Pon las locuciones en el hueco adecuado, según el modelo:

A) Cállate, oye, Bernardino, que ya me estás **calentando la sangre** y ahorita te paso un memo suspendiéndote por faltarme el respeto - le gritó Patty;

B) A Irene le encantaba ver **salirse de quicio** a alguien a quien consideraba muy parecido a ella. Era como presenciar una debilidad propia que se ha sabido controlar a tiempo, verla emerger al exterior a través de otro;

C) El herrero **echaba fuego por los ojos**, y el barbero, sin alterarse, le contestó con la mayor calma;

D) - Podías irte (...) con tus impertinencias, contestó Fr. Pablo, **echando fuego por los ojos** de cólera;

E) Si los húngaros se lamentan de que España no ha realizado fuertes inversiones en aquellos lares, ahora **echan chispas** por la decisión del Gobierno magiar de adquirir a la firma española CAF 76 vagones de tren, por valor de 14.000 millones de pesetas;

F) Bien se ve que, aun cuando todas estas reflexiones tuviesen alguna fuerza, ninguna necesidad había de exponerlas con ese tono burlón que es capaz de **quemar la sangre** al ministro más flemático;

G) El Almirante saca de una gaveta el Cuaderno del Descubrimiento. ¡Descubrimiento, aún no!..., se oye que tartamudea **echando lumbre** por los ojos hundidos en las cuencas empozadas de sombra. Le crujen los dientes. ¡Sucio cuaderno!... Lo lanza sobre la mesilla como si lo arrojara por la borda;

RABIA ES...	 UN FLUIDO CALIENTE EM UN CONTENEDOR	
	 FUEGO	<i>calentar la sangre;</i>

Ainda com o objetivo de esclarecer os domínios conceituais subjacentes às locuções fraseológicas, sugerimos a seguir a construção de uma rede analógica que liga o conteúdo literal da expressão (figura à esquerda) ao seu significado metafórico (figura à direita). Primeiramente, é fornecida uma visualização com base em suporte não verbal para estabelecer o sentido, posteriormente, o aluno responde sobre as correspondências entre domínios conceituais diferentes, conforme abaixo:

Actividad 2: Observa las figuras y contesta las preguntas abajo:



Echar humo



Echar fuego



Estar hasta el gorro



Hervir la sangre



Desde la observación de las imágenes, ¿qué aspectos de la rabia están presentes en los siguientes fenómenos?

FLUIDOS CALIENTES EN CONTENEDORES:

FUEGO:

Seria bastante produtivo se o professor orientasse aos alunos para que tentassem imaginar, a partir dos domínios identificados na questão anterior e de seus conhecimentos na sua língua materna, outras expressões possíveis além das

fornecidas. A fim de aumentar a produtividade dessa atividade, após dado tempo para os alunos arriscarem suas respostas, o professor entrega os seguintes cartões aos alunos e eles escolhem as expressões que acham mais prováveis de existirem. Para comprovar as respostas, verificando se realmente existem, sugere-se a consulta a diferentes dicionários.

			
	bullir la sangre		volar la tapa de los sesos
	no caber en su pellejo		ser la gota que colma el vaso
	hincharse la nariz		romperse los cascos

Tomando os mesmos fraseologismos da atividade 2 (*echar humo, echar fuego, estar hasta el gorro e hervir la sangre*) após a explicação do sentido das unidades fraseológicas, outro exercício que pode ser feito com a ajuda do GOLVE, agora, com o fim de focalizar a compreensão do significado e do uso das locuções verbais, é o seguinte:

Actividad 3: Abajo tienes las explicaciones de las locuciones verbales: *echar humo, echar fuego, estar hasta el gorro e hervir la sangre*. Completa cada una:

A) Si alguien **echa humo** es porque siente mucha rabia, por ejemplo, si

B) Si alguna persona **echa fuego** puede ser peligroso, porque

C) Si alguien **está hasta el gorro**, impaciente etc, es porque

D) Cuando a uno le **hierve la sangre** eso quiere decir que

Numa última proposta, sugerimos uma atividade fazendo uso do *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) para preencher sentenças com os fraseologismos. O professor deve chamar a atenção dos alunos para o fato de que para uma única frase pode corresponder mais de um fraseologismo.

Atividade 4: Completa los espacios con las locuciones del recuadro, usando las formas y tiempos verbales correctos.

Sacar de quicio – estar fuera de si - echar humo –
echar fuego – Sacar de sus casillas

A) Usted se retira _____ por las orejas, da diez vueltas al parque y lo piensa diez mil veces. Comienza a dolerle la conciencia y a reconocer que usted comenzó todo;

B) Un taxista honrado también puede _____ a cualquiera. La primera inexorable pregunta: "¿Ud. es argentino?";

C) La santa la miraba con verdadero espanto. Fortunata parecía _____ y como el exaltado artista que no tiene conciencia de lo que dice o canta;

D) - Podías irte noramala con tus impertinencias, contestó Fr. Pablo, _____ por los ojos de cólera;

E) En Andalucía, yo creo en casi en el parlamento español, porque como es sabido el señor Rojas Marcos de las pocas de los pocos diputados que logra _____ al tranquilo presidente del gobierno;

F) Sin duda lo que más _____ a los republicanos es que no se han cumplido los pronósticos que formularon acerca del pésimo desempeño de la administración del demócrata,

Considerações finais

É de senso comum que existe uma vasta discrepância entre a pesquisa e a prática pedagógica, pois nem todo resultado de pesquisas ou teorias são de aplicação imediata para o ensino lexical. Entretanto, esta pesquisa mostra que a teoria da metáfora conceitual pode ser exercida na prática lexicográfica com fins didáticos para o ensino do vocabulário fraseológico em espanhol como língua estrangeira.

Ao observarmos diversos estudos realizados sobre as vantagens em se expor o *input* lexical ordenado sob metáforas conceituais, encontramos fortes evidências de que também as unidades fraseológicas permitem ser ensinadas em agrupamentos metafóricos, isto é, unificando os fraseologismos licenciados por uma metáfora comum. A importância disso é que sendo apresentado aos conceitos metafóricos da língua estrangeira, o aluno passa a compreender não apenas o léxico que lhe é apresentado em sala de aula, mas torna-se capaz de entender novas formas de lexicalização da metáfora estudada.

Os dicionários, os glossários e demais obras lexicográficas podem ser utilizados para apresentar os fraseologismos de variados domínios (e.g. RAIVA) ordenados metaforicamente, principalmente, nos estágios intermediário e avançado. Logo, a proposta de glossário apresentada aqui pode significar um avanço com respeito ao ensino fraseológico, sobretudo quando lembramos que a fraseologia usada na linguagem do dia-a-dia não recebeu o merecido reconhecimento nos estudos lingüísticos durante muito tempo.

Iniciamos este trabalho mostrando as diversas visões lingüísticas e os diferentes modelos por elas adotados com respeito às unidades fraseológicas. Com o objetivo de justificar o aspecto didático da teoria lingüístico-cognitiva contemporânea, fornecemos uma cronologia dos estudos desde teorias clássicas, que remontam ao século IV a.C, passando pelas teorias modernas, inícios do século XX, até a teoria da metáfora conceitual, surgida em finais do século passado e em ativo desenvolvimento no século XXI. Essa cronologia é importante para introduzir a discussão sobre a teoria da metáfora (LAKOFF E JOHNSON, 1980) que é a base para a elaboração da macroestrutura que propomos. Igualmente importantes para este trabalho são os esclarecimentos teóricos que fornecemos no final do primeiro

capítulo sobre a definição, a delimitação e a taxonomia fraseológicas. Esses esclarecimentos são valiosos para justificar nossa opção por reduzir o *corpus* ao número de 18 fraseologismos.

No segundo capítulo, baseados na teoria da metáfora conceitual, analisamos 18 locuções verbais do domínio da RAIVA, em espanhol, com o objetivo de identificar como os falantes de espanhol conceituam essa emoção. Identificamos a grande metáfora (ou arquimetáfora) A RAIVA É CALOR, que se divide em duas outras metáforas conceituais, a saber: A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE e A RAIVA É FOGO. Essas metáforas foram identificadas partindo-se da observação das expressões lingüísticas do *corpus*, que nos permitiram obter os domínios conceituais: LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTES e FOGO, usados para falar da RAIVA. As correspondências entre esses domínios conceituais nos permitiram identificar as metáforas e agrupar os fraseologismos segundo suas metáforas licenciadoras.

Como resultado da análise das 18 unidades fraseológicas, dividimo-las de acordo com as metáforas licenciadoras. Tal divisão permitiu-nos construir o quadro que aparece na página 58. Apesar de não ser objetivo de nossa pesquisa identificar como estão representadas as unidades fraseológicas coletadas nas duas línguas, no português e no espanhol, podemos concluir que não há diferença significativa entre as duas comunidades lingüísticas na lexicalização das duas metáforas identificadas.

A análise das expressões nos permite concluir que as locuções do *corpus*: *echar humo* 'soltar fumaça'; *estar fuera de si* 'estar fora de si'; *estar hasta el gorro* 'estar até o gorro'; *estar hasta la coronilla* 'estar até o cocuruto'; *hervir la sangre* 'ferver o sangue'; *sacar de sus casillas* 'tirar de suas casinhas'; *salir de quicio* 'sair de suas dobradiças'; *salir de sus casillas* 'sair de suas casinhas' e *subir la sangre a la cabeza* 'subir o sangue à cabeça' são licenciadas pela metáfora A RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE. Observamos ainda que locuções verbais como: *arder la sangre* 'arder o sangue'; *calentar la sangre* 'esquentar o sangue'; *echar chiribitas* 'soltar faíscas'; *echar chispas* 'soltar faíscas'; *echar fuego* 'soltar fogo'; *echar lumbre* 'soltar fogo' *encender la sangre* 'acender o sangue' *quemar la sangre* 'queimar o sangue' *tener frito a alguien* 'ter frito a alguém' indicam que os espanhóis, além de conceituarem a RAIVA como LÍQUIDOS QUENTES EM RECIPIENTE, também a conceituam em termos do FOGO. Tal constatação nos

fundamentou para categorizar essas locuções como licenciadas pela metáfora A RAIVA É FOGO.

No terceiro capítulo, mostramos como tem sido a prática lexicográfica em língua espanhola através da resenha de algumas obras importantes do gênero. Além disso, com destaque para alguns dicionários especiais de fraseologismos, mostramos os tipos de agrupamentos usados para a ordenação das unidades fraseológicas nesses dicionários. Esse momento constitui uma parte importante de nossa pesquisa, posto que introduz a nossa argumentação sobre as vantagens de se expor o *input* lexical ordenado metaforicamente. Essa discussão está fomentada por pesquisas na área que corroboram a eficácia da ordenação metafórica para a retenção e a produção lexicais.

Baseadas nessa perspectiva, seguimos com o quarto capítulo, no qual apresentamos nossa proposta de glossário didático, o GOLVE, com os verbetes ordenados pelas metáforas conceituais, explicadas no capítulo 2, além de algumas sugestões de atividades. Naturalmente, é uma proposta inicial e se faz necessário um estudo maior e mais profundo, englobando não só os lexemas analisados na presente pesquisa, como também outros lexemas do mesmo campo semântico da RAIVA. Acreditamos que este trabalho pode fornecer subsídios para vários outros que contemplem os temas da fraseologia, da lexicografia e da metáfora conceitual.

Uma primeira sugestão que deve valorizar a presente pesquisa é discussão das classificações das fraseologias e das estruturas sintáticas dessas. Tal discussão permitiria acrescentar ao presente modelo outras unidades fraseológicas pertencentes a diferentes subcategorias, permitindo a produção de uma proposta, nos termos do GOLVE, mas mais ampla, por contemplar não apenas as locuções verbais como também as outras categorias: colocações e enunciados fraseológicos (provérbios e fórmulas situacionais).

Outra pesquisa que consiste uma base salutar para algumas possíveis deficiências na presente proposta é a aplicação de experimentos, nos quais fossem verificadas as vantagens nesse tipo de ordenação lexical metafórica e no uso do GOLVE em sala de aula.

Há ainda a possibilidade de se desenvolver um estudo mais aprofundado com nativos espanhóis para verificar os conceitos metafóricos existentes nessas comunidades linguísticas não só para o domínio da RAIVA como também para

outras emoções como o MEDO, o AMOR, a PAIXÃO, o DESEJO, a INVEJA, dentre outras.

Não podemos deixar de mencionar também a necessidade da criação de *corpora* eletrônicos com a possibilidade de consultas específicas de fraseologismos. Seria interessante que um *corpus* eletrônico, como por exemplo o CREA, além de todos as vantagens que apresenta, fornecesse ainda filtros para fraseologias.

Essas são apenas algumas indicações de como a teoria da metáfora conceitual pode contribuir para a didática das unidades fraseológicas de forma a aumentar a sua retenção por brasileiros estudantes de espanhol. Esperamos ter contribuído para o avanço desse tema ainda tão pouco explorado.

Referências Bibliográficas

ALVAR ESQUERRA, M. *La enseñanza del léxico y el uso del diccionario*. Madrid: Arco Libros, 2003.

BINON, J. e VERLINDE, S. *A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda*. In: LEFFA et al. *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000. 95-115.

BLOMFIELD, L. *Language*. Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1933.

BOERS, F. e DEMECHELEER, M. A cognitive semantic approach to teaching prepositions. *ELT Journal*, Londres, v. 52, n. 3, p.197-204. 1998.

BOERS, F. Metaphor awareness and vocabulary retention. *Applied Linguistics*, Oxford University Press, v. 21, n. 4, p. 553-571. 2000.

COLLINS COBUILD, *English Dictionary*. London: HarperCollins, 1995.

CORNEJO, M. F. Una metáfora urbana: las personas son líquidos que fluyen. In: RIVANO et al. *Lenguaje y cognición*. Concepción: Universidad de Concepción, 2004. cap. 9, p. 145-165.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução de: Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas: editora da Unicamp, 2003.

CUENCA, J. & HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

DEIGNAN, A. *English guides 7: metaphor*. Londres: Collins Cobuild, 1997.

FRASER, B. Idioms within a transformational grammar. *Language Research Foundation*, Cambridge: Massachusetts, p. 23-42. 1970.

GIBBS, R. W. Jr. Psycholinguistic studies on the conceptual basis of idiomaticity. *Cognitive Linguistics*, [S.L.], v.1, n. 4, p. 417-449. 1990.

GIBBS, R. W. Jr. Figurative Thought and Figurative Language. *Handbook of Psycholinguistics*. San Diego: Academia Press, p. 411-446, 1994.

GIBBS, R.W. Jr. Why many concepts are metaphorical. *Cognition*, [S.L.] v. 61, p. 309-319, 1996.

GREGORIO DOVAL. *Del hecho al dicho*. Madrid: Ediciones del Prado, 1996.

HAENSCH, G. e OMEÑACA, C. *Los diccionarios del español en el siglo XXI: problemas actuales de lexicografía, los distintos tipos de diccionarios: una guía para el usuario, bibliografía de publicaciones sobre lexicografía*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

HERNÁNDEZ, H. H. La lexicografía didáctica del español: aspectos históricos y críticos. In: WERNER, R. e MORÁN, M. T. F. (orgs.) *Lexicografías iberorrománicas: problemas, propuestas y proyectos*. Madrid: Iberoamericana, 1998. 49-79.

IÑESTA, E. M. e PAMIES, A. *La conceptualización de la ira a través de las unidades fraseológicas* [online]. 2000a. Acessado em: 24/07/06. Disponível em: <http://ashda.ugr.es/laboratorio/ira.htm>.

IÑESTA, E. M. e PAMIES, A. *El miedo en las unidades fraseológicas: un enfoque interlingüístico* [online]. 2000b. Acessado em: 24/07/06. Disponível em: http://elies.rediris.es/language_design/LD3/pamies-inesta.pdf.

KEMPSON, R.M. *Teoria e semântica*. Tradução de: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KÖVECSES, Z. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1989.

KÖVECSES, Z, e SZABÓ, P. Idioms: A view from Cognitive Semantics. *Applied Linguistics*. [S.L.], v. 17, n. 3, p.326-355, 1996.

KÖVECSES, Z et al. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press. 2002.

KÖVECSES, Z. A cognitive linguistic view of learning idioms in an FLT context. In: PUTZ, M., NIEMEIER, S. e DIRVEN, R. (Orgs). *Applied Cognitive Linguistics: Theory, Acquisition and Language Pedagogy*. New York: Mouton de Gruyter, 2001. 87-116.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Tradução de: Maria Sophia Zanotto et al. São Paulo: Educ-Editora da Puc, 2002.

LAZAR, G. *Meanings and Metaphors. Activities to practice figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

LIMA, P. L. C. Metáfora e linguagem. In: FELTES, H. P. M. (Org.). *Produção de Sentidos: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: EducS, 2003. 115-180.

LIMA, P. L.C. Metáforas e ensino/aprendizagem de língua estrangeira. In: LIMA, P. L. C. & ARAÚJO, A.D. (Orgs.) *Questões de Lingüística Aplicada: Miscelânea*. Fortaleza: Editora UECE, 2005. 97-123.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Tradução de: Marilda Winkler Averburg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MAKKAI, A. Idiomaticity as a language universal. *Universal of human language*, Stamford University Press, v.3, p.401-448, 1978.

MARQUES, M. H. D. *Iniciação à Semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MARTÍNEZ, I. P. ¿Colocaciones o locuciones verbales? *Separata de Lingüística Española Actual*, Madrid: Arco Libros, v.23, v.1, 2001. p.57-88.

MARTÍNEZ, I. P. *Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español*. Madrid: Arco Libros, 2002.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B. B; A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. 17-52.

NEVES, M.H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NÖTH, W. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.

NÖTH, W. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.

POTTIER, B. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Tradução de: Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) (*on line*). *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <http://www.rae.es>.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) (*on line*). *Corpus de referencia del español actual*. Disponible em: <http://www.rae.es>.

REDDY, M.J. *The conduit metaphor – a case of frame conflict in our language about language*. In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and thought*. Nova York: Cambridge University Press, 1979.164-201.

RUIZ GURILLO, L. *Aspectos de fraseología teórica española*. Valencia: Universitat de València. 1997.

RUIZ GURILLO, L. *Las locuciones en español actual*, Madrid: Arco Libros, 2001.

RUIZ GURILLO, L. *Ejercicios de fraseología*. Madrid: Arco Libros, 2002.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de: Antonio Chelin, José Paes, Isidoro B. L. e Kspein. São Paulo: Cultrix, 1999.

SKOUFAKI, S. *Investigating L2 idiom instruction methods*. 2005. 273p. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Cambridge, Cambridge, 2005.

TAGNIN, STELLA E.O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES. *Señas: diccionario para la enseñanza de lengua española para brasileños*. Traducido por: Eduardo Brandão e Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VARELA, F. & KUBARTH, H. *Diccionario fraseológico del español moderno*. Madrid: Gredos, 1994.

VESPOOR, M. e LOWIE, W. Making sense of polysemous words. *Language Learning*. [S.L.], v. 53, n. 3, p. 547-586, 2003.

WEINREICH, U. Problems in the analysis of idioms. *Substance and structure of language*. Berkeley: University of California Press, p. 23-81, 1969.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Relação alfabética das unidades fraseológicas em espanhol e de suas equivalentes em português do Brasil.

Unidade fraseológica em espanhol	Equivalentes em português
al lado	ao lado
a lo mejor	Talvez
a medias	pela metade
a pesar de	A pesar de
arder la sangre	Ferver o sangue
blanco como la pared	branco da cor da parede
calentar la sangre	esquentar o sangue
Cargársela	Ralhar
carta blanca	carta branca
con el fin de	com a finalidade de
con objeto de	com o objetivo de
con vistas a	com vistas a
costar el ojo de la cara	custar o olho da cara
de postín	Significa 'luxuoso', não encontramos uma equivalente
de vez en cuando	de vez em quando
dormir como un tronco	dormir como uma pedra
echar chiribitas	soltar faíscas
echar chispas	soltar faíscas
echar espumarajos por la boca	espumar de raiva
echar fuego por los ojos	soltar fogo pelos olhos
echar humo	estar fumaçando/ bufar (de raiva)
echar lumbre	Soltar fogo

en aras de	em vias de
en torno a	em torno de/ a respeito de
error garrafal	erro gritante / erro crasso
estar fuera de sí	estar fora de si
estar hasta el gorro	estar até o pescoço
estar hasta la coronilla	estar por aqui (fazendo gesto indicando a cabeça)
estirar la pata	estirar as canelas / bater as botas
encender la sangre	esquentar o sangue
Feliz Nochebuena	Feliz Natal
Feliz Nochevieja	Feliz ano novo
gracias a	obrigado(a) por
hacer las camas	fazer as camas
Hasta luego	Até logo
hervir la sangre	ferver o sangue
ignorancia supina	ignorância completa
Ir y venir	ir e vir
irse con el rabo entre las piernas	Ir com o rabo entre as pernas
La ocasión hace al ladrón	A ocasião faz o ladrão
listo de manos	Significa 'ter destreza para furtar ou tirar proveito de algo'. Não encontramos uma equivalente.
Lo poco agrada, y lo mucho enfada	O pouco agrada e o muito aborrece
mondo y lirondo	puro e simples
mosca / mosquita muerta	mosca morta
nadar y guardar la ropa	cautela e canja de galinha nunca fez mal a ninguém

no pegar ojo	não pregar o olho
no tener oficio ni beneficio	não ter eira nem beira
oler a cuerno quemado	cheirar a chifre queimado
perder la cabeza	perder a cabeça
poner la mesa	pôr a mesa
quedar helado	ficar gelado
quemar la sangre	queimar o sangue
¿Qué tal?	Como vai?
sacar de quicio	tirar do séio
salir de sus casillhas	tirar do sério
sano y salvo	são e salvo
santo y seña	Não encontramos uma expressão lexical equivalente em português. Ver nota de rodapé, página 41.
ser el retrato vivo de alguien	ser o retrato vivo de alguém
ser malo	ser mau
subir la sangre a la cabeza	subir o sangue à cabeça
tabla de salvación	tábua de salvação
tener frito [a alguien]	fritar alguém
traer cola	trazer conseqüências / pagar o pato

APÊNDICE II – Relação alfabética das unidades fraseológicas em inglês ou francês e de suas equivalente em português do Brasil

Unidade fraseológica em inglês e em francês	Correspondente em português
an old flame	uma velha chama
blow up	explodir (de raiva)
breathe down your neck	estar sufocando alguém
burn the candle at both ends	trabalhar demais/gastar muita energia
cut down	reduzir (referente à despesa)
entrer en colère	ficar possuído de raiva
face the music	arcar com as consequências/receber o que merece/pagar o pato
Happy New Year	Feliz ano novo
kicked the bucket	bater as botas
lay down the law	ditar a lei
let the cat out of the bag	dar com a língua nos dentes
Merry Christmas	Feliz Natal
play with fire	brincar com fogo
pop the question	pedir a mão
spill the beans	dar com a língua nos dentes

